UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINGUÍSTICA E TRANSCULTURALIDADE

ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS
ESPAÇOS DE SENTIDO

LUIS ANGELO LIMA BENEDETTI

DOURADOS – MS
2011

ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS
ESPAÇOS DE SENTIDO

LUIS ANGELO LIMA BENEDETTI

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD/FACALE), como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguística e Transculturalidade

Orientadora: Profa Dra Maria Ceres Pereira

DOURADOS – MS
2011

BANCA EXAMINADORA

LUIS ANGELO LIMA BENEDETTI

ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS
ESPAÇOS DE SENTIDO

Profa Dra Maria Ceres Pereira
(Orientadora/Presidenta)

Profa Dra Greice da Silva Castela
1º Membro – externo/Unioeste

Profa Dra Rita de Cássia Pachedo Limberti
2º Membro - interno

Profa Dra Dilys Karen Rees
(Suplente – UFG)

Este trabalho é dedicado a todos os professores das escolas indígenas, que diariamente enfrentam o desafio de preparar seus alunos para um mundo que muitas vezes os despreza. E, principalmente, ao valor de alguns desses alunos indígenas que, persistindo sobre todos os obstáculos, tornaram-se eles mesmos os professores.Obrigado pela companhia e pelo aprendizado que me proporcionaram. Que seus deuses iluminem sua luta pela vivificação contínua de sua língua e cultura.

AGRADECIMENTOS

A minha família, que sempre esteve presente, mesmo quando longe. Agradeço a Deus todos os dias por vocês serem tão maravilhosos como são!

A Sílvia, por toda a paciência, compreensão e apoio. Seu amor é a coisa mais importante que existe para mim. E sempre será.

Aos amigos e amigas do peito, nunca teria chegado até aqui sem seu apoio e companhia por todos esses anos.

A todos os professores indígenas envolvidos, aos quais é dedicado este trabalho.

A minha co-orientadora Profa. Beatriz Helena Dal Molin por toda a paciência, valiosos conselhos e, sobretudo, por me mostrar um caminho que, de tão escancarado diante de meus olhos, havia se tornado invisível para mim.

A minha orientadora Profa. Maria Ceres Pereira por ter sido mais que apenas uma professora, mas sim quase uma mãe. A senhora foi para mim como um foco de luz que atravessa a escuridão, rasgando as trevas da (minha) ignorância.

"Loucura? Sonho? Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira, mas tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum."

Monteiro Lobato

RESUMO

Este trabalho traz uma discussão sobre a inserção das tecnologias digitais da informação e da comunicação no agir-fazer pedagógico de educadores e professores dedicados ao ensino-aprendizagem de línguas, especialmente em contextos bi ou multilíngues complexos. Está focado na utilização dos mini sítios de *internet* chamados de *blogs,* ou diários virtuais, como ferramenta pedagógica. Trata-se do ponto de partida para novos estudos de uma metodologia cujo primeiro produto já foi entregue à comunidade, o curso: "A formação do professor de cenário plurilíngue e pluricultural", direcionado a professores indígenas de Dourados, Mato Grosso do Sul, preferencialmente falantes bilíngues, que trabalhem nas escolas das aldeias do município. Parte de uma contextualização da sociedade contemporânea dentro da era informacional, ou pós-modernidade, para a construção, a partir de aportes teóricos do bilinguismo, de uma proposta de aplicação dos *blogs* no cotidiano escolar. Traz a discussão realizada com os professores participantes sobre a importância do *blog* na escola indígena, sua capacidade de dotá-la de transparência e de capacidade de penetração na comunidade, para que o espaço escolar também se torne um espaço de resgate da língua e da cultura Guarani Ñhandeva/Kaiowá e Terena. Conclui apontando o interesse gerado no grupo de professores indígenas participantes, bem como o retorno dado por estes professores aos questionamentos levantados, trazendo uma lista dos *blogs* construídos pelo grupo durante sua participação no curso.

Palavras-chave: Contextos multilíngues complexos, *Blog*, Educação.

ABSTRACT

This research aims a discussion about the insertion of the digital information and communication technologies in the Act-do of educators and teachers dedicated to teaching of languages, primarily on the complex bi or multilingual contexts, work on the use of the web sites called blogs, or virtual diaries, as a pedagogical technique. This is the first step to futures initiatives intending to develop a methodology, which's the first product, was already delivered back to the community, the class: "Teaching on multicultural and multilinguistic scenes" directed to indigenous teachers from the city of Dourados, Mato Grosso do Sul, in particular the bilingual speakers working in the indigenous schools of the municipality. Initiate in a contextualization about the contemporary society, placed into the information age, or postmodernity, to the construction, helped by theoretical contributions from bilingualism, of a way for the use of the blogs in the school routine. Brings also the discussion held with the participating teachers about the importance of the blogs in the indigenous school, by its ability to provide transparency and to help the school to penetrate in the community, encouraging the school to become to be a space for the Guarani Nhandeva/Kaiowá and Terena's language/culture rescue and promotion. Conclude pointing about the interest generated in the group of indigenous teachers participating, as well as the feedback given by then to the questions made, placing a list of the blogs built by these teachers during their participation in the course.

Key-words: Complex multilingual contexts, Blog, Education.

INDICE

INTRODUÇÃO 11
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA. 14
1.1 – Inserções metodológicas do projeto. 16
1.1.1 – Primeiro momento: revisão bibliográfica. 17
1.1.2 – Segundo momento: dados estatísticos da *blogosfera*. 17
1.1.3 – Terceiro momento: análise dos *blogs* escolhidos. 18
1.1.4 – Quarto momento: pesquisa ação. 19

CAPÍTULO 2 - Tecnologias da informação e da comunicação digital em contextos de ensino e resgate da Língua Guarani. 21
2.1 – A sociedade da informação e da comunicação. 21
2.2 – A constituição das identidades na sociedade informacional. 28
2.3 – O mundo em direção à noosfera. 30
2.4 – Língua e cultura na era da tecnologia. 33
2.5 – Visões do bilinguísmo: caminhos a seguir 36
2.6 – concepções do bilinguismo: delineando um fenômeno social. 42
2.7 – Entre dois mundos: descrevendo o sujeito bilíngue. 52
2.8 – Preconceito e invisibilização: atitudes em relação ao bilinguismo 57
2.9 – Consequências do bilinguismo: a arena dos idiomas. 61
2.10 – Sintese histórica da vida do índio Guarani de Dourados 64
2.11 – A identidade dos povos Guaranis. 67
2.12 – A auto-determinação dos Guarani-Nhandevá: miscigenação e a busca pelo Ñande Retã, o território total dos índios guaranis. 69
2.13 – Os Guaranis e seu modus vivendi: o Tekohá. 73

CAPÍTULO 3 – Blogosfera ou blogosferas: redes virtuais de sentidos. 76
3.1 – A dimensão dos blogs. 76
3.2 – Estudo exploratório sobre a Blogosfera: a síntese de um meio. 77
3.2.1 – A Blogosfera em números. 79
3.2.2 – A presença indígena na Blogosfera: constatações e análise linear 83
3.3 - Pontos levantados durante o curso para professores indígenas bilíngues "A formação do professor de cenário plurilíngue e pluricultural" 90

4 – Considerações finais 94

REFERÊNCIAS 97

ANEXOS 100

INDICE DE ABREVIATURAS

AJI – Ação Jovem Indígena

CNpQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

E.E.I. – Escola Estadual Indígena

FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação

LIET - Linguagens em Contextos Socioculturais Diversos e Transculturalidade. Grupo de pesquisa CNPq/UFGD.

OIT – Organização Internacional do Trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

PIN – Posto Indígena

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RCNEI – Referencial - Referencial curricular nacional para escolas indígenas

TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação.

UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados

Gráfico 1 – Internautas, por gênero. 80
Gráfico 2 – Internautas, por idade. 80
Gráfico 3 – Internautas, distribuição geográfica. 81
Gráfico 4 – Blogs, por natureza. 82
Gráfico 5 – Blogs, por temática. 82
Gráfico 6 – Páginas indígenas, por tipo. Fonte: os autores 86
Gráfico 7 – Blogs indígenas, forma de administração. 76
Gráfico 8 – Blogs, preferência por provedor. 87
Gráfico 9 – Utilização do guarani. 88
Gráfico 10 – Blogs, participação guarani. 88
Gráfico 11 – Blogs indígenas, por temática. 89

Quadro 1: Denominações dos povos guarani. 68
Quadro 2: mapa das aldeias Guarani 72
Quadro 3: Sites indígenas brasileiros, segundo o site Povos Indígenas do Brasil. 84
Quadro 4: Sites indígenas brasileiros, segundo o blog Serra Raposa do Sol. 85
Quadro 5: Sites indígenas brasileiros, retorno do Google (www.google.com). 85
Quadro 6: Comparação de dados – blogs escolhidos. 89/90
Quadro 7: Blogs criados durante o curso. 93

INTRODUÇÃO

Delineado a partir de contatos diretos com os índios guaranis e terenas das aldeias de Dourados, o presente estudo tem como objetivo tornar-se o ponto de partida para novos questionamentos e estudos voltados para a autonomia do indígena no sentido do resgate de sua cultura, língua e dignidade cidadã, a partir do emprego da tecnologia digital e da *internet*, dada a situação que sempre permeou a vida dos autóctones em nosso país.

Cercados por uma civilização hostil, isolados de seus pares e imobilizados dentro de territórios arbitrariamente delimitados, as populações indígenas vivem em um "entre-mundos", no qual dois sistemas de diferenciação e nomeação das coisas se enfrentam, com seus espaços tradicionais em franca desvantagem política, social e tecnológica.

O presente estudo foi pensado a partir do contato com as populações indígenas de Dourados, durante o projeto "Comunicação popular entre jovens indígenas de Dourados: mobilização pela segurança alimentar e nutricional da comunidade", iniciativa feita em parceria entre a UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados e a ONU – Organização das Nações Unidas, através das suas agências: FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (Food and Agriculture Organization), PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, OIT – Organização Internacional do Trabalho, OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde e UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância (United Nations Children's Fund) e aplicado nos locais a seguir citados.

Aldeia Bororó e Jaguapiru: situadas no subúrbio de Dourados, seus limites já se chocam com os bairros periféricos da cidade. Sua população é composta por indígenas das etnias Guarani-Kaiowa, Guarani-Ñhandeva e Terena, estes últimos trazidos para a região por ação governamental e impostos aos guaranis. Populosas e problemáticas, as aldeias de Bororó e Jaguapiru são vizinhas, havendo grande trânsito de moradores entre elas. Totalizam cerca de 12.000 indivíduos e contam com escolas e outros aparelhos públicos, programas de saúde providos pelo governo e, atualmente, por conta do crescimento da violência, passaram a ter policiamento frequente, provido pela Polícia Federal e pela Guarda Nacional.

Aldeia Panambi: situada no sub-distrito de Panambi, na cidade de Dourados, distante cerca de 30km do centro. Sua população é totalmente composta por indígenas

da etnia Guarani-Kaiowa. Pequeno, este povoado conta com aproximadamente 500 indivíduos. Seu afastamento geográfico e seu pequeno contingente populacional lhes foram benéficos no sentido de preservar a comunidade de parte dos problemas que assolam as duas aldeias maiores, porém problemas comuns também se fazem sentir.

As raras iniciativas dos indígenas de midializarem-se, saindo dos meios marginais e folclóricos (Beltrão, 1968), inserindo-se nos canais digitais, como a AJI – Ação Jovem Indígena (http://ajindo.blogspot.com) – são feitas a partir do português e não da língua de berço cf. Rcnei, 2009. Durante a análise dos *blogs* proposta por este projeto, iremos justamente demonstrar essa sutil faceta da dominação cultural que coloca em risco de extinção as culturas indígenas: a invisibilização da língua.

Dentro dos espaços de sentido criados pela *internet*, nossa pesquisa verificou que o Guarani só circula na vertente vernacular paraguaia - Guarany Paï-tavyterã, (http://avakotepa.blogspot.com.br). A língua Terena encontra ainda menos espaços, limitando-se a algumas frases e termos (religiosos, culturais, sociais) ainda utilizados que, conforme Limbert (2009), revela que este povo se encontra mais próximo aos costumes não indígenas.

A partir da análise dos *blogs* da Escola Estadual Indígena (E.E.I.) Aldeia Uruity (http://guaraniuruity.wordpress.com) localizada na cidade de Miracatu, Estado de São Paulo que atende a etnia Guarani e da E.E.I. Pamaali (http://pamaali.wordpress.com), localizada às margens Rio Içana, no Alto Rio Negro, extremo noroeste da Amazônia, que atende as etnias Baniwa e Coripaco. Naquela região no ano de 2002, os povos indígenas conquistaram a cooficialização de três línguas: Ñhengatu, Tukano e Baniwa pela lei 145/2002 de 22/11/de 2002 do vereador indígena Camico Baniwa.

Também participamos, na qualidade de professor-auxiliar, do curso "A formação do professor de cenário plurilíngue e pluricultural", ministrado pela professora Doutora Beatriz Helena Dal Molin, docente da Unioeste/Pr, voltado à capacitação de professores indígenas bilíngues para a utilização dos *blogs* como ferramenta de ensino de língua em contextos complexos.

Do referido curso originou-se uma rede de ações voltadas ao resgate da língua das etnias locais Guarani-Kawoa/Ñhedeva e Terena, que através do emprego das tecnologias digitais, configurará uma rede de sentidos que divulgará nas línguas citadas, as atividades das escolas das aldeias e outras atividades e interesses relativos à cultura e preservação das línguas de berço.

Esta dissertação se organiza em três capítulos, sendo que no primeiro capítulo tratamos de realizar uma revisão a respeito dos apontamentos metodológicos que nortearão essa pesquisa, delineando o escopo teórico que fundamenta essa pesquisa, que parte da influência das novas tecnologias digitais da informação e da comunicação na configuração dos tempos atuais como a era da informação, ou pós-modernidade, para dialogar com os aportes teóricos dos estudos de bilinguismo feitos no sentido de explicitar o que entendemos por um sujeito bilíngue neste trabalho. Segue-se uma síntese histórica do povo Guarani como forma de contextualizar a vivencia desse povo na atualidade, a partir de um resgate de sua trajetória. No terceiro capítulo, traremos da pesquisa realizada nos meios digitais em busca de *sites* e *blogs* produzidos em língua indígena, assim, desenvolvendo análise associada a resultados do curso: "A formação do professor de cenário plurilíngue e pluricultural" como contribuição a estudos futuros no estímulo a que as línguas indígenas ganhem novos espaços sociais de circulação. Finalmente, serão dispostos alguns resultados das reflexões que o desenvolvimento e conclusão deste trabalho trouxeram, bem como apontamentos para futuras pesquisas.

1 – Metodologia

> Os seres humanos são os únicos que fazem perguntas. São os únicos para quem o mundo é (...) significação problemática, jamais dada completamente, jamais fechada. O humano, sua linguagem e seu mundo estão engajados em uma relação circular de coprodução. (LEVY, 2001, p.142)

Procuraremos neste capítulo discutir aportes de diferente correntes teóricas dedicadas à investigação dos processos de construção do conhecimento, na busca de perspectivas que possam, ao mesmo tempo, garantir a cientificidade do presente estudo e proporcionar abordagens que abarquem a contento o campo de pesquisa escolhido.

Ao analisar os níveis de conhecimento, Mattar (2005) classifica-o em popular ou empírico; conhecimento religioso ou teológico; conhecimento filosófico; e conhecimento científico. No primeiro nível, o conhecimento popular ou empírico, é profundamente ligado com os órgãos sensoriais dos seres humanos, e é adquirido partir das experiências cotidianas das pessoas. Também denominado de senso comum, não possui qualquer metodologia ou processo de revisão ou julgamento sobre sua validade, carecendo de confiabilidade. O conhecimento religioso ou teológico sofre de carência de confiabilidade, uma vez que é constituído por afirmações dogmáticas, ou seja, o conhecimento religioso não é passível de quaisquer verificações, sendo sua aceitação ou refutação uma questão de fé: a pessoa acredita ou não. O conhecimento filosófico surge como busca de um saber desvinculado dos mitos e lendas, construídos sobre a reflexão e a racionalidade, que no ocidente surge, segundo Mattar (2005), com os pensadores pré-socráticos da Grécia antiga. Caracteriza-se por um contínuo diálogo entre o conhecimento atual e o conhecimento precedente, uma meta-ciência que não se destina a descrever a realidade (ou aplicar-se a ela), mas sim se volta ao universo interior.

Corroborando, Parra Filho & Santos (1998) colocam que "*a filosofia é uma tentativa do espírito humano de chegar a uma concepção do universo, mediante a auto-reflexão sobre suas funções valorativas, teóricas e práticas*" (PARRA FILHO & SANTOS, 1998, p. 16). Os autores apontam ser essa vertente do pensamento uma busca pela apreensão do objeto, não apenas fixado a um único aspecto, mas sob a ótica de um pensamento que transcende a mera percepção sensorial.

A filosofia é uma reflexão sobre as atividades do espírito, de forma que o pensamento filosófico não pode ser encarado como ciência, apesar de ser "*a ciência-mãe da qual foram (...) separando-se as formas de pensar e métodos que mais tarde se especializaram e tornaram independentes, e que hoje consideramos ciências*" (MATTAR, 2005, p. 03).

Talvez a grande diferença entre ciência e filosofia, segundo Mattar (2005), resida na questão metodológica. O conhecimento filosófico, assim como o científico, é operado a partir da racionalidade, mas constitui-se também num exercício eminentemente intuitivo, cujo ocorrer dificilmente pode ser descrito segundo uma metodologia que organize as fases do processo em etapas que possam ser, posteriormente, percorridas por pesquisadores futuros que se debruçarem sobre o mesmo objeto.

Como coloca Mattar:

> O conhecimento científico, assim como o filosófico, é racional, mas tem a pretensão de ser sistemático e de revelar aspectos da realidade. As noções de experiência e verificação são essenciais nas ciências; o conhecimento científico deve ser justificado e é sempre passível de revisão, desde que se possa provar sua inexatidão. (MATTAR, 2005, p. 05).

O autor coloca que a discussão epistemológica atual questiona a existência de uma suposta lógica geral, única e totalmente abrangente, que abarcaria todo o pensamento racional, antes preferindo uma abordagem da lógica como um sistema complexo, composto por diferentes formas de pensamento.

Enquanto Parra Filho & Santos (1998, p.33) classificam a lógica como um "*acordo do pensamento consigo mesmo*" dividindo esse conceito em três partes fundamentais: a ideia, ou representação; o juízo, a atribuição de valores e hierarquias; e o raciocínio, a reflexão, o trato da mente sobre os dados captados do ambiente. Para os autores é a lógica que realiza a abstração da matéria rumo ao universo conceitual.

De qualquer maneira, uma forma de pensar constitui estruturas e entrelaçamentos de conceitos que acabam por condicionar seus seguidores à adoção de determinadas verdades irrefutáveis, científicas ou dogmáticas. Sintetizando uma qualidade essencial a qualquer forma de raciocínio academicamente aceitável, Severino (2001) aponta que deve constituir-se "*de um processo lógico de pensamento pelo qual de conhecimentos adquiridos, se pode chegar a novos conhecimentos com o mesmo coeficiente de validade dos primeiros*" (SEVERINO, 2001, p. 187)

1.1 - Inserções metodológicas do projeto

Nesta pesquisa partiremos do reconhecimento do caráter de convergência da *internet* e das Tecnologias digitais como foco para o qual vários aspectos do pensamento humano parecem migrar de forma quase espontânea.

Dividimos este projeto em quatro diferentes etapas, ou momentos, utilizando metodologias específicas para o cumprimento de cada qual. Primeiramente procederemos a uma pesquisa bibliográfica, após a qual realizaremos um levantamento de dados na *internet*, mais especificamente na *blogosfera*, de caráter quantitativo, do qual obteremos informações suficientes para isolar dois *blogs* que, cumprindo as exigências previamente colocadas por este projeto, serão alvo de um estudo mais detalhado, observando-se sua composição comunicacional e linguística. No quarto momento desta pesquisa sob a abordagem da pesquisa-ação, deteremo-nos na descrição da nossa participação no curso "*A formação do professor de cenário plurilingue e pluricultural*"[1] do Programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) a convite do grupo de estudo Linguagens em Contextos Socioculturais Diversos e Transculturalidade (LIET) .– e da SEMED/Dourados, realizado pela FACALE – UFGD, Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados fazendo as devidas inferências e interferências.

1.1.1 – Primeiro momento: revisão bibliográfica

No que concerne à revisão bibliográfica no presente estudo, realizaremos uma revisão nas fontes que corroboram com nossa intenção investigativa, traçando um percurso que se inicia a partir de considerações epistemológicas sobre o conhecimento sobre bilinguismo e a presença da tecnologia digital em contextos de preservação e divulgação das línguas indígenas (guarani Ñhadeva- kaiwoa e Terena).

Enfocaremos amiúde os estudos de bilinguismo procedendo a um diálogo com os autores consultados para levantar questões pertinentes e orientações metodológicas que auxiliarão a análise do objeto, que se configura na ciência de apontarmos a (in)visibilidade das línguas indígenas citadas em ambientes do ciberespaço.

---

[1] *O curso de formação foi possível em função do projeto "A formação do professor de cenário plurilíngue e pluricultural" ministrado pela Profª Drª Beatriz Helena Dal Molin como uma das ações do Projeto de Pesquisa - Investigações em Linguística Aplicada Entre Política Linguística à Educação Bilíngue – O Caso dos Tekohá fomentado pela CNPq e coordenado pela Profª Drª Maria Ceres Pereira*

Resumidamente traremos a cena um percurso histórico dos caminhos percorridos pelos índios Guarani ao longo da história, sob um olhar da situação das línguas em uma relação de bilinguismo em meios.

Finalmente, levantaremos alguns apontamentos sobre o meio digital, enquanto fato social e evolução tecnológica, traçando um breve histórico da *internet* como base para descrever os mini-sítios chamados *blogs*, suas características e caminhos no universo virtual. Também utilizaremos essa revisão de apoio para a análise da presença da tecnologia em contextos de ensino nas escolas das aldeias de Dourados.

1.1.2 – Segundo momento: dados estatísticos da *blogosfera*

Em relação aos levantamentos estatísticos, Parra Filho & Santos (1998) ressaltam que um trabalho científico precisa prezar antes de tudo pela exatidão e pela qualidade, dispondo os dados de forma clara e de fácil compreensão, para que validade ou não das descrições, conclusões e questionamentos da tese possam ser facilmente testados por outros pesquisadores que, futuramente, optem por se apoiar na teoria ora em construção.

Partiremos de um estudo sobre o levantamento de dados da *internet* e da *blogosfera*, a partir de relatórios e informes dos *sites* provedores do serviço de *blogs*, em uma perspectiva da estatística descritiva, "*que tem por objeto a apresentação de fenômenos, vai possibilitar ao pesquisador uma grande quantidade de informações, permitindo reflexões e formulações de hipóteses de trabalho*" (PARRA FILHO & SANTOS, 1998, p.91).

No primeiro patamar realizamos a observação da *blogosfera*, focados nos *blogs* produzidos sobre temas indígenas do Brasil feitos em língua de berço, quer de escolas ou não, especialmente de povos de língua Guarani.

No segundo patamar selecionamos duas publicações virtuais, dentro dos parâmetros a seguir apontados, para proceder a uma análise de sua estrutura e conteúdo, bem como da presença da língua indígena nas produções textuais postadas. A seleção foi feita a partir dos seguintes parâmetros:

A. Ser um *blog*, criado e mantido como tal, atualmente no ar;

B. Ser produzido por escola indígena, em qualquer idioma;

C. Preferência por *blogs* ligados a temáticas indígenas, em língua de berço Guarani Ñhandevá/ Kaiwoá.

1.1.3 – Terceiro momento: análise dos *blogs* escolhidos

Nossa análise parte dos seguintes pontos, ancorada por Penteado, Santos & Araújo (2009). Em relação à localização do *blog*, esta pode ser classificada entre institucional, independente e *blogs* de entidades da sociedade civil. Os *blogs* de entidade da sociedade civil são aqueles criados e mantidos por organizações ou entidades civis, tais como escolas, associações, clubes, coletivos culturais, entre outros. Normalmente são *blogs* no formato de fóruns de debates, orientados a assuntos específicos. São espaços destinados à conscientização e mobilização das pessoas em prol de objetivos geralmente bem delimitados, tais como ecologia, segurança social, valorização racial e cultural das minorias, entre outras. Outra característica desses *blogs* é que seu alcance é restrito, atingindo normalmente apenas um público específico.

Penteado, Santos & Araújo (2009) apresentam cinco quesitos a serem considerados na análise da estrutura do *blog*, a saber:

A. Verificação das mensagens. Análise da área principal e das postagens do *blogueiro*, atentando para a periodicidade de publicação/atualização; a existência ou não de links no hipertexto[2] ; a existência ou não de espaços para que outros indivíduos se manifestem e; a existência ou não de outros serviços.

B. Verificação da interatividade. Como colocam os autores, essa é uma das características que definem a rede *blog*, a interação entre emissores e receptores da mensagem, que indica o grau de interatividade, somente leitura, contato por *e-mail* ou constituição de um fórum e; se a participação é livre ou condicionada a algum tipo de normatização.

C. Verificação da biografia. Aspecto da análise importante, sobretudo ao observarmos os ditos *blogs* independentes, criados e mantidos por pessoas físicas sem grande expressão ou conhecimento por parte da população em geral. Busca a trajetória ou o currículo de vida do *blogueiro*, como forma de definir o perfil do sítio.

D. Verificação dos *links*. Nome originado na palavra inglesa para 'ligação', são as pontes virtuais entre diferentes *sites*, que operam por redi-

---

[2] *O hipertexto é o formato digital do texto. É composto, além de palavras, imagens e sons, por referências denominadas "hiperlinks" ou simplesmente "links", marcações do texto que fazem a interligação do texto com outros textos relacionados ou mesmo a interligação entre partes diferentes do mesmo texto. O termo "link" significa "ligação" em inglês e é aplicado a um hipertexto selecionando-se uma palavra ou grupo de palavras, as quais, quando clicadas, remetem o internauta a um destino específico.*

recionamento da navegação após o internauta selecionar o link desejado. Podem ser divididos entre os que fazem o redirecionamento interno, ou seja, para outras áreas do mesmo *blog*; ou externo, o redirecionamento para outros sítios.

E. Verificação da existência de outros serviços. A observação e mensuração dos outros espaços do *blog*, se estes ofertam entrevistas, artigos, material para download, pesquisas de opinião, banco de imagens ou dados, entre outros.

Dos quesitos acima relacionados formalizaremos em nossa análise pontos que julgamos pertinentes ao foco da pesquisa: natureza das postagens e objetivos do *blog* a partir da classificação a seguir apontada:

A. Informativo: postagens que se referem à informação de um acontecimento ou fato, sem que sejam expressos julgamentos ou opiniões próprias;

B. Opinativo: postagens que, junto à colocação do fato, trazem uma reflexão do autor sobre este fato;

C. Posicionamento Político: postagens que evidenciam a tomada de posição ideológica e política por parte do *blogueiro*.

D. Propositivo: postagens que se caracterizam por buscar soluções de um problema determinado, que pode ter sido posto em evidência dentro do coletivo do qual o *blogueiro* pertence.

1.1.4 – Quarto momento: pesquisa ação

A pesquisa-ação parte de um ponto de vista da ciência como processo coletivo, colaborativo e múltiplo. O pesquisador dá-se mais que a observação distante, ocupando funções ativamente envolvidas no trabalho feito em vistas à solução das situações adversas localizadas, numa perspectiva nitidamente empirista, conforme apontam Marques *et al* (2006).

Todo o trabalho de pesquisa e desenvolvimento realizado neste projeto culminou em uma ação de intervenção direta: a concretização de um coletivo de educadores e falantes bilíngues criado para estabelecer um espaço de formação e aprendizado, uma arena de livre troca de ideias e metodologias, na qual todos possam realizar suas contribuições dentro de um clima de amizade e companheirismo.

Durante a realização do curso "*A formação do professor de cenário plurilíngue e pluricultural*", juntamente à 12 professores indígenas, além de indivíduos bilíngues das aldeias de Dourados convidados pelos professores para participar do curso, envolvemo-nos diretamente com as pessoas cujo agir profissional é o foco desta pesquisa, contribuindo com sua qualificação profissional e ajudando-os concretizar sua participação, acompanhando-os na concepção e produção dos *blogs* em língua indígena.

A interferência do pesquisador deu-se no auxilio ao domínio das ferramentas tecnológicas, (plataforma de estudos e de desenvolvimento dos *blogs*), no incentivo ao uso do idioma de berço e à interação assíncrona através dos comentários dos blogs dos colegas, além de intervir em questões infraestruturais de acesso e busca dos conteúdos a serem abordados.

O curso foi criado dentro da plataforma *Moodle*, disponibilizada pelo Departamento de Ensino da Distância da UFGD, pela qual todas as discussões e fóruns realizados no encontro foram propostos, lidos e respondidos em ambiente virtual, de forma que os participantes continuassem a ter acesso às dinâmicas realizadas nos encontros, bem como permanecerão às discussões criadas virtualmente, posteriores ao encontro inicial.

2 - Tecnologias da informação e da comunicação digital em contextos de ensino e resgate da Língua Guarani

Este capítulo subdivide-se em quatro sessões e tratará de tecer considerações em termos de contextualizar o emprego das tecnologias de comunicação e informação, em uma realidade de resgate da língua guarani e terena em escolas indígenas localizadas em situação de abrangência do município de Dourados, mato Grosso do Sul.

Faz parte de nossa pesquisa levantar problemas, dificuldades e apontar formas de aplicação de conhecimentos que auxiliem a consecução dos objetivos deste estudo, portanto, procuramos unir teoria e práxis em contextos educativos de ensino e resgate da língua guarani.

2.1 – A sociedade da informação e da comunicação

> A palavra é uma maneira de partilhar o espírito, de propagar os sonhos, de entretecer as virtualidades que alcançam os espíritos para, junto dele, fabricar o grande mundo virtual da cultura, esse mundo invisível que é a nossa mãe comum. Nossa mãe nutriz, literalmente, pois o humano que não foi alimentado com seu leite de signos e de amor em sua infância não será jamais um ser completo. (LEVY 2001, p. 138)

Estamos no limiar de uma recente revolução universal em termos de informação e comunicação, ainda mais potente que as anteriores, cujos efeitos influenciarão profundamente nossas vidas e a forma como nos localizamos em relação ao nosso movimento no mundo, nosso entendimento de convívio familiar, relações com parentes, amigos e até mesmo o modo como lidamos com os processos de ensino, bem como na ação profissional de qualquer esfera, alterando o próprio agir-fazer de educadores, professores e profissionais das diversas áreas.

Este processo, que se pode chamar de 'revolução informacional', diz respeito não apenas da invenção das máquinas e da *internet*, pois tem íntima ligação com a popularização do computador e das tecnologias da informação que possibilitaram a grande tessitura da rede mundial.

Podemos afirmar que nunca antes, desde o século XVII, mesmo com o advento da imprensa, a redistribuição do conhecimento se alterou e expandiu tanto. O

progresso tecnológico e a produção do conhecimento, antes confinados a ambientes controlados tais como as escolas e universidades, bem como institutos de pesquisa governamentais e grandes complexos industriais, passam a se constituir em um domínio público, na medida em que o próprio conhecimento passa a ser compilado e compartilhado pela rede mundial de computadores, tangendo todos os indivíduos conectados, como definiu Castells (2010, p.107):

> Na realidade, é mediante essa interface entre os programas de macro-pesquisa e grandes mercados desenvolvidos pelos governos, por um lado, e a inovação descentralizada estimulada por uma cultura de criatividade tecnológica e por modelos de sucessos pessoais rápidos, por outro, que as novas tecnologias da informação prosperam.

Também a produção intelectual e o agenciamento midiático de ideários e ideologias, historicamente controlado por governos e grandes conglomerados da indústria cultural, com o advento da *internet* e da popularização das tecnologias necessárias para a captação, processamento e compartilhamento de hipertextos, imagens e sons, passaram do estado de um monopólio de poucos para um estado de bem público, acessível ao cidadão médio.

Segundo Castells (2010), o estabelecimento da sociedade em rede suportado pela *internet*, com essa nova dinâmica das identidades flutuantes, surgida durante o processo de entrelaçamento das vias de informação ao redor do globo terrestre, traz consigo o fim de uma era.

Segundo o autor, até a Revolução Industrial a curva do crescimento técnico-tecnológico humano desenvolveu-se de forma cadenciada, como uma progressão geométrica. Porém, a partir principalmente do século XVIII, o ritmo de crescimento passa a se acelerar continuamente, com a acumulação de conhecimento atingindo uma velocidade tal que passa a se dar de modo exponencial, de forma que, conforme assinalou Castells (2006), produção intelectual humana dos últimos dois séculos foi maior que toda a produção intelectual feita anteriormente, desde o surgimento da humanidade.

Ainda segundo Castells (2010), foram necessárias apenas cinco máquinas, inventadas todas em um período de menos de dois séculos, para transformar a sociedade medieval na sociedade moderna que configurou o século XX, através da combinação entre progresso material e deslocamento social. Da máquina que iniciou o processo

de transferência populacional do campo para a cidade, os teares mecanizados do alvorecer da revolução industrial, até o avião comercial a jato, a máquina que fez deste planeta um mundo pequeno o suficiente para ser atravessado em um dia.

Das cinco, quatro surgiram nos últimos dois séculos do milênio passado, com sua existência e adoção em larga escala fazendo parte dos vetores que impulsionaram as mudanças sociais e geopolíticas que caracterizaram esse período no qual o planeta assistiu a mundialização do capitalismo, como notou Drucker:

> Em cento em cinquenta anos, 1750 a 1900, o capitalismo e a tecnologia conquistaram o globo e criaram uma civilização mundial. Nem o capitalismo nem as inovações tecnológicas eram novidades; ambos haviam sido fenômenos comuns e recorrentes tanto no ocidente como no oriente. Novidade era a velocidade da sua difusão e seu alcance global (DRUCKER, 1993, p. 03).

Porém, como argumenta Castells (2010), até a década de 1975, as mudanças sociais e tecnológicas ainda ocorriam dentro de uma lógica linearmente compreensível, radicular, não chegando a transtornar o sistema sócio-político vigente da mesma forma que o farão as mudanças que terão lugar a partir de então. O aparecimento da turbina a jato possibilitou o deslocamento físico do ser humano a qualquer ponto do planeta de forma relativamente rápida e segura, porém a prática de deslocar-se planetariamente já era corrente há pelo menos quatro séculos.

O aparecimento da *internet* trouxe às pessoas uma nova forma de viver e localizar-se/deslocar-se no mundo, gerando um "*abraço global, abolindo tempo e espaço*" (MCLUHAN, 1974, p.17) que possibilita o deslocamento intelectual da humanidade através das culturas e espaços de significação. Esse processo passou a refletir profunda e verdadeiramente sobre o sistema social, político e econômico, acelerando a evolução humana a um novo patamar, conforme Castells (2010, p.27) resgata na definição de Giddens:

> Uma das características distintivas da modernidade é uma interconexão crescente entre os dois extremos da "extensionalidade" e da "intencionalidade": de um lado as influências globalizantes, de outro as disposições pessoais. (...) Quanto mais à tradição perde terreno, e quanto mais se reconstitui a vida cotidiana em termos da interação dialética entre o local e o global, mais os indivíduos se veem forçados a negociar opções por estilos de vida em meio a uma

> série de possibilidades. (...) O planejamento de vida organizada reflexivamente (...) torna-se característica fundamental da estruturação da autoidentidade. (GIDDENS, apud, CASTELLS, 2010, p.27).

Contrariamente à sociedade focada em si e em seus locais tradicionais, característica do pensar do final do milênio passado, onde a contraposição entre si e o mundo é obrigatória na construção do conceito de 'ser', a sociedade em rede está fundamentada na disjunção sistêmica entre o local e o global para a maioria dos indivíduos e grupos sociais. Desta maneira, esta nova sociedade traz à tona processos de construção de identidades que se constituíram em novas formas de transformação social, como colocado por Stuart Hall:

> As sociedades da modernidade tardia (...) são caracterizadas pela 'diferença'; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes 'posições do sujeito' – isto é, identidades – para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram não é por que elas são unificadas, mas por que seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. (HALL, 2006, p.17).

Em um mundo em transformação, no qual a tecnologia, dia a dia, é o link da mente e um importante instrumento de trabalho, as instituições de ensino precisam deixar de preparar os futuros profissionais para um mundo de subalternidade, tanto do ponto de vista individual quanto na perspectiva do coletivo, portanto, importa pensar que a inclusão digital significa muito mais do que ensinar o emprego da tecnologia ou disponibilizar o acesso à rede: faz-se necessário um trabalho sério e aprofundado a fim de conhecer as demandas relativas à capacitação dos cidadãos para a lida com a tecnologia.

Revisar e agir sobre os processos do fazer didático-pedagógicos e os conhecimentos a serem construídos/trabalhados no cotidiano escolar, deve ser um procedimento e uma estratégia importantes no processo de inclusão, somando-se aos demais esforços, a formação e capacitação de profissionais que trabalham o conhecimento, a criação de redes locais e comunidades virtuais, bem como integração das políticas públicas e ações realmente voltadas a atender as necessidades de uma sociedade que caminha também pelas vias do ciberespaço como um locus de ação e complementação de conhecimentos, de atividade profissional e de um novo modo de se relacionar e ser.

Assim, o modo de atuar no espaço escolar, como queremos concebê-lo, apresenta todo o conhecimento que pode ser apreendido sob a forma de uma totalidade completa. Procura uma grande riqueza de conteúdos e uma multiplicidade de circunstâncias, ações, acontecimentos, sentimentos e sentidos, mostrando o vasto conjunto de particularidades, subordinado a um só princípio segundo o qual todas essas particularidades não seriam mais do que outras tantas emanações.

Guattari (1998, p.130-131) observa:

> A potência estética de sentir, embora igual em direito às outras – potências de pensar filosoficamente, de conhecer cientificamente, de agir politicamente –, talvez esteja em vias de ocupar uma posição privilegiada no seio dos agenciamentos coletivos de enunciação de nossa época. (...) O território existencial, aqui, se faz ao mesmo tempo terra natal, pertencimento do eu, amor do clã, efusão cósmica. Estratos espaciais polifônicos, freqüentemente concêntricos, parecem atrair, colonizar, todos os níveis de alteridade que, por outro lado, eles próprios engendram. Os objetos instauram-se em relação a tais espaços em posição transversal, vibratória, conferindo-lhes uma alma, um devir ancestral, animal, vegetal, cósmico.

Assim, as fronteiras, os sectarismos, as segmentações dos conhecimentos serão diluídos em nome da totalidade, da intensidade da vida que passará a ocupar o espaço escolar, para que as mudanças sociais ocorram e sejam capazes de levar a uma transformação ainda maior que a produzida por todas as demais invenções ocorridas até então.

Em um mundo cada vez mais alicerçado na troca de valores simbólicos do dinheiro, as tecnologias da informação estão mudando não só o enfoque socioeconômico como, da mesma maneira, também mudaram, de modo radical, o conceito que temos de trabalho e de valores de troca. A posse da terra e o fabrico de bens de consumo perdem para o valor do conhecimento. No novo paradigma de mundo que ora se desenrola, a vantagem maior do indivíduo reside em ‘conhecer mais’ que o outro, ‘saber mais’ que o outro, ‘aprender mais’ que o outro.

Neste panorama, os excluídos continuarão ainda mais excluídos, se não reivindicarmos políticas e ações que combatam o distanciamento das massas em relação às novas tecnologias e formas de produção do conhecimento, evitando desta maneira que seja criado um fosso de distanciamento e divisão similar ao analfabetismo.

O novo panorama tecnológico que ora entra em cena faz-nos entender que, se no espaço escolar, realizarem-se discussões, atividades, estudos e pesquisas com o intuito de que os envolvidos percebam o que se passa com sua subjetividade, alterada a partir das mudanças ocorridas em determinados empregos da linguagem, intimamente ligadas ao uso da tecnologia, linguagem e tecnologia podem mudar contextos sociais.

O trabalho com a linguagem e especialmente em nossa pesquisa com o resgate das línguas dos guaranis e terenas deve, pois, ultrapassar o domínio mecânico dos processos de leitura e escrita para se transformar em um trabalho de resgate das múltiplas dimensões da língua e da linguagem potencializadas pela tecnologia, em cuja esfera se possa acrescentar a beleza das imagens e sons, a multiplicidade de ocorrências e conexões, a polifonia das vozes e a capacidade de selecionar entre tantas linguagens e multiplicidades aquilo que tem significação intertextual e contextual, não apenas para educandos e interessados, mas, para os povos indígenas na qual se inserem.

Humberto Maturana (1995, p. 13), um dos intelectuais que contribuem de forma inovadora no que tange à dinâmica auto-organizativa da morfogênese do conhecimento, faz uma observação importante sobre a linguagem:

> A gente descobre que a linguagem tem a ver com o fazer (ação); a linguagem não é um âmbito abstrato. Tem tudo a ver com o fazer e tudo o que nós, os seres humanos, fazemos ocorre na linguagem. Quando aprendemos a viver na linguagem, vivemos a linguagem entrelaçada com as emoções (o emocional/ emocionar-se); vivemos as emoções que se entrelaçam com o linguajar.

Lembramos que esse entrelaçamento entre linguagem e emoção é muito pouco explorado na escola e na sociedade, principalmente quando se trata de contextos de ensino nos quais a língua de instrução conflita com a cultura de linguagem/língua dos estudantes, a partir do pertencimento destes a uma minoria linguística em contraposição com um sistema educacional baseado no idioma dominante, como o caso dos índios guaranis e terenas em Dourados, Mato Grosso do Sul.

A escola não raro ignora as múltiplas dimensões citadas anteriormente, ou seja, a dimensão imagética tanto no sentido imaginativo, quanto no da imagem. O fascínio e poder de sedução da linguagem escrita e imagética, no entanto, não são desconhecidos de ninguém. Podemos até perguntar qual dos mortais pode dizer que não se deixou fascinar por uma palavra ou por uma imagem, por mais simples que fossem?

Quem, por mais que possua inteligência abstrata, não se permitiu voar nas asas da imaginação e projetar belíssimas imagens em seu mundo virtual particular, criando e recriando novos mundos, novas realidades?

No entanto, a escola finge a não existência desses universos internos e usa as imagens apenas como modo singelo, muitas vezes descomprometido, de ilustrar as palavras impressas, de forma a não trabalhar com a língua das minorias e nem fazer um trabalho de resgate desta língua/linguagem. E mais, castra a rica imaginação infantil, enquadrando-a num mundo de caracteres abstratos e impedindo a expressão imagética tão forte nessa faixa etária.

Trabalhar com a dinâmica e na dinâmica da vida, com a transversalidade, a tecnologia, a poesia, as lendas, as canções, os hipertextos, a imagem, as várias linguagens e o resgate da língua guarani e terena, em contextos de estudo no espaço das aldeias indígenas, enquanto representação, mas também no sentido ético, estético e da compreensão da constituição de nossa subjetividade, deve ser ponto fundamental do processo de ensino-aprendizagem, no contexto de nossa pesquisa e deste estudo.

O resgate das línguas Guarani e Terena através de suas lendas, de seu imaginário e de sua música, unidos aos aparatos tecnológicos compõem o elenco de possibilidades de construção de sentidos e conhecimentos no presente trabalho, e cada qual receberá o enfoque e o tratamento que suas idiossincrasias determinarem quer como elementos estéticos, quer como simbioses que constituem a subjetividade que determina o fazer e viver da comunidade que é alvo de nossa pesquisa: a comunidade dos índios guaranis e terenas de Dourados, Estado do Mato Grosso do Sul.

Sentimos e temos consciência que o momento atual é de discussões e retomadas a respeito das identidades na teoria social, assim como temos consciência da complexidade dos tempos atuais. Lèvy (2000) coloca que a filosofia política e a reflexão sobre o conhecimento humano ocorrem mais frequentemente em épocas de estagnação da evolução tecnológica, ou ainda quando essa evolução tem seu curso previsível. Nesta época, onde a evolução técnico-tecnológica avança não apenas impetuosamente, mas também de forma bastante imprevisível, torna-se desafiador realizar-se uma reflexão profunda a respeito dessa evolução, bem como predizer o próximo passo que o processo tomará.

As velhas identidades, que estabilizaram o mundo por tanto tempo, estão agora em declínio e fragmentação, dando lugar a novas identidades ainda em desenvol-

vimento, surgidas do processo de mudança, que ora desloca as estruturas e processos centrais das sociedades modernas, processo o qual Castells (1999) vai chamar de revolução informacional.

Stuart Hall (2006) afirma que o atual processo de descentramento e fragmentação das identidades parte de uma mudança estrutural que atravessa as sociedades modernas, um deslocamento da percepção que as pessoas têm de si e do mundo, que vem esfarelando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, até então os baluartes de estabilização dos sujeitos sociais.

Essa descentração, ou deslocamento, das identidades se dá pela perda do 'sentido de si' que a transmutação do habitat social causa ao indivíduo enquanto sujeito de uma série de papeis sociais aos quais se propõe como forma de estabilizar a sua vivência e o seu desenvolvimento social e econômico.

A escola compreendida até agora, parece ser incapaz de atender aos apelos dessa nova situação social, na qual os indivíduos precisam dar conta de mover-se em um mundo em constante mutação.

2.2 – A constituição das identidades na sociedade informacional

Parece ser importante fazer os estudantes indígenas perceberem-se como sujeitos de transição, inseridos em uma arena social em transformação, com necessidade de dar à sua cultura e língua um lugar de destaque no contexto das multiplicidades e das pluralidades, de trazer seus mananciais tradicionais de cultura de volta ao seu processo diário de construção dos significados, como uma maneira de afirmar sua identidade étnica perante o macro-cosmo do mundo informacional, agindo sobre o próprio processo sociológico no qual as identidades se constituem, conforme coloca Castells (1999, v.2-p. 23):

> Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso.

Enquanto cidadãos, os estudantes das comunidades indígenas participam deste novo momento interativo e social, sendo continuamente afastados e deslocados de suas fontes tradicionais de cultura ao mesmo tempo em que, para a sociedade que os circunda, ainda permanecem intimamente ligados a esses mesmos costumes, sendo por eles e a partir deles identificados e nomeados.

Esses indivíduos denominados de 'índios' participam de uma experiência coletiva onde uma nova cultura, hegemônica e dominante sobre sua própria cultura, passa a exercer influência determinante no seu agir-viver sem que, no entanto, essa alteração tenha força suficiente para efetivar uma mudança na percepção pela qual a sociedade num todo vê essa população.

Sem espaços de expressão dessas novas identidades e nem a formação de redes informacionais entre indígenas de cultura semelhante, com seu idioma permanentemente isolado em suas comunidades, as quais normalmente são delimitadas pelas terras indígenas, os guaranis e terenas de Dourados verão suas identidades diluírem-se ao ponto de tornarem-se irreconhecíveis, fazendo com que sua cultura migre lentamente para um estado de impossibilidade social.

Não podemos, porém, tomar essas comunidades diacronicamente, encetando uma pesquisa que se constitua num estudo taxidérmico[3] , apartado do uso diário tanto das ferramentas de linguagem quanto das tecnologias de informação e da comunicação que vêm transformando o uso dessas ferramentas da linguagem.

Ao tratar da constituição das identidades a partir dos diversos atores que possam ser encontrados em um determinado ambiente social, Castells (2010) postula que a constituição da identidade dá-se sempre como uma construção feita por associação e ruptura, em uma sociedade marcada por relações de poder, de maneira que esse processo pode resultar em três diferentes identidades.

Primeiramente temos a identidade legitimadora, introduzida pelas instituições dominantes da sociedade, no intuito de expandir seu domínio em relação aos indivíduos. É esta que dá origem à sociedade civil, sob a qual o status quo se sustenta, pois estas derivam do projeto de país pertencente aos grupos da elite social, normalmente aqueles que têm a posse dos meios materiais de reprodução, o acesso às instituições de ensino de prestígio e ao poder político.

---

[3] *Compreenderemos aqui essa abordagem, a taxidérmica, como uma perspectiva voltada à construção de modelos classificatórios, tratando mais de inventariar e qualificar o objeto em estudo que em observar seus efeitos ou mesmo realizar qualquer tipo de intervenção.*

Em contraposição às identidades legitimadoras temos as identidades de resistência, criadas por atores em condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela sociedade. Normalmente sua lógica dá-se pela construção de trincheiras de resistência e sobrevivência social.

Finalmente, temos as identidades de projeto, que ocorrem quando os atores sociais, em base a qualquer tipo de material cultural, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade, de maneira revolucionar a constituição social como um todo. Acontece quando as identidades de resistência deixam suas trincheiras e ganham o palco social.

Assim, dentro do panorama que compõe as estruturas determinantes do sujeito, tanto como manifestação pública quanto como manifestação da subjetividade própria a cada indivíduo, sabemos que o conflito eu/mundo, base praticamente universal das teorias sociais do século XX, antes que abandonado, necessita ser posto em jogo com as novas expressões da individualidade, como coloca Deleuze:

> É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que dispõe sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). (DELEUZE, 2009, p.1-14)

2.3 – O mundo em direção à noosfera

A popularização da *internet* e a possibilidade de agremiação de pessoas a partir da coincidência de ideias e da semelhança de sua percepção do mundo, trouxeram a descoberta de que, apesar de cada 'universo interior' ser único e exclusivo para cada um dos seres humanos, essa exclusividade não se constitui em um fator de separação. Se o século XX perseguiu a massificação e a padronização, o novo milênio nasce sobre o signo da singularidade.

Ao descrever o processo de sublimação da humanidade pela transcrição e disponibilização digital de toda a informação disponível, Lèvy (2001) resgata o conceito de noosfera, a esfera do mundo das ideias, estágio onde todas as 'coisas' do universo estariam convertidas em ideias e conceitos, cuja convergência a um único espaço daria ao ser humano a possibilidade de navegar através de todo o conhecimento já acumulado.

Através da *internet*, essa noosfera pode ser realmente vivenciada, nos espaços de sentidos, nos quais a realidade física e o universo interno podem dialogar ativamente e cuja constituição segue uma lógica rizomática, não linear e multi-direcional, e na qual a direção do movimento é determinada de maneira interativa e intuitiva. Como destaca Lèvy:

> O mundo virtual das redes digitais torna ainda mais perceptível a relação da consciência com seu mundo (...)o ciberespaço é uma espécie de objetivação ou de simulação da consciência humana global que afeta essa consciência, exatamente como fizeram o fogo, a linguagem, a técnica, a religião, a arte e a escrita. (LÈVY, 2001, p. 151).

O autor ainda coloca que uma cultura é constituída pela sobreposição e soma das 'malhas' representadas pelas vidas humanas atuais e passadas, num processo contínuo de acumulação de dados. A cada obra, cada enunciação, cada inserção informacional na rede, um novo 'nó' desta trama, é tecido.

Se a escrita trouxe perenidade ao caráter efêmero da vida humana, ao possibilitar a imortalização de um pensamento, a *internet* trouxe a sublimação da pessoa, pela expansão horizontal e planetária de um pensamento/teoria/ideia/palavra de ordem a partir da utilização da rede como meio de transmissão.

> "A linguagem é mágica: ela cava mundos virtuais acima, abaixo, além do mundo real. (...) A palavra é uma maneira de partilhar o espírito, de propagar os sonhos, de entreter as virtualidades que alcançam o espírito para, junto dele, fabricar o grande mundo virtual da cultura, esse mundo invisível que é nossa mãe comum." (LÈVY, 2001, p.138).

Lèvy (2001) também coloca que chegamos a esse início de milênio com um novo entendimento da diversidade de diferentes culturas e sistemas de produção/reprodução de identidades, hoje colocadas horizontalmente como nunca antes.

A *internet* e os aplicativos informacionais de relacionamento permitem a transposição das barreiras físicas e geográficas, na medida em que várias ideias e diferentes pensamentos podem dialogar pela rede, assincronamente e em tempo real. Nossos sistemas individuais de significação embrenham-se pelas infovias comunicacionais da cibercultura, tal qual as raízes de uma planta afundam no chão, espalhando-se

para baixo e para os lados, e tal como um rizoma vegetal se expande randomicamente, criando um emaranhado de sustentação.

A técnica computacional nos permite expandir e externar nosso inconsciente, moldando objetos e ação virtuais, porém profundamente realísticas, através do ambiente virtual. O computador e a *internet* permitem-nos vivenciar situações e aventuras que seriam impossíveis ou mortais se feitas no plano concreto, ou físico, de nossa existência.

Urge que as ferramentas tecnológicas aplicadas ao ensino não reproduzam a lógica dualista e monológica do discurso do professor para o estudante, pois com a chegada da *internet* nas escolas, projetos que visem à melhoria do ensino, certamente, terão que atentar à questão dos métodos, didáticas e formas de produção do conhecimento, em especial para os estudantes das comunidades indígenas de Língua Guarani e Terena de Dourados.

As possibilidades comunicacionais trazidas pelas novas tecnologias da comunicação e da informação poderão ser utilizadas como forma de se criarem interconexões e inter-relacionamentos entre os próprios estudantes, entre estes e outras comunidades linguísticas afins, ainda que distantes geograficamente, de forma que o docente se aproprie das condições para a criação de espaços de sentido, onde o saber Institucionalizado que deve ser transmitido possa entrar em jogo livre com a cultura Guarani e Terena em sua usabilidade cotidiana.

É preciso tornar claro que mudar não significa apenas colocar computadores na comunidade e nas escolas, igualmente não se trata de uma questão de apenas ensinar a professores e estudantes como utilizarem o equipamento com segurança e familiaridade como ferramenta de ensino-aprendizagem, mas sim fazer da ferramenta uma via para o convívio social, para a expressão de sua cultura, de sua individualidade e das singularidades de sua comunidade, no mar informacional.

Lèvy (2000) nos traz o exemplo da experiência francesa dos anos 80, com a maciça introdução de computadores nas escolas, destacando que a iniciativa falhou mais por conta da má aplicação do projeto, que por conta da iniciativa em si. O próprio autor frisa que "*a filosofia política não pode mais ignorar a ciência e a técnica.*" (2000, p. 10). Sabemos que as estratégias de inserção digital mais bem sucedidas são aquelas cujo rigor para com os detalhes técnicos estendeu-se também aos aspectos metodológico, pedagógico e social, inerentes à questão tecnológica, ou seja, nas quais que a técnica foi revestida pela reflexão filosófica do método.

2.4 – Língua e cultura na era da tecnologia

A sucessão da oralidade primária para a escrita e desta para a informática, como ferramentas/modos primordiais de "*gestão social do conhecimento*" (Levy, 2000), não se deu por substituição, mas sim através de uma gradativa complexificação do aparato linguístico, social e tecnológico. Assim, a escrita não substituiu a oralidade, apenas a complexificou, deslocou seu centro de gravidade, do gerenciamento coletivo do aparato completo dos sistemas de relacionamento, para uma nova forma de manutenção da historicidade que foi a acumulação do conhecimento nos livros, mas nesse processo acabou por dissolver a hierarquização da sociedade anterior e desterritorializar as noções de igualdade e diferença que expressavam as sociedades orais.

A ferramenta molda as relações de produção e trabalho, conforme coloca Lèvy (2000, p. 7): "*as relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos*". Assim, por esse processo de complexificação e deslocamento, a inserção das novas tecnologias da informação e da comunicação estão modificando as relações sociais, moldando uma nova configuração de sociedade.

No atual cenário social no qual se inserem professores e estudantes, em especial aqueles dedicados ao ensino-aprendizado de idiomas em escolas indígenas e contextos bilíngues, a cena atual parece compor-se e desenvolver-se de maneira rizomática, visto que é a soma de ambientes brutalmente diferentes, o cotidiano das aldeias, a dinâmica da cidade, a expansão do agronegócio e o aumento populacional nas terras indígenas que, neste momento de pesquisa, compõem a gama de nossas preocupações e questionamentos.

As interconexões ocorrem e entrelaçam-se de maneira tal que não é possível prever uma direção para essa evolução, no entanto neste contexto podemos estabelecer links e objetivos a serem atingidos no sentido do processo de ensino-aprendizagem para os falantes do idioma Guarani e Terena para que em sintonia com esses novos tempos e possibilidades informacionais possamos construir um espaço, onde todos esses sentidos possam coabitar de forma mais amistosa e produtiva possível.

A experiência coletiva dos membros de uma comunidade durante toda a sua evolução muda conforme se alteram seus contextos de existência. As mudanças sociais, religiosas, econômicas e técnicas pelas quais essa determinada comunidade pas-

sa são historicamente localizáveis, visto que são fruto de sua época. Não existe como separar a evolução social do contexto histórico no qual ela se desenrola.

A ação comunicativa é, na verdade, o estabelecimento de um contrato social, no qual os atores se definem um em oposição ao outro, estabelecendo relações hierárquicas de proximidade, identificação, intimidade, respeito, entre outros. Mesmo ao ignorar alguém que se dirija a nós na rua, ou seja, negar a comunicação, firma-se um contrato social, no caso de segregação e desconhecimento, senão defensivo, que estabelece as posições dos atores um em relação ao outro.

> Ação e comunicação são quase sinônimos. A comunicação só se distingue da ação em geral, porque visa mais diretamente o plano das representações. Na abordagem clássica dos fenômenos de comunicação, os interlocutores fazem intervir o contexto para interpretar as mensagens que lhes são dirigidas. (LÈVY, 2000, p. 21).

Assim, temos que uma comunicação é mais que uma mera passagem de informações, da mesma forma que a inserção de uma construção textual escrita em uma determinada escola será mais que a colocação de um novo trecho para a leitura como desafio aos alunos. Como definido por Lèvy (2000, p.22), "*longe de ser apenas um auxiliar útil à compreensão das mensagens, o contexto é o próprio alvo dos atos de comunicação*".

Remetendo-nos à constituição da palavra 'comunicação', Martino (2001, p.11), colocou que:

> A palavra "comunicação" vem do latim communicatio – com origem no vocabulário religioso – e é composta por uma raiz munis, que significa "estar encarregado de"; um prefixo co: denotativo de simultaneidade, reunião; de uma 'atividade realizada conjuntamente'; e uma terminação tio: que reforça a ideia de atividade.

Quer dizer, o ato comunicacional traz em si a obrigatoriedade do compartilhamento do pensamento, exigindo que sejam estabelecidos espaços de sentido nos quais o código sócio-linguístico-cultural utilizado entre emissores e receptores para a percepção, armazenamento, processamento e transmissão da informação seja coincidente para todos os participantes.

Lèvy (2001, p. 23) coloca que "*os atores da comunicação produzem, portanto, continuamente o universo de sentido que os une ou que os separa*". A mesma mutabilidade na construção do contexto comunicativo se aplica às relações intra-mensagens, ou seja, entre seus componentes frasais.

> O jogo da comunicação consiste em, através de mensagens, precisar, ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros. Ao dizer que o sentido de uma mensagem é uma "função" do contexto, não se define nada, já que o contexto, longe de ser um dado estático, é algo que está em jogo, um objeto perpetuamente reconstruído e negociado. (LÈVY, 2001 p.22)

Desta forma, segundo o autor, longe de ser apenas um auxiliar útil à compreensão das mensagens, o contexto é o próprio alvo da comunicação. Se um idioma não é usado como intermeio diário de relacionamentos humanos, esse mesmo idioma simplesmente não pode ser pensado ou abordado como uma língua viva, mas sim um fóssil, uma língua extinta.

No contexto bilíngue das aldeias de Dourados, a partir da perda do prestígio das línguas Guarani e Terena, frente ao português, o que se tem é uma diminuição cada vez maior da área de abrangência destes idiomas, ou seja, do contexto cultural e social de ocorrência das línguas dos espaços de sentido que possibilitam a existência do Guarani e Terena como línguas vivas e que, portanto, nosso trabalho, em sua práxis, procura resgatar através do emprego da tecnologia e da *internet*.

A seguir apresentamos aportes, cujo enfoque no estudo dos fenômenos do bilinguismo trará importantes contribuições para nosso trabalho.

2.5 – Visões do bilinguismo: caminhos a seguir

Parece existir uma oposição crucial na forma que o bilinguismo é visto pelas sociedades ocidentais em relação à visão das demais sociedades, Grosjean (1982) coloca que para grande parte dos indivíduos europeus e americanos, não importando se oriundos da América do Norte ou da América Latina, o bilinguismo é uma exceção restrita a poucos países, tais como o Canadá ou a Suíça. É noção geral, um senso comum dessas populações, que a maioria das pessoas é monolíngue e que cada país possui seu (único) idioma próprio.

Contudo, na África e na Ásia o bilinguismo é visto como comum e normal, sendo que a maioria das pessoas fala dois ou mais idiomas, bem como boa parte dos países é bi ou multilíngue. Essa visão é bem mais aproximada da realidade que a visão 'monolíngue' do mundo, pois provavelmente não exista grupo linguístico que tenha se desenvolvido em total isolamento dos demais, de forma que algum tipo de coexistência se coloque em relação a quase todas as línguas do mundo. (GROSJEAN, 1982)

> Bilingualism is often a consequence of the contact between two linguistic groups that do have not de same numerical, political, and economic importance.[4] (GROSJEAN, 1982, p. 24)

Segundo Grosjean (1982, p. 117), é uma noção comum entre os linguistas que a língua é mais que um mero sistema de passagem de informações, ou seja, a língua é mais que somente um meio de comunicação, tratando-se de um instrumento social tal como a religião, as leis ou a economia.

Dessa maneira, segundo o autor, é inútil tentar traçar linhas imaginárias que realizem a demarcação das áreas de ocorrência dos idiomas. Primeiro por que esse mapeamento, quando feito, atende apenas a fins didáticos, sem precisão real, uma vez que os deslocamentos e agendamentos humanos raramente se detêm por demarcações geográficas, sendo que as regiões fronteiriças em determinados contextos assemelham-se mais a uma mistura cultural dos países em contato que uma área de exclusão.

E em segundo lugar porque como Orlandi (2009, p.53) coloca, "*ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas*", ou seja, mesmo dentro de um determinado grupo linguístico existirão tantas variações e formas quantos diferentes domínios sociais tenha a comunidade linguística.

O Brasil, quando visto através dessa ótica, apesar de ter seu território nacional formando, tecnicamente, uma única comunidade linguística com uma única variante do português falada, em suas imensas dimensões nacionais teve um desenvolvimento histórico muito diferente entre as unidades da federação, de forma diversas 'subáreas' linguísticas acabarem por surgir, com características linguísticas e identidades culturais próprias. E, nesse caso, estamos trazendo as possibilidades de falares regionais bastante distintos tanto no aspecto fonológico como nos lexicais. Poderíamos ousar

---

[4] *O bilinguísmo frequentemente é consequência do contato entre dois grupos linguísticos que não possuem a mesma importancia populacional, política e econômica.*

dizer que é um país com vários ‘portugueses’. Mas, juntamente a essa diversidade, é preciso considerar as línguas indígenas, as de imigração.

Grosjean (1982) afirma que o bilinguismo é frequentemente resultado do contato entre dois grupos linguísticos que não possuem a mesma importância política, econômica e nem o mesmo volume de falantes. Quando um país possui minorias linguísticas em quantidade e volume de falantes que não podem ser ignoradas, o aspecto multilíngue e os direitos de cada grupo linguístico costumam ser respeitados, como acontece na Índia, Bélgica ou Canadá.

Porém, muitos países, em geral aqueles cujo contingente das minorias linguísticas possui pouca importância populacional, política e econômica, não reconhecem oficialmente seu caráter multilíngue, se autoproclamando monolíngues. É o caso, por exemplo, do Brasil.

Grosjean (1982) afirma não possuirmos nenhuma estatística precisa a respeito dos bilíngues do mundo, sua distribuição pelos países e idiomas falados. Isso de dá principalmente por dois fatores. O primeiro é o pouco interesse que a maioria dos países possui em listar as suas populações bilíngues. O segundo fator é que a própria definição de bilinguismo não é estável, havendo discussões e diferenças conceituais entre os linguistas aplicados a estudar essa matéria.

Mesmo na maioria das nações autoproclamadas monolíngues, Grosjean (1982) nos faz notar que grande parte das áreas fronteiriças apresenta ocorrência do bilinguismo. A própria proximidade entre dois grupos diferentes irá gerar a necessidade de intercomunicação pelo encontro de duas economias, sociedade e sistemas de circulação de mercadorias estimula as pessoas de ambos os lados a aprenderem o idioma ‘do outro’.

Neste caso as minorias não possuem um status oficial e nem seu idioma é reconhecido como oficial como é o caso das línguas indígenas que hoje, em alguns contextos regionais reivindicam a cooficialização ao lado do português. Exemplo pertinente é o de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas, que em abril de 2002, cooficializou as línguas – Tucano, Baniwa e Ñheengatu. Em outros cenários, todavia, muitos indígenas se veem obrigados a aprenderem a língua hegemônica como forma de interagir com o grupo linguístico dominante. Dessa maneira, o bilinguismo passa a ser uma necessidade social de grande importância: abre as portas para a educação, para o trabalho, a mídia e os serviços públicos.

Como colocado por Bakhtin (2009), cada expressão comporta duas dimensões, uma interior e outra exterior: o conteúdo advindo do universo interior ao indivíduo; e sua objetivação exterior, ou seja, o aspecto modificado do conteúdo interior, adaptado às regras da expressão, que são incompatíveis com as regras do pensamento.

> Mas o que é expressão? Sua mais simples e mais grosseira definição é: tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores. (BAKHTIN, 2009, p.115)

Toda expressão pode ser considerada uma adaptação, reconfiguração, ou mesmo um decalque como definido por Deleuze (2009), a partir da sobreposição de um conteúdo qualquer sobre uma forma ou molde pré-existe, com os filtros sociais, ideológicos e linguísticos agindo incessantemente como 'portas', ou 'caminhos' da interface, o intermeio entre o interior e o exterior do indivíduo.

Da mesma maneira como os filtros sociais, ideológicos e linguísticos moldam a expressão, a concretização de uma demanda interna ao ser, são esses mesmo filtros que realizam a triagem e organização do conhecimento exterior adquirido pelo indivíduo no seu agir-viver, no seu desenvolver.

Assim, segundo Bakhtin (2009, p.117), "*não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que modela e determina sua orientação*". Não importa qual seja a forma de uma expressão-enunciação, ela será sempre definida a partir da "situação social mais imediata e o meio social mais amplo". (2009, p.117).

Mello (1999: 24) a respeito do Brasil, aponta que a comparação entre o "*inventário lexical dos falantes das diversas áreas dialetais do país*", mostra que as mesmas coisas possuem nomeações diferentes, a partir das diferenças linguístico-culturais entre sul e norte, tal como as palavras sulistas "*vianda, bergamota e guri (ou piá)", que seriam traduzidas para "marmita, mexerica (tangerina) e bacuri*".

Porém, a discussão a respeito da variedade linguística não pode se limitar ao quesito geográfico. Mello (1999, p.25) aponta também outros dois fatores, ou dimensões, que precisam ser levados em consideração na análise: "*dimensão social de grupos e classes de indivíduos que representam a estrutura social de uma dada área geográfica*"; e o juízo de valores feito sobre cada variante da língua.

A primeira dimensão diz respeito à variedade social que encontramos dentro de um grupo linguístico. Assim, temos que os jovens não falarão a mesma variante do idioma, assim como médicos e engenheiro, por exemplo, terão jargões próprios de suas áreas de atuação, ou se pegarmos uma empresa, provavelmente patrão e empregado utilizarão diferentes variantes da mesma língua. Chegamos ao que Mello (1999) coloca como a Noção de Dialeto: "*Em geral, o termo dialeto é empregado para caracterizar uma certa uniformidade na fala de um grupo que faz uso de uma determinada língua, em uma determinada região ao classe social.*" (MELLO, 1999, p.25)

Dessa maneira, utilizamos o termo dialeto como forma de designar a variante de uma língua falada por uma população localizada geográfica, profissional, social ou economicamente. Por exemplo, temos o dialeto típico das periferias de São Paulo, que diferirá da variante falada pelas elites paulistana. Ou então a comparação da forma como jogadores de futebol e advogados irão diferir de dialeto ao se expressar, a partir dos jargões próprios de cada profissão.

Em qualquer língua haverá uma forma própria para o relacionamento afetivo, outra para as relações comerciais, uma forma próprio do idioma para tratar de assuntos jurídicos e contábeis, o tratamento respeitoso e o tratamento íntimo da amizade, entre outros usos. Brito (1999, p.28) nos levar a crer que essa característica 'viva' da língua, sua usabilidade diária e as frequentes adaptações que os falantes fazer no seu agir--viver acaba por inserir diferentes dentro dos próprios idiomas.

Concordando com Grosjean, Mello (1999: 23) aponta que um idioma é mais que um conjunto de estruturas de significados expressos por um sistema de sons. Um idioma é muito mais que apenas um meio de comunicação. "*Uma língua é um comportamento social*", que como tal está profundamente interligado com a vivência cotidiana, o arcabouço cultural e a história de um povo.

> A ideia, então, de que cada país possui uma língua falada de forma uniforme por todos aqueles que vivem dentro dos limites de suas fronteiras é ilusória, ingênua, para não dizer enganosa, pois as línguas se mesclam, se misturam em um mesmo território, sem obedecer aos limites geográficos de suas fronteiras. (MELLO, 1999: 23)

Não podemos conceituar língua simplesmente como um instrumento de comunicação, pois a forma de expressar-se é umas das principais formas de identificação

de um povo. O idioma acompanha as atitudes e os valores que influenciam a forma de agir-viver do indivíduo.

Em um contexto onde diversos grupos linguísticos estiverem convivendo, a caracterização de cada grupo pelos demais estará intimamente ligada à maneira pela qual as pessoas se comunicam e interagem, a língua ocupando um papel primordial, sendo esse o segundo aspecto apontado por MELLO (1999, p.27) que trazemos: as variedades de um mesmo idioma estão em um estado permanente de concorrência umas com as outras, de forma que a localização de uma variante dá-se em confrontação à outra, como por exemplo: a variante padrão vs. a variante não-padrão, a variante conservadora vs. a variante inovadora, a variante de prestígio vs. a variante estigmatizada.

Nas diversas formas de interações humanas que a enunciação/escrita possibilita, a palavra é a ferramenta e sempre de dirigirá, e, portanto, se configurará, a um e por um interlocutor, mesmo que este não seja real, quer dizer, que se trate de uma representação do que seria o 'interlocutor médio' de um determinado público.

Bakhtin (2009, p.116) já havia postulado que a mensagem, para ter receptividade junto ao público pretendido, precisa ainda adaptar-se ao contexto ideológico, social e histórico do "horizonte social" no qual se dá o pertencimento desse público definido.

> O mundo exterior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constrói suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas em todo caso o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas. (BAKHTIN, 2009, p.117)

Dessa maneira, podemos considerar a palavra como "o produto da interação do locutor e do ouvinte", quer dizer, a enunciação é definida por que procede de alguém, mas também é definida por que se dirige a alguém. A palavra é a interface, o espaço de sentido comum ao locutor e ao interlocutor, tem a função de "*expressar a um em relação ao outro*" (BAKHTIN, 2009, p.116).

Em decorrência direta das diferenças sociais, políticas e econômicas entre os povos e as nações, os idiomas acabam por receber uma determinada carga significativa derivada da imagem daquele país ou povo tanto no contexto regional

em que se insere quanto no contexto mundial. Como colocado por MELLO (1999, p.27) "*é pura e simplesmente uma questão de hegemonia linguística*". A variante falada pelo grupo de poder e prestígio será a variante de prestígio, em geral associada ao idioma na sua forma oficialmente reconhecida.

Na outra ponta desse processo de hierarquização de variantes linguísticas, ficarão as variantes pertencentes às classes menos favorecidas do ponto socioeconômico e político, que passarão a serem chamadas de variantes não-padrão e estigmatizadas, normalmente servindo para qualificar seus falantes como cidadão de baixa extração, ou seja, das camadas consideradas ignorantes e sem cultura.

A própria definição do 'eu' e do 'nós', os conceitos básicos para que o indivíduo localize-se no mundo, ainda que de uma maneira dialética, advêm do grau de inter-relação do indivíduo com o meio (Baktin, 2009). Pois é a partir das interações da pessoa, cada qual com suas variantes, intensidades e sistemas próprios, interligando-se de forma tão incessante quanto aparentemente caótica, que deriva seu próprio conceito de si.

Um indivíduo desprovido de sua classe social e inserido em meio à multidão heteróclita encontrar-se-á desprovido de aspirações sociais e será reduzido a si mesmo, diferente e isolado. Apartado de seus 'comuns', do grupo das pessoas cujos sistemas linguístico-culturais desenvolvem-se de forma compatível e congruente, amputa-se sua mobilidade e capacidade de social.

Entretanto, como afirma Brito (1999, p.27) "*a ideia de língua padrão é uma abstração*". A estruturação gramática e a determinação de um uso correto para a língua partem de pressuposição que aquela variante é a correta, ao passo que todas as outras seriam as erradas, dicotomia impossível de se definir linguisticamente.

Esse questionamento parte da análise dos hábitos linguísticos da classe social dominante, grupo social que, normalmente determina a língua oficial e estabelece a forma 'correta' de escrever e falar determinada língua. Segundo Mello (1999), essa elite também se utilizará de dialetos e variantes que diferem do idioma oficial, quer seja em casa, no trabalho ou mesmo na inter-relação com pessoas de outros estratos da sociedade. Dessa forma, nem ao menos a elite que determina a variante padrão se utiliza exclusivamente dela.

Assim, determinar o status de língua a uma variedade e de dialeto a outra, como comumente se verifica, a partir de uma hierarquização não dos sistemas linguís-

ticos em si, mas antes a partir da classificação das populações e classes sociais que falam cada variante ou variedade, parece carecer de uma cientificidade que permita delinear uma fronteira precisa entre os termos.

Brito (1999, p.28) estabelece que nem ao menos a intercompreensão ou proximidade entre dois idiomas pode determinar a 'diferença' entre língua a idioma, citando como exemplo a proximidade do sueco, o dinamarquês e do norueguês, similares e mutuamente compreensíveis, porém chamados de línguas, ao passo que as línguas minoritárias da China são chamadas de dialetos, mesmo que diversas delas não tenham quaisquer traços comuns com as demais, sendo completamente incompreensíveis entre si.

Como visto, na maioria das vezes, essa classificação língua e dialeto dizem respeito mais aos rótulos sociopolíticos que são atribuídos a cada camada da sociedade. Se observarmos uma comunidade falante de determinada variante ou variedade linguística, poderemos perceber que essa mesma variante ou variedade não será utilizada de maneira igual por toda a comunidade.

Haverá sempre uma forma própria para o relacionamento afetivo, outra para as relações comerciais, uma forma própria do idioma para tratar de assuntos jurídicos e contábeis, o tratamento respeitoso e o tratamento íntimo da amizade, entre outros usos. Brito (1999, p.28) nos levar a crer que essa característica 'viva' da língua, sua usabilidade diária e as frequentes adaptações que os falantes fazer no seu agir-viver, fazem com que cada idioma seja, na verdade, um conjunto dinâmico de variantes.

A língua é uma entidade em certa medida classista (Brito, 1999), pois permite que se separem os indivíduos das diferentes classes a partir de sua forma de enunciação. Assim, talvez não possamos falar do português como um único idioma, sendo obrigados a reconhecer as diversas variantes do português, que uma análise mais profunda poderia classificá-las segundo os usos dados, espaços de ocorrência e até mesmo em relação às classes falantes de cada variante, mas que não poderiam ser classificadas segundo uma dicotomia certo/errado.

2.6 – Concepções do bilinguismo: delineando um fenômeno social

É difícil delinear o conceito de bilinguismo, dada sua complexidade, além da variedade de campos da ciência que abrange, fato que provocou os estudiosos

empenhados em explicar esse fenômeno a utilizarem-se das mais diversas abordagens e critérios, resultando em uma riqueza de resultados que levaram o bilinguismo a possuir uma variedade de diferentes conceituações, como já haviam postulado Cummins&Swain(1986, p.06): "*The term 'bilingualism' has not been used in a consistent way among researcher and theoreticians. Definitions vary considerably*[5]" .

Outra questão que influencia na multiplicidade de estudos e resultados está no fato que, segundo Brito (1999, p.30), ainda que possamos considerar a grande maioria dos países do mundo como nações bi ou multilíngues, nem todos os países do mundo, junto às suas instituições e aparatos sociais, possuem interesse em propagar seu próprio bi ou multilinguismo, de forma que o assunto seja geralmente marginalizado em relação às principais discussões sociais em pauta.

Brito (1999, p.31) cita que os censos oficiais normalmente não geram estatísticas com precisão suficiente para que possam referenciar a existência do bi ou multilinguismo, ou não, em uma determinada parcela da sociedade. Como cumprem apenas os interesses oficiais, essas estatísticas se utilizam de uma abordagem cujo foco é abranger toda uma população, não possuindo a profundidade necessária para o delineamento e descrição de um contexto bilíngue.

Assim, estes estudos não se aprofundam na situação sociolinguística da população pesquisada, tornando-se cegos a importantes notações, tais como o grau de domínios dos idiomas em jogo pelos falantes bilíngues em estudo, as rivalidades entre os grupos linguísticos, status dos falantes de cada idioma, atitudes em relação a cada grupo, entre outras mais.

Outro aspecto dos estudos sobre o bilinguismo trazido por Brito (1999, p.31) resgata a noção que uma pesquisa que se mantenha dentro de uma abordagem puramente linguística não será plenamente capaz dar conta da descrição do bi ou multilinguismo, uma vez que os fenômenos linguísticos não formam um fenômeno isolado da sociedade, antes se constituindo de um fato social, atrelado a influências que vão além da teoria linguística pura.

A autora ainda coloca que descrever adequadamente o fenômeno do bi ou multilinguismo é uma tarefa que desafia o pesquisador a buscar aportes das ciências sociais, da psicologia e da antropologia, entre diversas outras, como apoios para seus

---

[5] *O termo "bilingualismo" não possui um único uso consensual entre pesquisadores e teóricos. As definições são bastante variadas. (Tradução dos autores)*

estudos. Dessa maneira, quaisquer avaliações sobre contextos bi ou multilíngues somente poderão cumprir a contento seus objetivos ao levar em conta essas ciências.

Temos que as demarcações políticas e as fronteiras impostas pela geografia cartográfica raramente desenham os reais limites das fronteiras linguísticas e muitos países do mundo assumem serem monolíngues quando na verdade são bi ou multilíngues.

Situações onde ocorrem contextos bilíngues em geral são emuladas pelo encontro de populações que sejam numérica, econômica e politicamente diferentes. Nestas situações é normal a população mais 'forte' impor seu sistema linguístico as populações subjugadas e, pelo processo de hierarquização das culturas, gerar um vetor de desinteresse pelas culturas minoritárias.

Apesar das diversas causas da formação de contextos de ocorrência do multilinguismo, a principal delas é a imigração. Os deslocamentos de populações que caracterizam as migrações podem ter origem em motivos religiosos, econômicos, sociais ou mesmo políticos e em seu processo colocam em convivência cotidiana populações sem histórico de contato mútuo.

Além da migração da uma minoria linguística para um determinado país, essas populações 'ilhadas' no meio de outro idioma também podem ter sua origem no desenvolvimento geográfico de determinadas nações, normalmente determinado conquistas e invasões, como no exemplo, citado por Grosjean (1982), da Escócia e do País de Gales que, apesar de possuírem idioma e cultura próprios, são atrelados ao Reino Unido e utilizam o inglês como primeira língua, de uso frequente e universal.

Brito (1999, p.33) sobre os estudos de Grosjean (1982), cita o caso dos EUA, que embora se considere um país monolíngue, é o lugar onde se concentra o maior número de bilíngues do mundo. A riqueza étnica desse país, advinda, sobretudo a partir de imigrantes que inseriram no cotidiano social estadunidense culturas e línguas dos mais variados pontos do planeta, transformaram-no em um *melting point*:

> A expressão melting point é comumente usada no inglês para caracterizar uma situação (...) onde várias etnias se misturam, se fundem em um verdadeiro caldeirão borbulhante'. O resultado é um escaldado de raças cujo sabor, doce ou amargo, depende dos ingredientes, do modo de fazer e do tempero de quem o prepara. (MELLO, 1999, p. 25)

O fenômeno, porém, também pode ocorrer em outras situações, tais como quando duas populações de origens linguísticas diversas coabitam espaços contíguos, de forma seus integrantes necessitarem, em determinadas situações, intercomunicarem-se.

O próprio Grosjean (1982) cita ainda outras duas causas comuns: certas profissões cujo agir-fazer leva ao bilinguismo, tais como a diplomacia, o comércio e a ação religiosa missionária; além de haverem determinadas sociedades onde a divisão das classes sociais incorre no bilinguismo, como exemplo a Rússia czarista, onde a nobreza era bilíngue francês/russo, não raramente sendo mais competentes em expressar-se em francês que na própria 'língua nacional'.

O autor também traz uma comparação simples, entre o número de idiomas e o número de nações. Grosjean (1982) argumenta que caso ambos fossem aproximados, significaria que os países monolíngues seriam a regra. Porém, existem cerca de três mil e quinhentas línguas no mundo, contra apenas cerca de cento e cinquenta nações reconhecidas pela ONU, o que resulta em uma média de quase vinte e quatro línguas faladas para cada país existente.

Como exemplo, somente nos pouco mais de mil e seiscentos quilômetros de extensão da região de fronteira entre o Brasil e a Colômbia, ambos os países tidos por si mesmos como monolíngues, temos mais de vinte idiomas diferentes, divididos em uma população total de apenas dez mil indivíduos (Grosjean, 1982: 03).

Brito (1999, p.36) também coloca o Brasil como um país multilíngue. Apesar de pouco conhecidas e estigmatizadas, diversas línguas indígenas são faladas em quase todas as regiões do Brasil. A autora aponta ainda outras comunidades linguísticas no país, cujos membros mantêm um bilinguismo português/língua dos pais, tais como as colônias japonesa, italiana, coreana, germânica, entre outras, localizadas, sobretudo nas regiões sudeste e sul.

O Paraguai é citado por Grosjean (1982, p.10) como um raro exemplo de país genuinamente bilíngue, apontando como motivos para essa configuração única do contexto sociolinguístico paraguaio tanto o isolamento geográfico quanto o longo período de convivência pacífica entre os colonizadores e os indígenas, que gerou a possibilidade da criação de uma cultural local baseada tanto no espanhol quanto no guarani.

De forma a endossar essa visão, segundo o *site* 'Indígenas do Brasil' (http://pib.socioambiental.org), somente a partir de 1920 o Paraguai e a região brasileira fron-

teiriça passaram a sofrer um processo mais intenso de colonização, com um reforçamento desse processo de 1960. Até então, não obstante os diversos enfrentamentos entre indígenas e colonizadores, tanto em conflitos pela posse da terra quanto pela ação dos bandeirantes em busca de escravos, os indígenas paraguaios mantiveram sua cultura em um estado de relativo prestígio na sociedade.

Outro fato importante para que o desenvolvimento do Paraguai como um país bilíngue foi o método de inserção das missões religiosas em meio às populações indígenas: ao invés de impor seu idioma aos nativos, os sacerdotes esforçaram-se por aprender o idioma dos indígenas, realizando seu proselitismo neste, o que favoreceu a população local a manter o idioma guarani vivo até o estado prover seu reconhecimento oficial, em 1967. Consta na atual Constituição Paraguaia, de 1992:

> *DE LOS IDIOMAS*
> *§ - Artículo 140 - El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe.*
> *• Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní. La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro.*
> *• Las lenguas indígenas, así como las de otras minorías, forman parte del patrimonio cultural de la Nación.*[6]
> *(Constitução Nacional da República do Paraguai, disponível em: http://www.tsje.gov.py/constitucion-nacional.php, acessado em 24 de janeiro de 2012)*

São raras, contudo, as políticas nacionais que promovam a língua e a cultura das minorias linguísticas. Mais comumente as particularidades culturais e étnicas de uma minoria linguística são vistas com um misto de desprezo e reprovação: ao mesmo tempo em que são tidas como 'curiosidades antropológicas' desprovidas de utilidade prática, também são consideradas uma forma de 'traição' ao país.

> Portanto, o que se tem visto no cenário, naquilo que se refere às situações de bilinguismo, é uma total desconsideração da adoção de políticas linguísticas que atendam aos anseios dos grupos étnicos envolvidos. A tendência natural do Estado é não dar prioridade à questão do bilinguismo, em geral, por razões econômicas, ideológicas, políticas e sociais. (MELLO, 199, p.37)

---

[6]*Sobre os idiomas:*
§ - Artigo 140 - O Paraguai é um país pluricultural e bilíngue.
• São idiomas oficiais o castelhano e o guarani. A lei estabelecerá as modalidades de usa de uma e outra.
• As línguas indígenas, assim como de outras minorias, formam parte do patrimônio cultural da Nação.

Segundo Grosjean (1982), essa visão do falar bilíngue ou monolíngue no idioma minoritário, como indícios de pouca fidelidade do indivíduo para com o projeto nacional dá-se por vários motivos, entre os quais podemos apontar a íntima ligação entre um idioma com a identidade étnica e cultural de seus falantes.

O autor também aponta o fato que as minorias linguísticas, quando em luta por emancipação política e geográfica, costumam utilizar-se do idioma tradicional como uma de suas principais características, vital para a identificação mútua entre os membros das facções em luta.

Para reforçar sua tese, Grosjean (1982, p.26) traz o exemplo dos Bretões e dos Corsos. Em ambos os casos, a população geral se colocou em oposição ao conflito aberto e armado, antes preferindo uma saída negociada para o aumento de sua autonomia linguística, social e política.

Porém, a minoria que preferiu 'pegar em armas' teve o idioma como um dos mais importantes elementos de agremiação, reforçando a associação entre o ato de ser capaz de expressar-se no idioma minoritário e o estigma criado sobre essas populações, que sua fidelidade com o país nunca estará na frente de sua fidelidade para com sua própria comunidade linguístico-cultural.

Em outros contextos, também conflituosos como coloca Brito (1999, p.33), acontece de uma minoria linguística de um país constituir a maioria no país vizinho, inevitavelmente provocando conflitos e tentativas de anexação do território onde essa minoria vive pelo país linguisticamente 'irmão'.

Um caso famoso desse tipo de acontecimento citado pela autora é a região de Alsácia-Lorena, território de maioria falante do francês, historicamente, com grande número de falantes do alemão, cujo domínio foi disputado entre Alemanha e França por mais de um século, somente tendo estabilizada sua situação geopolítica após a Segunda Guerra Mundial.

Assim, nestes contextos onde a ligação imanente entre língua, cultura e identidade é associada aos conflitos nascidos da contraposição de uma minoria étnico-linguística ao status quo dominante, a contra-ação da elite dominante será gerar um vetor de desprezo por todos os idiomas além da variante oficial que acabará por contaminar as demais camadas da sociedade.

Mesmo no Paraguai bilíngue, onde espanhol e guarani, línguas oficiais na Constituição paraguaia, são utilizados como língua de instrução, Grosjean (1982) ad-

mitiu existirem preconceitos linguísticos, principalmente direcionados à minoria monolíngue na língua guarani. Esse processo de estigmatização, facilmente verificável em diversos países, redunda numa falta crônica de políticas públicas para a promoção das culturas minoritárias e do multilinguismo.

Sobre esse tema, Brito (1999, p. 33) apresenta a citação de Wolfson: "*não há sequer uma nação monolíngue, o que há são línguas majoritárias e línguas minoritárias, línguas dominantes e línguas dominadas*". As políticas oficiais relativas ao ensino do idioma mais frequentemente buscam o fortalecimento do idioma dominante que o reconhecimento das línguas minoritárias, em especial no ocidente.

Precisamos considerar, como aponta Grosjean (1982), que mesmo as políticas linguísticas que buscam o resgate das variedades e variantes linguísticas existentes além da língua considerada oficial ou preferencial podem não ser totalmente aplicáveis a qualquer população bilíngue, dada a complexidade dos contextos sociais, geográficos, políticos e linguísticos que envolvem o fenômeno.

Diversos fatores, variáveis e não padronizáveis, tais como: a quantidade de indivíduos falantes; a extensão e os usos da língua; as atitudes das pessoas a respeito do idioma; a disponibilidade de professores e material didático para o ensino desse idioma; a força da militância em prol do idioma; e, principalmente, o próprio posicionamento do estado e suas instituições perante o bilinguismo, entre outros, serão vitais para o correto dimensionamento de qualquer iniciativa de aplicação de uma política linguística que vise à promoção das minorias linguísticas.

Grosjean (1982, p. 25) relata que existem também casos onde o esforço de um estado ou instituição na aquisição de um idioma nativo não se dá pelo interesse em preservá-lo, mas sim como forma de melhor assimilar/diluir aquele grupo dentro da cultura dominante.

Essa forma de agir foi muito comum durante a colonização, quando os missionários cristãos aprendiam o idioma dos nativos ao invés de impor o seu idioma, ao menos de início. A partir do primeiro contato começava um processo de aculturação e conversão religiosa, que culminaria com a aquisição do idioma, dos valores e do código de ética dominantes pelo indígena, ainda que efetuado a partir do idioma tradicional.

Grosjean (1982) ainda ressalva que mesmo um suporte ativo a uma minoria linguística, a partir do reconhecimento oficial de seu idioma e cultura, não quer dizer necessariamente que essa população se preservará monolíngue em seu idioma de ori-

gem, pois muitos de seus membros acabarão por aprender o idioma regional/nacional na escola e passarão a usá-lo também na comunidade, incorrendo na criação de um contexto bilíngue, ainda que por uma via não traumática.

Assim, a variedade de tipos de bilinguismo é proporcional à variedade de situações sociais e políticas: determinados grupos aprendem a língua do país de adoção, não obstante mantenham a língua dos pais; em outras situações há a imposição de um idioma em detrimento de outro, como no caso das invasões e conquistas; ou ainda uma convivência comum através de uma língua franca comum, com os falantes mantendo cada qual seu idioma próprio.

Sobre esse fenômeno, a utilização de uma língua franca, quando esta não é imposta e sim desenvolvida pela inter-relação entre duas comunidades linguísticas diferentes, trazemos a definição dada por Ducrot&Todorov:

> A existência de relações regulares entre duas comunidades que falam línguas diferentes leva muitas vezes a criação de uma língua mista, que permita a comunicação direta sem tradução. (DUCROT&TODOROV, 2010, p. 66).

Os autores ainda ressaltam haver três tipos principais de línguas francas. A primeira, saber, uma denominação "*não sem um matiz pejorativo*" Ducrot&Todorov (2010) descreve as línguas francas que são utilizadas apenas esporadicamente, com seus objetivos e usos sendo muito limitados, não possuem uma estrutura gramatical definida e, além de tudo, permitem justaposições de palavras de idiomas diferentes.

O segundo tipo, denominado pelos autores de Pidgin, ocorre quando há a criação de uma gramática coerente, que permita essa língua servir como suporte de algum tipo de literatura. Finalmente, Ducrot&Todorov (2010) denominam de crioulas as línguas francas que acabam se tornando língua oficial de um país, como no caso do crioulo das Antilhas.

Brito (1999, p. 33) cita ainda outras três causas do bilinguismo, uma das quais, consequência comum das imigrações: o casamento inter-racial, sendo as outras duas causas já citadas Grosjean (1982): o comércio e as exigências de certas profissões. A autora ressalta, porém que nem todo contato entre diferentes culturas linguísticas resultará em uma situação bilíngue.

Isto pode ter lugar a partir do fato que a configuração de um contexto bilíngue nem sempre acontece em dupla via, quer dizer, as duas populações em contato absor-

vendo uma a língua da outra, e mais raro ainda esse bilinguismo se dar, além de em dupla via, com a mesma intensidade para ambas as populações.

O caso dos índios guarani da cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil, pode ser citado como um exemplo desse tipo de dinâmica social onde apenas um dos grupos em contato se vê na contingência de adquirir a língua do outro. Os índios se veem obrigados a aprender e utilizar-se do português, sendo seu índice de desenvolvimento individual tanto maior quanto melhor for seu domínio do português, mas poucos são aqueles não indígenas que manifestam interesse em aprender qualquer uma das línguas indígenas locais.

Relembramos, neste contexto, que o idioma guarani, do qual os índios douradenses utilizam-se e que se encontra em estado de discriminação e estigmatização negativa no Brasil, é língua oficial do Paraguai, país cuja fronteira se encontra a cerca de 100 Km da cidade, apesar de serem diferentes a variante falada nas aldeias e a variante oficial do Paraguai.

Os limites geopolíticos entre o Brasil e o Paraguai, que na altura do estado do Mato Grosso do Sul se constituem em uma região de fronteira seca, facilita o intercâmbio e trocas entre ambos os países, notadamente as populações dessas regiões. Porém, mesmo essa proximidade e a intensidade do trânsito entre os dois países não foram suficientes para que o idioma guarani seja mais reconhecido ou apreciado no Brasil.

O que ocorre com mais frequência, muito pelo contrário, é uma excessiva depreciação dessa língua, criada a partir da própria percepção paraguaia sobre os dois idiomas oficializado no país. O espanhol continua a ser o idioma de maior prestígio e língua das elites, ao passo que o guarani é o idioma mais utilizado pelas classes populares, sobretudo quando em casa ou em rodas de amizade.

Some-se a esse fato a enorme diferença de 'peso' mundial das economias brasileira e paraguaia, com franca vantagem para o Brasil, que faz com que o idioma português tenha cada vez mais uma maior importância para os paraguaios da fronteira como língua de uso comercial, cada vez mais se configurando como a língua que deve ser aprendida por aqueles que pretendem melhorar suas condições de vida.

Assim, temos que praticamente todo comércio feito do lado paraguaio da fronteira o é em língua portuguesa, a partir da apreensão do idioma pelos paraguaios, desejosos de relacionarem melhor e mais proficuamente com os brasileiros, principais consumidores do comércio fronteiriço. Porém, ao atravessar a fronteira, o paraguaio terá dificuldade em relacionar-se com os brasileiros em espanhol, chegando a ser im-

possível de relacionar-se em guarani, salvo quando em contato com indígenas brasileiros. O comércio 'do lado de cá' da fronteira também é realizado no português.

O resultado dessa situação é que o enorme peso da economia brasileira, além da própria riqueza da população sul-mato-grossense, cujos aproximadamente dois milhões e meio de habitantes dividem um PIB estadual de pouco mais de trinta e seis bilhões de reais (IBGE, 2009), criou um vetor de desequilíbrio entre os idiomas português, espanhol e guarani.

Os dois primeiros, além de sua situação de estabilidade em seus próprios países, com o português sendo a única língua oficial do governo brasileiro e o espanhol a língua das elites paraguaias, são idiomas também falados em outros países, notadamente na Europa, sendo que o espanhol ainda é a língua oficial da maioria dos países latino-americanos. Como colocado pelo próprio Grosjean (1982), é pelo espanhol que os paraguaios se relacionam com o mundo.

O mesmo autor também cita outro caso cuja dinâmica talvez possa ser aplicável ao caso do idioma guarani, o caso do idioma corso, originário da Ilha de Córsega, cujo domínio político e linguístico pertence à França. Grosjean (1982, p.125, box3.2) relata ter vivenciado uma situação de convivência forçada com uma "velha senhora", em um quarto de hospital na própria Córsega.

O relato informa que, durante as visitas de amigas à 'velha senhora', todo o grupo adotou o idioma corso como meio de interação, a exceção do uso de algumas palavras no Francês majoritário. Porém, após a visita, a senhora desculpou-se pelo uso do corso, justificando que apenas o fez pela incapacidade de algumas amigas de expressar-se fluentemente no francês, de uma forma que Grosjean (1982) deixa entrever como um pedido de perdão pelo uso da língua, quase como se tratasse de um ato deselegante, de pouca educação.

O autor ainda relata que, estimulada a estender-se sobre o assunto, a mesma senhora testemunhou o fato que mesmo entre os corsos étnicos, era mais esperado que uma pessoa se tornasse bilíngue francês/inglês que francês/corso, ou seja, as pressões sociais e econômicas, associadas ao contexto geopolítico da região, criaram duas necessidades educacionais que passaram, em certa medida, a estrangular o idioma tradicional daquela população. Segundo o autor: "*The attitudes of people to bilingualism vary so much according the social prestige of the languages spoken*[7]" (GROSJEAN, 1982, p. 125, box3.2)

---

[7] *As atitudes das pessoas diante do fenômeno do bilingualismo viriam muito de acordo com o prestígio social das línguas faladas. (Tradução dos autores)*

O guarani, assim como no contexto corso, se vê imprensado por dois idiomas cujos indicadores, tanto do número de falantes quanto do volume de relações comerciais, são imensamente maiores que os seus. No contexto político e educacional, o ensino tanto do português quanto do espanhol está garantido pelo prestígio que essas idiomas alcançaram como consequência das disposições para o ensino de língua, feitas após a assinatura do acordo do Mercosul entre Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, como consta no projeto de lei 2072/09 (http://www.camara.gov.br/sileg/integras/709809.pdf)

No Paraguai o ensino do guarani é garantido nas escolas, mas a língua franca utilizada nas regiões de fronteira é o português, havendo ainda um processo de estigmatização das variantes cujo sotaque castelhano ou indígena possam ser notados.

No Brasil, principalmente nos últimos anos, houve um incremento das políticas de valorização do índio, havendo inclusive a publicação do Referencial Curricular para Escolas Indígenas (disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/ educacaoindigena.pdf), desenvolvido pelo Comitê de Educação Escolar Indígena junto a líderes e docentes indígenas em 1998 (http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3825), porém, para um idioma manter-se vivo, este precisa possuir utilidade no convívio cotidiano, ou seja, dar conta de expressar sentimentos, explicar situações, propiciar as interações e ser o veículo das negociações entre diferentes posições de sujeito que a vida em sociedade demanda.

Essas populações ainda devem sentir falta de espaços de significação onde possam se expressar-se em guarani, além do ambiente das aldeias, onde seu idioma e sua cultura vivem ilhados. Apesar da existência de escolas e professores indígenas, ainda são raros os materiais didáticos para esse idioma e praticamente inexistentes os contextos de uso onde essas populações da cultura guarani poderiam se expressar no idioma próprio, fora das comunidades existentes nas aldeias.

2.7 – Entre dois mundos: descrevendo o sujeito bilíngue

Como colocado por Mello (1999, p.41), a dificuldade de descrevermos o sujeito bi ou multilíngue parte da complexidade e diversidade de situações que envolvem os contextos bilíngues, de forma que a autora ressalta ser virtualmente impossível esgotar quaisquer teorias que envolvam os atos da fala.

Mello (1999, p.42) resgata primeiramente Bloomfield: "*Bilinguismo é o controle de duas línguas de maneira semelhante à do nativo*", objetando que esta definição traz um elemento desestabilizador, a dificuldade de estabelecer o que seria o "conhecimento nativo" da língua, uma vez que em quaisquer comunidades linguísticas haverá algum tipo de variação no grau de conhecimento e profundidade de uso do idioma entre os falantes, a partir principalmente de fatores socioeconômicos.

Mesmo que consideremos, apenas para efeito de estudo, que o conhecimento 'nativo' de um idioma seja uma classificação estável, ou seja, que não haja diferença entre o nível de proficiência na língua entre os elementos 'nativos' de uma comunidade linguística, pela definição de Bloomfield, o bilíngue 'verdadeiro' seria uma espécie rara, cujo domínio se estenderia, em ambas as línguas, a todos os domínios sociais e situações possíveis, sem dominância de uma sobre a outra nem influencia mútua entre ambas.

Mello (1999, p. 43) também cita Thiery: "*um verdadeiro bilíngue é alguém que pode passar por membro de duas comunidades linguísticas do mesmo nível social e cultura*", porém ressalva que esta definição possui em comum com o conceito de Bloomfield a fragilidade de se apoiar no conceito de "perfeição de um modelo", algo que não existe no uso prático da língua.

A crítica feita por Mello (1999) à Bloomfield também se encaixa em Thiery, em ambas as teorias, aquele que poderíamos considerar como 'bilíngue perfeito' é um tipo de indivíduo muito raro, capaz de expressar em dois idiomas sem sotaque ou influência mútua. Na maioria das vezes em que temos um indivíduo bilíngue, este conta com competências maiores ou menores em cada língua, dependendo do contexto de uso da comunicação verba em que se encontra, normalmente existindo usos e lugares bem definidos para cada idioma.

Em seu "*Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*", Ducrot&Todorov (2010, p. 67) trazem uma definição para o bilinguismo que dá voz a essa crítica:

> Um indivíduo é multilíngue (bi, trilingue) se domina várias línguas, aprendidas enquanto línguas maternas. Há graus no multilinguismo, na medida em que a diferença de fato nem sempre é nítida entre a aprendizagem 'natural' e a aprendizagem 'escolar' de uma língua por uma criança. (DUCROT&TODOROV, 2010, p. 67)

Outra forma de enxergar o bilinguismo, conforme Mello (1999, p. 43) coloca, citando Haugen, seria qualificar o indivíduo bilíngue conforme sua capacidade de produzir sentido nas duas línguas que possui, podendo essa capacidade variar desde o conhecimento básico do idioma até o que seria o conhecimento "*que se possa considerar nativo*".

Essa definição permite uma gradação do grau de domínio do indivíduo na língua, desde o momento em que é capaz de 'produzir sentido' até o ponto máximo possível de conhecimento da língua. Mas para Beardsmore Mello (1999, p.43), essa definição, apesar de "*intelectualmente adequada*", possui uma fragilidade que poderá fazer com que esbarre na realidade cotidiana do uso da língua. Essa crítica feita ao modelo de Haugen vem da percepção que determinadas pessoas conseguem significar em uma língua, através de expressões ou músicas, mas é incapaz de manter uma conversação dentro desse mesmo idioma.

Grosjean (1982) coloca como um dos principais desafios dos sociolinguistas e psicólogos sociais coletar e catalogar, naquilo que hoje em dia podemos chamar de rigor científico, as atitudes dos grupos linguísticos diante si mesmos e diante os outros grupos.

Ducrot&Todorov (2010, p.67) descrevem assim os desafios teóricos que os estudiosos podem enfrentar ao dedicarem a definir o bilinguismo:

> O problema teórico mais interessante para o linguista é sabe se, e em que medida, a situação de plurilinguismo influencia o conhecimento de cada uma das línguas em causa. Ela é interessante por que essa influência, quando existe, não é sempre manifesta (...), mas por que ela pode desenrolar-se num nível relativamente abstrato. (DUCROT&TODOROV, 2010, p.67)

A abordagem mais simples talvez seja a entrevista direta, na qual o pesquisador encontra-se com indivíduos da família linguística sob observação e colhe depoimentos.

A respeito desse método existe, contudo, uma questão a ser levantada: esse tipo de encaminhamento de pesquisa pode fazer com que certos aspectos negativos, incômodos e desavenças sociais acabem por serem mascarados na fala dos entrevistados, seja por instinto de autopreservação ou algum tipo de reação pré-estabelecida de desconfiança em relação aos 'estrangeiros', seja por alguma falha do indivíduo em formar um panorama preciso do contexto social no qual se encontra imerso.

Outra metodologia citada por Grosjean (1982), cuja eficácia tende a ser maior, é uma abordagem etnográfica que poderíamos chamar, em uma tradução livre, de método dos 'perfis-combinados'. Por esta disposição, indivíduos bilíngues, que seja bons falantes de ambos os idiomas em observação, gravam uma mesma frase, primeiramente em uma das línguas e depois na outra.

Após a coleta das participações dos bilíngues, as vozes e as enunciações são misturadas randomicamente e então apresentadas para indivíduos monolíngues de ambos os idiomas, separadamente, sendo estes incumbidos de julgar, a partir do tom da enunciação, as qualidades de: liderança, inteligência, bondade, entre outras.

Grosjean (1982) coloca que os resultados mostraram que os 'juízes' não se aperceberam que os falantes eram bilíngues. Outro fato interessante a ser notado é que cada falante obteve julgamentos diferentes para cada uma das línguas que fala.

Poderíamos ver neste resultado que a forma do bilíngue colocar-se em relação a cada idioma que domina, a partir dos contextos sociais nos quais a 'imagem' de cada idioma se forma, torna-se tão diferente que um mesmo indivíduo, enunciando em duas línguas diferentes o mesmo texto acaba sendo interpretado como dois indivíduos distintos, de caráter e posicionamento sociais diferentes.

Outro ponto interessante da abordagem 'aparência-combinada' é como os próprios grupos linguísticos se reconhecem de forma diferente conforme seu status social. Grosjean (1982, p.118) traz o exemplo do estudo de Lambert no Canadá, onde bilíngues inglês/francês enunciaram a mesma frase, primeiro em uma língua, depois na outra. Esses registros foram embaralhados e posto a julgamento quanto à características do falante. O inglês, predominante sobre o francês, foi muito melhor avaliado que o francês, mesmo pela população falante do francês.

Em muitos quesitos, tais como os relativos à inteligência, liderança, autocontrole, entre outros, o grupo de enunciações faladas em francês foi mais bem avaliado pelos falantes de inglês que pelos próprios falantes do francês. Apesar da surpresa inicial, o autor coloca que os dados levantados pela pesquisa ilustram os diferentes tipos de atitudes que podemos ter em relação a dois grupos linguísticos distintos, quando existem disparidades de poder econômico, importância social, domínio político e mesmo, como no caso do Canadá, volume numérico, ou seja, o número absoluto de falantes de cada idioma.

A experiência Canadense nos mostra como as atitudes pejorativas do grupo linguístico dominante em relação ao grupo minoritário podem, com o passar do tempo,

acabar sendo assimiladas pelo grupo em desvantagem, este mesmo 'incorporando' os aspectos negativos de sua cultura apontados pela outra população. O grupo minoritário acaba por depreciar sua imagem como povo e cultura mais do que o faria o próprio grupo dominante.

O estudo de Lambert citado por Grosjean (1982, p.119), deu-se com garotas franco-canadenses de idades entre nove e dezoito anos, a partir da abordagem dos perfis-combinados, coletando, embaralhando e reproduzindo gravações de enunciações de bilíngues em francês e inglês, em seguida estimulando as meninas a procederem ao julgamento de caráter pessoa a partir da voz e da enunciação

O estudo apontou que os bilíngues francês/inglês menores de dez anos de idade ainda não haviam se apropriado das manifestações negativas em relação ao idioma, não apresentando o viés de desvalorização observado nos adultos e preferindo o francês em praticamente todos os usos possíveis da língua, exceto usos oficiais e na 'linguagem culta'.

Grosjean (1982) postula que Lambert, neste estudo, demonstrou que o viés negativo, a autoimagem associada às depreciações sociais que uma língua carrega em determinado contexto social, dá-se a partir dos doze anos. O estudo também demonstrou outro fator: a procedência social. A percepção negativa do próprio idioma aumenta conforma aumenta a idade, mas as garotas oriundas das classes sociais mais altas são mais afetadas por essa visão negativa que as meninas originárias das classes trabalhadoras, filhas de trabalhadores braçais.

O autor (Grosjean, 1982) ainda ressalta que outros estudos similares, feitos nos EUA, Peru, Singapura, Israel e Suíça confirmam que o viés negativo de uma língua tem seu aparecimento influenciado por fatores socioeconômicos e etários, sofrendo também influência do sexo ao qual pertence o indivíduo em observação.

Também foi observado por Lambert que os indivíduos bilíngues tendem a diluir os vieses e as estigmatizações dos idiomas. Em seus estudos, aferiu que crianças bilíngues de origem francesa possuíam uma avaliação do francês melhor que os falantes monolíngues do francês. O mesmo se deu com as crianças monolíngues do inglês, sua avaliação do francês foi mais pejorativa que a feita pelos bilíngues.

Porém Grosjean (1982, p.120) afirma se errôneo colocar-se que os bilíngues sempre tenham a preponderância a reduzir as diferenças de atitude entre os grupos linguísticos, pois existem diversos exemplos contrários, especialmente quando a minoria

linguística em questão sofre graves repressões contra sua nacionalidade, ou individualidade cultural, a partir da maioria linguística 'oficial'.

Assim, para facilitar a pesquisa sobre o fenômeno do bilinguismo, uma vez que a já citada complexidade do tema e a multiplicidade de metodologias trouxe diferentes visões sobre o tema, (MELLO, 1999, p.44) traz que, na tentativa de reunir todos os testes e metodologias aplicadas na determinação do bilinguismo, agindo segundo a visão de gradações, ou seja, degraus de domínio do idioma, Macnamara agrupou-os em um único conjunto de teste, dividido em quatro categorias, a saber: "escalas quantitativas, testes de influência, testes de flexibilidade e testes de dominância".

2.8 – Preconceito e invisibilização: atitudes em relação ao bilinguismo

Como dito por Mello (1999), o uso de uma determinada variedade ou variante linguística minoritária trazem para seus falantes todo um arcabouço de pré-conceituações construídas a partir da percepção pública, normalmente ditada pela cultura dominante, do caráter da população a qual essas variedades ou variantes 'pertencem'.

Assim, enxergando a língua como o fato social que é, antes um conjunto de variantes interligadas que um sistema único e centralizado, não se pode considerar o português como um único idioma, dessa forma reconhecendo as diversas variantes dessa língua, cuja análise mais profunda poderia classificar por proximidade, origem e uso, mas que não poderiam ser classificadas segundo uma dicotomia certo/errado.

Na maioria das vezes em que dois idiomas estão em contato direto, um destes passará a ser visto com a variedade de prestígio, em detrimento do outro. Essa valoração será feita menos por questões linguísticas, sintáticas, gramaticais ou mesmo estilísticas da língua em si que por inferências sociais e econômicas. A variedade mais 'importante' será aquela cujos falantes sejam membros das classes dominantes na economia, na sociedade e na política. A própria aplicação do termo "minoria" em si já qualifica uma população como inferior à população dominante.

Apesar de pouco comum, existem, porém, casos nos quais ambas as variantes em contato mantém seu prestígio, porém essa ocorrência quase sempre se dá quando as línguas em questão são ambas as línguas de prestígio mundial. Grosjean (1982, p.120) traz o exemplo da região de Ticino, Suíça, onde as populações falantes do alemão e do

italiano convivem pacificamente em meio a um contexto que ainda abriga a variante suíça do alemão e o ticinês, dialeto do italiano.

Em ambas as populações, os falantes do alemão e os falantes do italiano, valorizam e reconhecem o idioma um do outro, mesmo os indivíduos monolíngues. O autor traz como exemplo o fato que quando perguntados qual língua achavam mais bonita, a população falante do alemão citou o idioma italiano, ao passo que os falantes do italiano, para a mesma pergunta, apontaram o francês.

Esses casos são raros, porém na maioria das situações em que há a coexistência de dois idiomas diferentes dentro de um mesmo espaço nacional, acaba ocorrendo uma diferença entre a percepção e valorização desses idiomas.

Mello, (1999, p. 20) citando novamente o Brasil como exemplo, afirma que as variantes do português faladas no norte e nordeste, cuja fonética e prosódia diferem-se profundamente do português sulista, são pré-conceituadas e tidas como 'irritantes' nos estados da região sul. A autora também coloca que as pessoas em geral não conseguem apontar causas puramente linguísticas para a estigmatização das variantes nortistas e nordestinas, nos levando ao ponto que o preconceito linguístico é apenas um reflexo do preconceito social.

Grosjean (1982, p.121) se referindo ao estudo de Rubin feito nos anos 60 no Paraguai que encontrou atitudes negativas em relação ao guarani. Rhodes, todavia, retoma o campo da pesquisa após 20 anos e os dados mudaram. Tanto o guarani como o espanhol passaram a ter valoração positiva.

No contexto paraguaio, aqueles indivíduos que rejeitam o Guarani, em geral oriundos das classes dominantes, cuja primeira língua é o espanhol, apontam que o guarani é pouco produtivo, dada sua pequena expressão mundial, a falta (na época do estudo) de uma gramática estruturada e pouca a utilidade para a expressão de termos abstratos. Consideram assim, o Guarani uma língua em extinção, identificando as populações falantes monolíngues do Guarani como as parcelas menos escolarizadas, sem cultura ou educação da sociedade, chegando mesmo a qualificar essas pessoas como 'menos inteligentes' que a média nacional.

Os defensores do Guarani consideram sua língua como perfeitamente adaptada para a expressão tanto de todas as suas necessidades básicas como para o trato de conceitos abstratos, tais como teologia, filosofia as ciências. Reforçam possuir o Guarani um extenso vocabulário, com qualidades musicais e poéticas próprias, porém

reconhecem a importância do espanhol na economia e política, bem como sua utilidade para os paraguaios relacionarem-se com o resto do mundo.

Aliás, o exemplo do Paraguai é uma significativa demonstração da importância da ação estatal na promoção de uma cultura linguística, seu uso e sua aceitação. Grosjean (1982, p.120) faz um comparativo entre os estudos de Rubin, feito nos anos 60 e de Rhodes, feito em 1980, quando o idioma Guarani já estava oficialmente reconhecido. Em comparação ao primeiro estudo, onde o idioma guarani foi depreciado e tido como uma língua sem prestígio na comunidade e que não devia ser ensinada em sala de aula, o estudo feito em 1980 mostrou que 78% das pessoas consideram o Guarani uma língua apropriada para ser a língua de instrução, 82% consideram importante que seus bisnetos ainda falassem o Guarani e 63% por cento consideraram que uma pessoa que não fala Guarani não é legitimamente paraguaia.

As consequências do preconceito linguístico são variadas. Mello (1999) aponta que a partir do reconhecimento de uma variante ou variedade linguística como a variante padrão, todas as demais se tornarão variantes incorretas, ruins. Os falantes das variantes não-padrão passarão a serem vistos como incapazes de organizar o pensamento lógico e até mesmo como estúpidos. A variante de prestígio passa a ser, então, mais que a língua oficial, a língua do desenvolvimento econômico e aprendê-la, uma forma de ascensão social.

Grosjean (1982) cita que até recentemente, mesmo os EUA negligenciavam sistematicamente suas populações de minoria linguística. Apesar de a liberdade de expressar-se, promover e viver a cultural minoritária ser dada, o governo não se empenhava em ajudar aqueles que empreendiam um resgate de SUS idiomas tradicionais.

No antigo modelo estadunidense, a pessoas são livres para falar, escrever e utilizar seus idiomas de origem nas suas comunidades, porém este não tem estatuto de oficial. A educação será feita na língua dominante, assim como todos os serviços públicos e transações comerciais realizados na língua regional ou nacional. Pode acontecer de o idioma tradicional ser oferecido como segunda língua na escola, além de ser dada a liberdade para o desenvolvimento e publicação de livros no idioma tradicional, desde que feita e financiada pela própria comunidade.

Relembrando que Grosjean (1982, p.28) postulou que raramente uma minoria linguística, inserida em um contexto nacional regido por outro idioma, dominante e oficial, conseguirá manter-se monolíngue em seu idioma tradicional. O próprio desen-

volvimento da comunidade acabará ou tornando-a bilíngue, pela força da necessidade de inter-relações comerciais, sociais e políticas com a língua dominante, ou levando essa comunidade a viver uma fase de bilinguismo antes de tornar-se monolíngue no idioma dominante.

Outra forma violenta de transição linguística citada por Grosjean (1982, p.29) que incorre na extinção da língua da minoria pelo idioma dominante é a dialetização, a incorporação da língua por sua transformação em uma variante 'baixa' do idioma dominante. Somente possível entre línguas semelhantes, ocorre pela importação maciça de termos do idioma dominante para o idioma dominado, incluindo mudanças na pronúncia e na gramática das expressões do idioma minoritário importadas pelo idioma dominante.

Grosjean (1982) afirma que o foco principal dessas políticas são as crianças, pois são os indivíduos que menos ancoram linguísticas e culturais. Segundo Limberti (2009, p.26) "*os adultos também sofrem as consequências do confronto cultural, porém valores mais arraigados e internalizados apresentam uma resistência um pouco maior*", ou seja, ainda que os sintam os "a*balos nos alicerces de suas convicções*" (2009) e o conflito de valores a partir do encontro de culturas diferentes, por vezes até antagônicas, os adultos tendem a pensar a nova cultura linguística a partir dos moldes mentais desenvolvido no aprendizado de sua primeira língua.

As crianças, por sua vez, notadamente as em idade escolar, por não terem estabilizadas em si as bases de uma cultura, processo que irá ter lugar mais tarde em seu desenvolvimento, não apenas adquirem o idioma dominante com maior facilidade que os adultos, como acabam por servir como vetores de inserção do novo sistema linguístico em casa e na comunidade.

Grosjean (1982) ainda aponta a substituição, forma violenta de transição linguística onde um idioma é banido em benefício de outro, a partir da proibição do seu uso não apenas na escola, mas também nas instituições e locais públicos, na mídia, nos serviços públicos e até mesmo em casa. Aplicados nos casos onde os idiomas são muito diferentes, de forma que a dialetização não se torna possível, o processo de substituição visa à extinção do idioma e da cultura minoritários em prol da identidade regional ou nacional dominante.

No caso de países cujo nacionalismo seja um sentimento exacerbadamente valorizado pela população dominante e, consequentemente, a repressão contra a

cultura de uma minoria linguista seja elevada, assim como o fosso social entre as populações claramente estabelecido, o bilíngue é levado a julgar as atitudes e ações dos grupos linguísticos em questão, dado sua própria posição de "interface" entre os grupos, não raro entrando em um processo de desvalorização da sua própria cultura em benefício da cultura linguística dominante, a partir da percepção do prestígio deste em relação ao desprezo gerado por sua língua de cultura.

> Estabelecida de maneira bastante tardia em geral, e devida à supremacia de um falar local, é imposta pela organização administrativa (e delas que as pessoas se servem nas relações com o Estado) e pela vida cultural (...). Não raro a língua é utilizada pelo poder como um instrumento político (a luta contra os dialetos faz parte de uma política centralizadora e o nacionalismo vem muitas vezes acompanhando as tentativas de depurar a língua de contaminações estrangeiras). (DUCROT&TODOROV, 2010, p. 66).

Lambert (GROSJEAN, 1982, p.120) classifica essa forma de bilinguismo de "*subtrativa*", pois parte da pressão do grupo linguístico dominante pela absorção e adoção de seu idioma e cultura pelo grupo minoritário, da maneira mais rápida possível, de forma a 'reverter' aquela minoria em dissonância com o projeto de país à maioria cultural que o governo reconhece e promove. Como o próprio Grosjean (1982) diz: "*attitudes toward languages often reflect attitudes towards the users of those languages*"[8].

2.9 – Consequências do bilinguismo: a arena dos idiomas

Mello (1999, p.40) cita Ferguson ao caracterizar a diglossia, a comum vivência de duas variantes ou variedades linguísticas em uma mesma comunidade, onde cada uma delas se dá ao cumprimento de diferentes papéis, com diferentes domínios sociais de aparição. Um exemplo citado é o caso do italiano e do persa, idiomas cujos falantes muito comumente possuem algum dialeto dessas línguas cujo uso se dá, sobretudo em casa, ao passo que a língua oficial é usada em público, como língua de instrução, e desenvolvimento.

Essa definição de papeis rígidos, cuja transgressão pode trazer sérias consequências ao falante bilíngue, organiza-se primariamente em torno das funções que a

---

[8] *As atitudes em relação os idiomas geralmente refletem as atitudes em relação aos falantes desses idiomas.*

sociedade dá a cada variante ou variedade. Ao expressar-se neste ou naquele idioma, o indivíduo o indivíduo faz um juízo de valor sobre qual cultura/grupo linguístico possui maior valor para cada situação.

Porém, como ressalta Mello (1999, p.41), citando os trabalhos de Labov e Gumperz, diversas situações bilíngues podem gerar contextos conflituosos, estando a enunciação em um ou outro idioma "*pode refletir um comportamento social e/ou emocional, (...) sujeito à alterações do contexto em que transcorre a interação verbal*".

Limberti, ao caracterizar a construção da identidade do indivíduo perante seu grupo de pertencimento, trouxe que "*podemos perceber o termo identidade dividido em dois conjuntos, o conjunto das similaridades e o conjunto das diferenças*" (LIMBERTI, 2009, p.41), acrescentando que, ao tomarmos um indivíduo como foco de observação, é importante termos em mente que o estudo se dará, na realidade, com dois sujeitos, a pessoa enquanto ente único e original, e o membro de uma comunidade ou cultura, o ente social, fruto de uma construção histórica e coletiva.

O indivíduo bilíngue dificilmente poderia ser tomado exclusivamente dentro de uma das culturas as quais acessa e transita. Como Limberti assinala:

> A presença da voz do branco no discurso indígena revela, por oposição, sua alteridade e reforça a alteridade do índio. A própria classificação como discurso aculturado atribui a ele duas condições: como discurso do índio e como discurso do índio que contém a voz do branco (discurso aculturado). (LIMBERTI, 2009, p. 224)

Esse jogo entre identidade/alteridade do indígena, segundo a autora, leva o falante bilíngue a desenvolver uma capacidade inconsciente de transição entre os códigos culturais diferentes. Quer dizer, o sujeito se apropria do código linguístico-discursivo, mas nega intimamente a plena transição cultural, buscando uma diferenciação, necessidade inerente ao gênero humano, entre o eu/nós e o ele/eles, entre 'o nosso' e 'o deles'.

Assim, segundo Limberti (2009), apesar de influenciado e aculturado pelo uso do idioma dominante, o indivíduo bilíngue oriundo de uma minoria cultural e linguística nega essa aculturação e localiza o idioma e a cultura dominantes como ferramentas, não com uma forma de agir-viver a se adotar, desenvolvendo um sentimento de propriedade, mas nunca de pertencimento.

Grosjean (1982) aponta o nosso inerente etnocentrismo como a causa pela qual na maioria das relações entre diferentes idiomas há sempre uma estigmatização do idioma pertencente à minoria. Essas atitudes negativas perante a diversidade linguística pode ter profundos efeitos nos usuários da língua em desvantagem.

O primeiro aspecto a ser notado concerne ao aprendizado do idioma minoritário e a determinação da dominância de uma língua sobre outra na fala do indivíduo. Os membros da maioria aprendem somente seu idioma, da mesma maneira como os membros da minoria linguística também são obrigados a aprender o idioma dominante. Porém, mesmo em países que promovem o bi ou multilinguismo, somente a minoria aprende seu idioma, fato que acarreta em um encurralamento do idioma minoritário dentro das comunidades falantes.

O segundo aspecto se refere ao aprendizado do idioma dominante. A estigmatização de uma cultura linguística e consequentemente de seus falantes, pode levar os pais bilíngues ao abandono da língua tradicional como forma de garantir que seus filhos cresçam monolíngues no idioma dominantes e assim livrá-los do estigma negativo associado à essa minoria, indelevelmente associado ao idioma minoritário.

Grosjean (1982) cita o estudo de Gal sobre a população bilíngue alemão/húngaro da região de Oberwart, Áustria. Por causa da ligação histórica com um passado de servidão e pobreza, o idioma húngaro é fortemente estigmatizado.

Para evitar que seus filhos cresçam sob esse estigma, os pais bilíngues procuram expressar-se o menos o possível no húngaro e assim ajudar os filhos aprenderem um alemão sem marcas, de forma 'inseri-los' no idioma 'correto', a língua da sociedade orientada para o futuro, o idioma do desenvolvimento econômico, falado nas grandes cidades e nos centros políticos do país.

Grosjean (1982) traz ainda outro dado. No estudo feito por Rubin na década de 1960, foram detectados diversos casos onde os pais evitavam falar o guarani para que seus filhos desenvolvessem fluência somente no espanhol, como forma de integrá-los a parcela 'bem sucedida' da sociedade.

Outros dois aspectos referentes às atitudes negativas em relação aos idiomas minoritários referem-se a autopercepção e ao uso público do idioma. Grosjean (1982, p. 125) pontua que a estigmatização muitas vezes trás um processo no qual a própria população minoritária passa a ver seu idioma tradicional como o idioma "errado".

Neste panorama, os falantes bilíngues passarão a preferir a variedade "cor-

reta', normalmente a língua da maioria dominante, passando por uma processo de alternância da dominância, da língua tradicional para a oficial, utilizando seu idioma de tradição apenas no trato com os monolíngues no idioma minoritário. Estes, o monolíngues minoritário, passarão cada vez mais a preferir não pronunciar-se em público, deixando aos bilíngues a interlocução com indivíduos de fora de sua comunidade linguística.

A soma desses processos acaba por fazer com que o idioma minoritário tenha seus lugares de ocorrência cada vez mais diminuídos ou cerceados, de forma que cada vez menos seu uso ocorrerá, assim como cada vez menos pessoas aprenderão esse idioma, dado sua pouca utilidade, podendo até mesmo acarretar na extinção do idioma, em uma curva decrescente do número de falantes, processo cujo agravamento se acentuará conforme se acentue a curva.

No panorama linguístico de Dourados, no qual diversas variantes e variações de línguas indígenas convivem forçadamente em um mesmo espaço físico, ao mesmo tempo em que se dá seu jogo com o português, o idioma de prestígio e a língua oficial, que ora avança junto ao desenvolvimento econômico e do aumento da população da região, criar novos horizontes e paisagens para a expressão das múltiplas facetas dessas línguas indígenas pode se constituir em um precioso auxílio à sua preservação.

A participação Guarani na história de Dourados remonta à ancestralidade desses povos, ao inerente caráter de mudança e movimento dos povos Guarani. É errado pensar em sua cultura e religião como crenças rasas e pagãs, antes se constituindo um complexo entrelaçado de histórias e lendas que moldam um povo de caráter único. Assim, antes que possamos realizar qualquer análise mais aprofundada, é necessário proceder a uma reconstituição histórica do indivíduo Guarani, procurando delimitar uma forma de agir-viver na qual essa cultura se expressa.

2.10 - Síntese histórica da vida do índio Guarani de Dourados

Compreender e delimitar uma imagem do índio de Dourados dentro do atual momento, em que a cena das mídias passa a participar cada vez mais das comunidades e aldeias onde vivem, demanda um passeio histórico, ainda que sintético, da vida dos povos indígenas que são o alvo de nosso estudo.

Oliveira & Freire (2006) afirmam que o índio foi um ator importante na for-

mação do Brasil, não um mero espectador do processo de colonização. A participação do índio certamente deu-se no conflito armado, no enfrentamento direto com o colonizador, mas também na articulação entre diferentes povos em vista a formação de uma frente comum contra o invasor, ou ainda na migração de nações inteiras fugindo das bandeiras e das doenças trazidas por elas. Durante a primeira fase da colonização, do descobrimento até o fim do século XVIII, podemos caracterizar a forma do relacionamento entre índios brasileiros e colonizadores como "Regime dos Aldeamentos", fase na qual os índios eram classificados, sobretudo, por sua atitude frente ao colonizador, havendo uma polarização entre inimigos e aliados.

Os autores ressaltam, porém, que em momento algum foi dado às populações indígenas aliadas a possibilidade de continuarem a existir como povos independentes dentro de sua cultura original. O ideário medieval de paganismo, barbárie e selvageria, junto aos interesses econômicos da coroa portuguesa, levaram aos colonizadores, desde o início, a adotarem uma postura de 'civilizadores', em uma jornada ético-religiosa cujo objetivo final seria o resgate das populações indígenas de seu estado de barbárie pagã e sua integração ao projeto econômico da colônia e à civilização.

A pesquisadora Berta Ribeiro (1983), explicita que a partir da chegada de Martim Afonso de Souza no Brasil, em 1531 e, principalmente, com a divisão da colônia nas capitanias hereditárias, a demanda por braços, tanto para a construção de casas, engenhos e igrejas, quanto para suprir as necessidades de mão de obra nas lavouras de cana, gerou um vetor cada vez maior de preamento, sujeição e escravização das populações indígenas.

Somando os efeitos da escravidão indígena e os conflitos decorrentes da ação predatória dos colonizadores, com o fato de que as populações autóctones do Brasil possuíam baixa resistência a determinadas doenças que os colonizadores trouxeram, as ações dos 'brancos' acabaram por dizimar centenas de milhares de vidas, levando muitas nações até a completa extinção, tal qual a dos índios Caetés de Pernambuco e da Bahia, sobre os quais Oliveira & Freire (2006, p. 39) resgatam o testemunho do Padre Antônio Vieira:

> Sendo o Maranhão conquistado no ano de 1615, havendo achado os portugueses desta cidade de São Luís até o Gurupá, mais de quinhentas povoações de índios, todas muito numerosas e algumas delas tanto, que deitavam quatro a cinco mil arcos. (...) No ano de 1652, tudo isto estava despovoado, consumido

> e reduzido a mil e poucas aldeotas, de todas as quais não pôde (...) juntar oitocentos índios de armas, e toda aquela imensidade de gente se acabou ou nós a acabamos em pouco mais de trinta anos. (OLIVEIRA&FREIRA, 2006, p.42)

Oliveira & Freire apontam também outros dois aspectos extremamente maléficos para a sobrevivência das culturas indígenas de então: a obrigatoriedade dos próprios indígenas somente se comunicarem em português; e o ajuntamento aleatório de povos diferentes em aldeamentos e vilas criados nas áreas marginais aos grandes empreendimentos agrários, como mão de obra para a produção de alimentos.

A primeira questão, a troca imposta dos idiomas indígenas em benefício do português faz parte do processo de desculturação e 'civilização' do índio, sua conversão ao cristianismo e o abandono de suas ligações étnicas e culturais com o passado. O Diretório Indígena existia para 'desindializar' o índio, como atesta o resgate de Beozzo feito por Oliveria & Freire (2006, p.73): "*Cabia aos diretores, com brandura, combater privilégios ou quaisquer distinções, estimulando o casamento de índios e 'brancos'*".

Já o segundo quesito, os descimentos, aldeamentos, preamentos e captura de índios para o trabalho, que a proibição da escravatura indígena pouco ou nada fez para atenuar, incorreu na dissolução das aldeias. Os índios passaram a ser tratados como trabalhadores livres, pertencentes a uma massa geral, não mais membros de seus povos de origem.

> Os índios eram repartidos entre as necessidades das povoações e dos moradores. Havia uma listagem indicando aqueles capazes de trabalho, com valores de salário, preços e pagamentos realizados. Do salário recebido, os índios davam uma parte para o Diretor da povoação. (OLIVEIRA&FREIRA, 2006, p.42)

Mesmo no final do século XVIII, a situação do índio não se alterou, tendo o desmantelamento e fim dos Diretórios Indígenas, feito muito pouco para melhorar a situação dos povos indígenas do Brasil. Em primeiro lugar porque, nas regiões ermas, os Diretores dos povoamentos continuaram a exercer seu papel, independentemente da extinção do órgão ao qual pertenciam e, em segundo lugar, por que os índios continuavam a ser, segundo os olhos do Estado, entes inferiores aos brasileiros 'civilizados', desprovidos que qualquer potencialidade em autodeterminar seu destino. Como colo-

cam Oliveira & Freire (2006, p.43), "*Os juízes e o Estado Brasileiro velavam pelos bens dos índios, vistos como incapazes de assegurar seus direitos*".

A trajetória da luta dos povos e nações indígenas pelo seu reconhecimento como cidadãos plenos, porém fora da esfera da política da 'emancipação indígena' de suas terras, oriunda da SPI, continua a ser pontuada por revoltas e sangue, tanto por parte de índios insurgidos contra o desmantelamento de seus locais tradicionais de vivência, quanto por parte dos interesses econômicos contrariados, a partir da contratação de homens de armas para a expulsão dos indígenas das reservas, além do assassinato de seus líderes.

Diversas fontes, entre elas Oliveira & Freire (2006), e Prezzia & Hoornaert (1989), citam o caso do índio guarani-ñhadevá Marçal de Souza, assassinado no terreiro de sua casa, na Aldeia Campestre, no Mato Grosso do Sul, o líder indígena que na ocasião da visita do Papa João Paulo II ao Brasil disse:

> O verde da bandeira que os brasileiros carregavam representava a mata que a civilização nos tirou; vivemos nas terras do governo, como párias, esmagados. O amarelo, que representava a riqueza do Brasil, a pesca e a caça, hoje está ausente de nossa terra; tiraram-nos tudo em nome da civilização. O branco, que simbolizava a paz tão desejada, hoje está ausente do homem. E, finalmente, o azul, que representava o céu, na sua beleza florida – estrelas e astros a brilhar -, foi a única coisa que a civilização deixou ao índio, e isso porque ela não pôde conquistar ainda. (RANGEL, 2008, p.04).

As perdas não foram em totalmente vão, pois as pressões vindas do movimento indígena, ecoadas pelo movimento missionário, entidades de defesa dos direitos humanos e pela mídia, tanto nacional como internacional, acabaram por culminar na aprovação, em 1988, de uma nova legislação direcionada aos indígenas, a qual "*nos indica que a lei não adota mais o princípio assimilacionista, apesar de alguns escorregões oficiais*" (SOUZA FILHO, apud DONIZETE & GRUPIONI, 2000, p.165).

2.11 – A identidade dos povos Guaranis

Não existe uma única identificação ou etnia Guarani, nem mesmo uma única língua guarani. Segundo o quadro constante no *site* Povos do Brasil (http://

pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-nandeva/1296, acessado em 03 de fevereiro de 2012) temos a seguinte distribuição dos Guaranis:

Os Guarani na América:

Bolívia: guarayos, chiriguanos e izozeños
Paraguai: mbya, ñandeva, paï-tavyterã (kaiowa), ache (guayaki*),guarani-ñandeva (tapieté*)
Argentina: mbya
Brasil: mbya, ñandeva, paï-tavyetrã (kaiowa)

*Denominações depreciativas

Quadro 1: Denominações dos povos guarani.
Fonte: Povos do Brasil (http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-nandeva/1296, acessado em 12 de março de 2012). Autoria: Luis Benedetti

Antes da chegada dos europeus à América e mesmo depois, grandes migrações e conquistas de territórios foram feitas pelos ancestrais desse povo, havendo um processo de diferenciação linguística, como coloca Rodrigues, ao relatar que "a grande dispersão geográfica das línguas da família Tupí-Guarani indica que os antepassados dos povos que as falam empreenderam muitas e longas migrações" (RODRIGUES, 2002, p.33).

Como ressalta Nobre (2005), o início, ou mesmo estruturação, de um contexto social no qual se tornou possível o surgimento do processo migratório guarani provavelmente remonta a uma época anterior a chegada de Colombo à América. Segundo o autor, provavelmente esse processo foi brutalmente abortado pelas invasões portuguesa e espanhola, as ocupações de terra e a carnificina resultante dos conflitos entre os guaranis e os colonizadores, com a consequente desintegração de diversos grupos e populações, além da instalação de diversas missões religiosas, dos aldeamentos arbitrários e das reduções.

Porém, enquanto durou esse movimento de expansão, diferentes populações guaranis acabaram por estabelecer-se em regiões específicas, dando origem a territórios próprios para cada grupo, a intensidade de contato entre os grupos diminuindo proporcionalmente às distâncias e, por vezes isolando uma macro região da outra. Como aponta Lèvy: "*numa sociedade oral primária, quase todo o edifício cultural está fundado sobre as lembranças dos indivíduos*" (LÈVY, 2000, p.77), de forma que, paulatinamente, em cada macro território específico acabou por constituir-se uma versão própria do idioma, com seus próprios dialetos e variações.

Dessa maneira, chegamos ao panorama atual, no qual, como relata Rodrigues (2002), existem, somente no Brasil, 21 diferentes línguas vivas da família Tupí-Guarani, com mais de 33.000 mil falantes e dos quais o grupo nhandevá é apenas um dos subgrupos falantes, não obstante seja um dos maiores, em termos numéricos, na região de Dourados.

Porém, como Dooley (2008) nos traz a mescla entre populações guaranis de origens linguísticas diversas é relativamente comum. É normal que comunidades dialetais diferentes convivam num mesmo espaço, sendo os casamentos intergrupais corriqueiros. O autor traz o relato de Schaden Dooley (2008) de que no Mato Grosso do Sul, "*o convívio de famílias Ñandevá, Mbya e Kayowá levou a tão intenso processo de homogeneização (...) que nesses grupos hoje se tornou impossível distinguir (...) entre uma subcultura e outra.*" (DOOLEY, 2008, p. 07).

Dooley também traz o relato de Nimuendajú, feito ainda no início do século XIX, que já dava pistas sobre um processo de solapamento das diferenças linguísticas existentes entre os diferentes subgrupos nhandevá, inventariando a situação de miscigenação linguística que as reduções e aldeamentos propiciaram: "*estas diferenças, em si já insignificantes, são (...) muito raramente perceptíveis, terão desaparecido dentro de uma geração até o último vestígio*". (DOOLEY, 2008, p. 07)

Ainda sobre as variedades de idiomas de origem guarani, Rodrigues (2002), coloca que além do Brasil, uma vertente do idioma guarani, muito semelhante à falada pelos índios kaiowá brasileiros, possui um grande número de falantes no Paraguai, "conhecido pelo nome de Pãi ou Pãi-tavyterã" (RODRIGUES, 2002, p. 33), além de ainda haver outro idioma do mesmo tronco, o Chiriguano ou Guarani Boliviano, falado por cerca de 50.000 indivíduos na Bolívia. De todas as versões do Guarani, porém, a mais falada é o Guarani-Paraguaio, nacionalmente reconhecido como idioma oficial do Paraguai, ao lado do espanhol, ensinado regularmente nas escolas e falado por aproximadamente 3.000.000 de pessoas.

2.12 – A autodeterminação dos Guarani-Nhandevá: miscigenação e a busca pelo Ñande Retã, o território total dos índios guaranis

Utilizado para diferenciar um dos subgrupos Guarani o termo nhandevá não é um nome específico, ou um termo de diferenciação tal como o termo kaiowá, que provavelmente decorre do termo ka'a o gua e significa "aqueles que pertencem à floresta alta", tal como relata o *site* Povos do Brasil (http://pib.socioambiental.org /pt/povo/

guarani-nandeva/1296, acessado em 12 de março de 2012), desde sempre atribuído pelos povos guaranis aos sub-grupos viventes nas matas. Palavra prosaica, o termo ñhandevá significa simplesmente 'nós'.

A respeito das populações guarani, Tonico Benites (2009, p. 26-27), em sua dissertação de mestrado esclarece que apesar de classificados como guarani-kaiowá, essa etnia não se considera guarani, preferindo dar-se o rótulo de Ava-kaiowá. Da mesma maneira, os índios denominados guarani-ñhandevá, não vêm sentido nessa divisão, preferindo referirem-se a si mesmos como Ava-guarani. A partir de dados coletados pelo autor, dá conta de aproximadamente 45.000 indivíduos, distribuídos em 30 diferentes áreas, ocupações e terras indígenas.

Por outro lado, Nobre (2005) expõe que os guaranis atuais normalmente refutam o rótulo e divisão de seu povo entre mbyá, kaiowá e ñhandevá, preferindo-se verem como um único povo. A miscigenação e os casamentos intergrupais teriam, segundo o autor, levado a um estado onde as diferenças parecem estar sumindo. No próprio Mato Grosso do Sul, em Dourados, a interconvivência e a miscigenação entre os kaiowá e os ñandevá chegou a tal ponto que talvez seja impossível diferenciar-se um povo de outro, como relata a fala de Veiga, regatado por Nobre (2005): "*Os guaranis explicitaram que não aceitam a demarcação entre Mbyá, Ñandevá e Kaiowa, conceito utilizados pela etnologia para demarcar (...) entre diferentes parcialidades guarani*" (NOBRE, 2005, p.9).

O *site* Povos do Brasil resgata do jesuíta e antropólogo Curt Nimuendaju o relato que os índios viventes ao sul do pantanal, nas terras que compreendem a divisa entre os estados do Mato Grosso do Sul e Paraná, mais o extremo oriente do Paraguai, normalmente utilizavam o termo "ñandevae kuere (nossa gente), ñandeva ete (é mesmo nossa gente), txe Nhandeva ete (eu sou mesmo Guarani, um dos nossos)", para designar a si, em diferenciação aos outros grupos.

Os guaranis ñhandevá, desta maneira, se autodenominam simplesmente de 'guaranis', somente utilizando o termo ñhandevá quando instados a diferenciarem-se dos outros subgrupos. São também conhecidos como Chiripa ou Txiripá no Paraguai, por conta de suas vestimentas rituais e por Txiripa'i, como são apelidados pelos guaranis mbyá. Segundo Rodrigues (2002) existem atualmente cerca de 5.000 indivíduos falantes do nhandevá no Brasil, espalhados pelos estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul.

Mello (2007) resgata o relato de um professor indígena ñhandevá do Paraná:

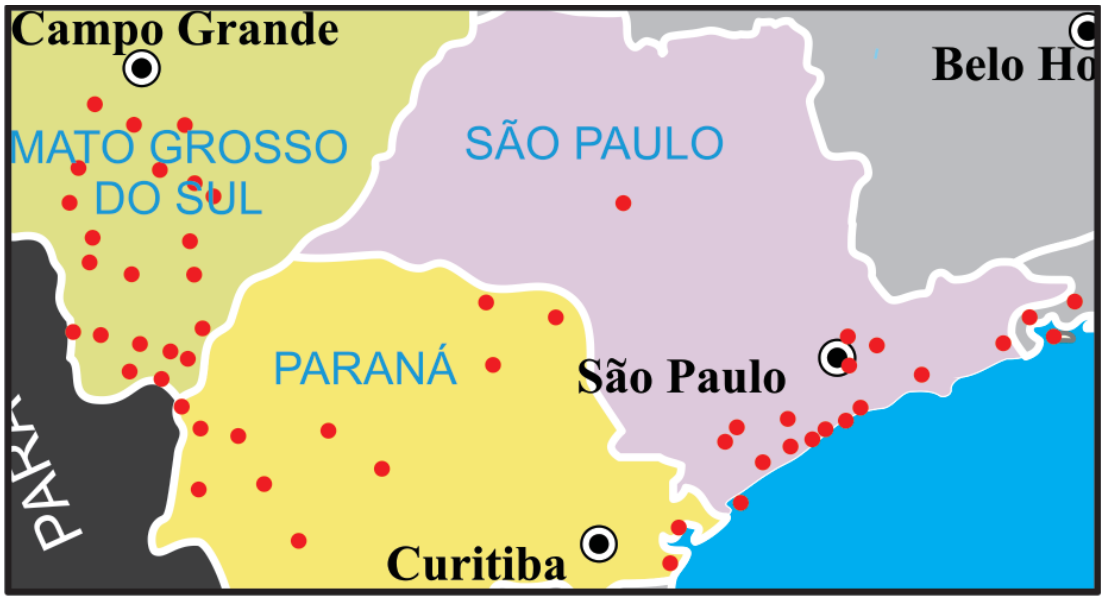
> O Chiripá e o Mbyá para nós são o mesmo, é o guarani do sul né. (...) Eu acho que o Chiripá e o Nhandeva não podem ser o mesmo. A fala é diferente da nossa e a reza o sistema a gente vê que também tem diferença. Tem outro sistema. Mas é tudo o guarani também. Agora, fala igual a nossa é do guarani de Nimuendaju (antiga aldeia Araribá, em Bauru, no estado de São Paulo, onde mora sua mãe), ou do Mato Grosso, eu conheço o guarani de lá. Lá é o Nhandeva mesmo. Guarani do sul é diferente, não é o Nhandeva. Agora eu já vi nos livros que para os brancos eles também são chamados de Nhandeva. (MELLO, 2009, p.51).

No entanto, em diversas regiões, limítrofes dos territórios entre dois subgrupos diversos, a interconvivência trabalha em prol da diminuição das diferenças idiomáticas entre as vertentes, além de outras localidades nas quais diferentes grupos guarani convivem, como no caso de Dourados, onde guaranis nhandevás e kaiowás atualmente repartem espaço dentro das mesmas terras indígenas, fato que também contribui para uma aproximação entre as vertentes do guarani.

Atualmente, segundo o *site* Povos do Brasil, existem oito áreas demarcadas para os índios guarani nhandevá e kaiowá no Mato Grosso do Sul, originalmente dimensionadas em 3.600ha cada, mas que geralmente acabaram por tornarem-se menores.

O *blog* dedicado aos povos guarani da Raposa Serra do Sol (http://www. djweb. com.br/historia/), traz outro levantamento, que dá conta de 53 povoamentos Guarani, desde pequenas comunidades, tais como a aldeia Krucutu, com 20 elementos, até as aldeias maiores e mais conhecidas, tais como as aldeias de Dourados, que o *blog* contabiliza com cerca de 1.500 indivíduos.

O *blog* dos indígenas de Raposa Serra do Sol ainda nos trás um mapa com a localização das aldeias guarani dos estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul, bem como três listagens com os nomes das aldeias. Interessante notar que na listagem que cobre o estado de Mato Grosso do Sul, além das aldeias assinaldas, que se tratam de áreas indígenas devidamente reconhecidas pelo governo, ainda existem nove outras áreas revindicadas pelos indígenas, mas que ainda não foram reconhecidas pelas instâncias governamentais responsáveis. Essas nove áreas não foram relaciona-



Localização dos Povos Guarani em São Paulo e Rio de Janeiro	
1 - Aldeia de Itaoca - Mongaguá	11 - Aldeia Rio Branco - Iguape
2 - Aldeia de Iguapeú - Mongaguá	12 - Aldeia de Krucutu - São Paulo
3 - Aldeia Bananal - Peruíbe	13 - Aldeia de Jaraguá - São Paulo
4 - Aldeia de Rio Branco - Itanhaém	14 - Aldeia de Sapukai - Angra dos Reis
5 - Aldeia de Nimuendaju - Avaí	15 - Aldeia de Parati - Parati
6 - Aldeia de Itariri - Itariri	16 - Aldeia de Araponga - Parati
7 - Aldeia de Barragem - São Paulo	17 - Aldeia de Pindo Ty - Pariquera-Açu
8 - Aldeia do Rio Silveira - Bertioga	18 - Aldeia Biguá - Peruíbe
9 - Aldeia de Boa Vista - Ubatuba	19 - Aldeia de Sete Barras - Sete Barras
10 - Aldeia Ilha do Cardoso - Cananéia	

Localização dos Povos Kaiowa e Guarani em Mato Grosso do Sul. (9 áreas reivindicadas que não foram relacionadas.)	
20 - Aldeia Amambai - Amambai	31 - Aldeia Panambi - Douradinha
21 - Aldeia Caarapó - Caarapó	32 - Aldeia Panambizinho - Dourados
22 - Aldeia Campestre - Antonio João	33 - Aldeia Paragwassu - Paranhos
23 - Aldeia Cerrito - Eldorado	34 - Aldeia Pirajui - Sete Quedas
24 - Aldeia Dourados - Dourados	35 - Aldeia Piraká - Bela Vista
25 - Aldeia Guaimbé - Laguna Caarapã	36 - Aldeia Porto Lindo - Japorã
26 - Aldeia Guassuty - Aral Moreira	37 - Aldeia Rancho Jacare - L. Caarapã
27 - Aldeia Jauapiré - Tacuru	38 - Aldeia Sassoró - Tacuru
28 - Aldeia Jaguari - Amambai	39 - Aldeia Sete Cerros - Cel. Sapucaia
29 - Aldeia Jarara - Juti	40 - Aldeia Sucuri'y - Maracaju
30 - Aldeia de Limão Verde - Amambai	41 - Aldeia Takuapery - Cel. Sapucaia

Localização dos Povos Guarani no Paraná	
42 - Aldeia de Ocoy - S. Miguel do Iguaçú	48 - Pinhalzinho - Tomazina
43 - Tekoha Añetete - Diamante do Oeste	49 - Ilha da Cotinha - Paranaguá
44 - Aldeia de Mangueirinha - Mangueirinha	50 - Guaraqueçaba - Guaraqueçaba
45 - Rio D'Areia - Inácio Martins	51 - Rio das Cobras - Nova Laranjeiras
46 - S. Jerônimo Serra - S. J. da Serra	52 - Área Indígena Terra Roxa
47 - Laranjinha - Sta. Amélia	53 - Área Indígena Guaíra - Guaíra

Quadro 2: mapa das aldeias Guarani
Fonte: http://www.djweb.com.br/historia/mapa/index.htm, acessado em 20 de março de 2012.
Autoria: Luis Benedetti

das no mapa e nas listagens das aldeias indígenas anexas ao mapa, conforme mostra a imagem a seguir:

2.13 – Os Guaranis e seu modus vivendi: o Tekohá

Segundo o *site* Povos do Brasil:

> Três aspectos da vida guarani expressam uma identidade que dá especificidade, forma e cria um "modo de ser guarani": a) o ava ñe'ë (ava: homem, pessoa guarani; ñe'ë: palavra que se confunde com "alma") ou fala, linguagem, que define identidade na comunicação verbal; b) o tamõi (avô) ou ancestrais míticos comuns e c) o ava teko (teko: "ser, estado de vida, condição, estar, costume, lei, hábito") ou comportamento em sociedade, sustentado em arsenal mítico e ideológico. Estes aspectos informam ao ava (Homem Guarani) como entender as situações vividas e o mundo que o cerca, fornecendo pautas e referências para sua conduta social (POVOS DO BRASIL, http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-nandeva, acessado em 02 de fevereiro de 2012)

Dessa forma, o índio Guarani é, antes de tudo, um indivíduo profundamente localizado em relação a sua família, seu povo, sua cultura, sua língua e seus locais tradicionais de vivência. Segundo o *site* Povos do Brasil (http://pib.socioambiental.org), o Guarani define sua personalidade em relação a seu 'fazer viver Guarani', a interlocução do indivíduo com seus pares, suas crenças, sua família próxima (avós, pais e filhos), sua família extensa (o grupo familiar completo), suas lideranças, sua aldeia e as terras onde vive.

Nobre (2005) concorda, colocando que a nação Guarani é constituída por um povo movido por profundas convicções espirituais, exemplificando essa espiritualidade através das reações do povo guarani ao progressivo aumento do poder dos caciques e lideranças políticas indígenas, que são tradicionalmente mais fortes e presentes em situações de conflitos, sendo sua liderança vaga em tempos de paz, mas se tornaram onipresentes após o contato com o 'branco' e a ocupação de suas terras.

A concentração de poder nas mãos de poucos índios foi encarada como uma perturbação do ambiente espiritual dos guaranis que "*teria ameaçado a ordem social tradicional e levado a uma resposta da sociedade indígena que reagiu contra esse poder. Daí nascem os 'karaí'*"(NOBRE, 2005, p.3), ou profetas guaranis, que passaram a evocar, através de danças, cantos e as palavras, a busca pela 'Terra sem Males', ou *yvy maraey*, onde poderia o povo guarani novamente encontrar a sua paz e serenidade (2008, p.3).

Mesmo quando fixadas a uma determinada região, as populações guarani seguem um padrão de habitação esparso, com cada núcleo familiar a uma boa distância um dos outros, de forma que, tradicionalmente, "*cada família extensa vivia de forma autônoma, distanciando-se 05, 10 e até 20 quilômetros de outra grande família. Desse modo o território (tekoha guasu) era preenchido pelos conjuntos de famílias extensas Ava kaiowá.*" (BENITES, 2009, p.46)

No centro de cada território familiar, todos eles fracamente delimitados, fica a área de habitação, em sua volta estando o espaço de plantio e vivência. Ao redor dessa área e separando cada núcleo habitacional, fica a área de perambulação, reservada à caça, pesca e coleta. Faz parte do cotidiano dos guaranis deslocar-se continuamente, conforme colocado em Limberti (2009).

O tekohá é o espaço físico-geográfico-espiritual dentro do qual "*se realiza o teko, o 'modo de ser', o estado de vida guarani. Engloba a efetivação de relações sociais de grupos macro familiares que vivem e se relacionam em um espaço físico determinado*" (POVOS DO BRASIL, http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-nandeva/1298)

Limberti também reforça essa importância que o espaço de vivência tem na vida dos guaranis, relatando que:

> Para eles, o Tekohá tem características físicas e geográficas específicas. Não é qualquer terra. Ele se apresenta nitidamente no espaço físico, é limitado por colinas, matas e campos. É algo divino, oferecido pelo Deus criador somente para eles. Os Kaiowá sabem, têm consciência de seu Ñande Retã (...), sentem seu habitat mutilado e seus princípios étnicos deixando de existir. (LIMBERTI, 2009, p. 25)

Porém, segundo Nobre (2005), os guaranis de atualmente já não podem contar com a realização de suas antigas lendas, pois não há nenhuma terra sem males ou aldeia celestial a serem descobertas, a partir do conhecimento, trazido pela modernidade, que será impossível aos guaranis fugir para uma terra na qual a civilização não chegue. Para o guarani do século XXI, a *yvy mbaemegua*, a terra má, é o estado de ambiguidade em que este atualmente vive, dividido entre o costume tradicional e o costume oficial.

Como ressalta o autor, a tradição guerreira Tupi-Guarani deixou marcas nos espíritos dos povos Guarani, para os quais a união política entre diversas populações só é possível em face de um inimigo comum, sendo o resto do tempo um povo espalhado, cada grupamento seguindo sua busca pela sua *yvy maraey*, sua Terra sem Males,

uma espécie de ascensão pessoal e coletiva a um novo patamar de existência, a partir da fuga ou confrontamento de seus inimigos e dos males que os afligem, todos estes localizados como a *yvy mbaemegua,* a terra má.

O índio guarani só pode viver, como guarani, no estado de movimento perene, parte de um grupo em incessante movimentação através dos territórios de amigos e inimigos, sua honra e posição social influenciada por sua valentia e conquistas de guerra e cuja única morte boa é aquela que provém das mãos de seus adversários, como na visão dos tupinambás, outro povo do tronco Tupi-Guarani.

Desta forma, ciente da desagregação de sua cultura, determinadas comunidades guarani passaram a compreender a viagem espiritual como uma busca pela volta aos modos de vida tradicional do guarani, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária, como se acredita tenha sido a vida dos povos guarani pré-cabralianos, para que possam chegar ao um estado que denominaram de "*kandiré* – o Paraíso Terreal". (NOBRE, 2005, p.6).

A ocupação cada vez mais maciça das áreas tradicionais dos guaranis, com a subsequente destruição dos tekohá para a instalação de fazendas, impossibilita cada vez mais a vivência do índio no estado original de sua cultura. Os índios sabem disso, sabem que o passado glorioso de seu povo está morto para sempre e que sua vivência será a da luta pela recuperação de alguma parte de seus territórios originais, como podemos ver pela fala do antropólogo de origem kaiowa Tonico Benites:

> A partir do século XX, ocorreu a ocupação planejada do território Guarani pelos pecuaristas apoiados pela política do Estado, através do órgão indigenista Serviço Proteção aos Índios, criando entre 1915 e 1928 oito minúsculas áreas denominadas de Posto Indígena, exclusivamente para confinar as famílias guaranis e liberar o resto das terras aos fazendeiros. (BENITES, in: ENCONTRO DOS POVOS GUARANI, janeiro de 2010. http://www.guata.com.br Tirando%20de%20 letra/_1E100205TL_povo_guarani_kaiwoa_tonico_benites.html)

Assim, conforme nos coloca Nobre (2005), os guaranis de hoje não buscam mais sua 'terra sem males' no além terra, além mar. Sua busca espiritual e física não demanda mais que eles atravessem territórios e regiões. Esses índios se veem impelidos a buscarem seu futuro em seu passado, procurando reconstruir o jeito de ser guarani, denominado de *ñande rekó*, como forma de atingirem o *kandiré*, a vida dentro dos padrões, da língua e da religião guarani, uma forma de ascensão ao paraíso em vida, projetado em uma volta ao passado. Esta pode se dar via ciberespaço, por que não?

3 – *Blogosfera* ou *blogosferas*: redes virtuais de sentidos.

3.1 – A dimensão dos *blogs*.

A palavra *blog* é a abreviação do termo *weblog*, junção das palavras inglesas web, ou 'rede', sinônimo de '*internet*' e *log*, que pode ser compreendida como 'relatório', 'registro' ou 'diário de bordo'. São páginas de *internet* pessoais onde os usuários tratam de assuntos diversificados, associando-se a páginas similares, de maneira formar redes que se constituem a partir de uma lógica livre, sem que hajam direções ou formatos pré-estabelecidos para essas redes, unidas através de *links* e serviços de assinatura[9] determinados pelos próprios usuários.

Um *blog* é construído e controlado a partir das mesmas linguagens que podem ser encontradas nos *sites* 'normais', a grande diferença é que os *blogs* são um serviço prestado por *sites* especializados, que criam interfaces de fácil manejo para que a construção e a manutenção desses diários virtuais possam ser realizadas mesmo por um internauta iniciante, a partir modelos prontos, denominados *templates*[10] , que são estruturas básicas, que podemos compreender como "*sites* pré-fabricados", sobre as quais o usuário cria seu *blog* personalizando as cores, inserindo imagens e sons, além de poder utilizar aplicativos especiais, disponibilizados pelos provedores.

Esses aplicativos permitem, além de diversas utilizações de imagens, áudios e vídeos, criar uma rede entre *blogs* pela interligação entre diferentes publicações através de *links* e serviços de assinaturas tais como *RSS*[11] e *FEED*[12] , que fazem do *blogueiro*[13], ao mesmo tempo, produtor e interlocutor dos conteúdos que circulam por essa rede, nomeada de *Bloglosfera*. Como as associações entre os *blogs* são determinadas pelas escolhas dos próprios usuários e leitores, as redes formadas possuem um caráter livre, rizomático, formando comunidades que se associam e dissociam sem prévio planejamento.

---

[9] *Através do serviço de assinatura, o internauta 'assinante' passa a receber as atualizações do blog de interesse automaticamente.*

[10] *A palavra inglesa templates pode ser traduzida como 'modelos'.*

[11] *O RSS, Rich Site Summary ou Really Simple Syndication, é um conjunto de linguagens de internet que permitem que um site seja automaticamente alimentado por informações de outros sites. O que essas programações fazem é replicar qualquer atualização do site/blog assinado em todos os sites/blogs assinantes.*

[12] *FEED, palavra inglesa que significa "alimentar". É o manancial do qual as programações RSS buscam as informações que replicam, ou seja, o feed de um site são as informações disponibilizadas para que os assinantes do site/blog repliquem em seus próprios sites/blogs.*

[13] *O termo 'blogueiro' define o internauta que, além de visitante esporádico ou assinante de blogs, possui seus próprios espaços virtuais, de forma ser, além de destinatário, também um produtor e/ou veiculador de conteúdos na blogosfera.*

Já o termo *Blogosfera* deriva da palavra inglesa *Blogosphere*, que é aplicada para nomear o coletivo de todos os *blogs* existentes. A enciclopédia livre Wikipédia (http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera) localiza sua criação na década de 1990, porém o termo somente foi popularizado perto do ano 2000, graças à imprensa estadunidense.

Porém, uma vez que temos a concepção de *Blogosfera* como um coletivo de expressões individuais e coletivas externadas e veiculadas através dos *blogs*, essa concepção irá nos remeter ao conceito de noosfera, já abordado nesta dissertação, de maneira que podemos afirmar tratar-se da *Blogosfera* de um 'conjunto de conjuntos' de espaços de sentidos, criados e mantidos em torno de temáticas centrais, a partir das quais se ramificam outras temáticas, interligando-se umas às outras e ao fluxo que perpassa os *blogs*, os nós dessa rede, fluxo esse representado pelos *blogueiros* , visitantes e leitores dos *blogs*.

Assim, da mesma forma como o conjunto de todas as galáxias existentes e suas inter-relações formam o Universo, a soma de todas as redes de *blogs* e seus entrelaçamentos constituem o que nomeamos nesta pesquisa de macrouniverso, ou a *Blogosfera*. Esse macrogrupo subdivide-se em redes menores mais ou menos inter-relacionadas, cada qual com seu centro e sua esfera de influência.

Tal constituição faz com que a dinâmica de uma parte, ou seja, um subsistema, mesmo que seja trate de uma pequena rede formada entre poucos *blogs*, seja semelhante ao funcionamento do todo, justificando a utilização do termo '*blogosfera*' para nomear tanto uma pequena rede quanto para o macroconjunto. Desta maneira, o termo *Blogosfera*, quando grafado como substantivo próprio, foi utilizado neste trabalho para definir o conjunto total das redes de *blogs* existentes, enquanto fenômeno social, mas quando grafado como substantivo comum e acompanhado de um complemento indicativo do grupo referido, tal como na expressão "*blogosfera indígena*", denomina uma rede em particular, no caso, a rede de *blogs* mantidos por indígenas.

3.2 – Estudo exploratório sobre a *Blogosfera*: a síntese de um meio

Este capítulo traz alguns dados sobre a *Blogosfera*, porém, antes de qualquer outro apontamento, é necessário frisarmos o caráter sintético e não definitivo dos dados obtidos, sobretudo, a partir de *blogs* e empresas voltadas ao setor.

A falta de levantamentos realizados por pesquisadores ligados a instituições do ensino superior e validados pela academia, dentro do rigor científico desejável, nos leva a apresentar esses dados como um estudo exploratório, que trabalhos futuros poderão dotar de contornos mais definidos.

Os dados foram levantados a partir de publicações virtuais, bem como *sites* de provimento do serviço de hospedagem de *blogs* e *sites* de empresas voltadas à publicidade virtual, além de *sites* de pesquisa, conhecidos como "motores de busca", tal como o Google (www.google.com.br). Dois diferentes conjuntos de dados foram analisados nesta pesquisa, de forma que serão abordados em dois subcapítulos diferentes.

O primeiro conjunto de dados constitui-se de estatísticas sobre a composição da *Blogosfera* e da *blogosfera brasileira*. Destinam-se a traçar um panorama genérico da constituição social, geográfica e demográfica dessas esferas, bem como de suas principais formas de utilização.

Para este primeiro conjunto de dados, as principais fontes encontradas foram: o relatório '*State of the Blogosphere 2011*', editado pelo *site* Technorati (www.technorati.com), levantamento realizado desde 2002; o relatório do *site* Boo-Box, especializado em publicidade na *internet*; o *site* Wordpress, especializado na hospedagem de *blogs*; o levantamento a respeito da *blogosfera brasileira* feito pelo jornalista carioca Pedro Cardoso, através de seu *blog* "Receita do Sucesso" (http://receitadosucesso.com) e; o *site* Pingdom (www.pingdom.com), principal empresa provedora de hospedagem de *sites* da Suécia.

O levantamento realizado pelo *site* Technorati partiu de um total de 4.114 *blogs* em todo o planeta, espalhados segundo a proporcionalidade com a quantidade de *blogueiros* em cada parte do mundo. Também os dados do *site* Pingdom se referem ao conjunto total da *internet*.

Diferentemente desses estudos, a pesquisa do jornalista Pedro Cardoso através de seu *blog* Receita do Sucesso (receitadosucesso.com), daqui por diante denominado '*blog* RS', foi feita através de contribuição voluntária dos *blogueiros*, pelo preenchimento e envio de um questionário, que obteve "1222 respostas, eliminando os dados duplicados e outras respostas inválidas, chegamos ao número de 1194 respostas válidas". (CARDOSO, 2011, http://receitadosucesso.com/2008/09/22/quem-e-o-Blogueiro-rasileiro/#comment-8208, acessado em 25/04/2012).

Finalmente, o levantamento do *site* Boo-Box foi realizado sobre cerca de 200.000 *blogs*, que são abrangidos por seus mecanismos de busca e categorização (http://boo-box.com), voltados a ações de publicidade na *Blogosfera*.

O segundo conjunto de dados se refere ao levantamento feito sobre *blogs* selecionados dentro da *blogosfera brasileira*, a partir de *sites* criados e mantidos por escolas indígenas, bem como *blogs* dedicados às culturas indígenas brasileiras, durante o período de fevereiro, março e abril de 2012. Também foram utilizadas as listagens localizadas no *site* Povos Indígenas do Brasil, mantido pelo Instituto Sócio Ambiental (pib.socioambiental.org) e do *blog* criado pelos indígenas da Raposa Serra do Sol (http://www.djweb.com.br/historia, acessado em 15/04/2012).

Também foram utilizados os mecanismos de busca do *site* brasileiro do Google (www.google.com.br) e dos *sites* provedores de *blogs* Wordpress (www.wordpress .com) e Blogspost (www.blogspot.com), nos quais foram feitas pesquisas separadas para cada uma das expressões: *blog* indígena, *site* guarani, índios do Brasil, índios brasileiros, índios guarani, guarani nhandevá, guarani ñandeva e guarani kaiowá.

3.2.1 – A Blogosfera em números.

Não existe um dado exato para a quantidade de *blogs* no Brasil e no mundo, nem mesmo em relação ao número de *sites*, de forma que as diversas estatísticas encontradas não nos permitiram ter um panorama conciso. O *site* Pingdom (www.pingdom.com), publicou um relatório onde dá conta de cerca de 255 milhões de páginas de *internet*, não especificando se *blog* ou *site*, para 1,97 bilhões de internautas, que utilizam de 2,9 bilhões de contas de *e-mail* (http://royal .pingdom.com/2011/01/12/ internet-2010-in-numbers/, acessado em 25/04/2012).

Já o *site* Wordpress informa uma quantidade de 73,256,193 *blogs* no mundo, dos quais afirma suportar aproximadamente a metade. O site Google contabiliza perto de um trilhão de páginas únicas, incluindo nesta conta todas as páginas internas dos *sites* hospedados (http://www.google.com), conforme demonstra o gráfico a seguir:

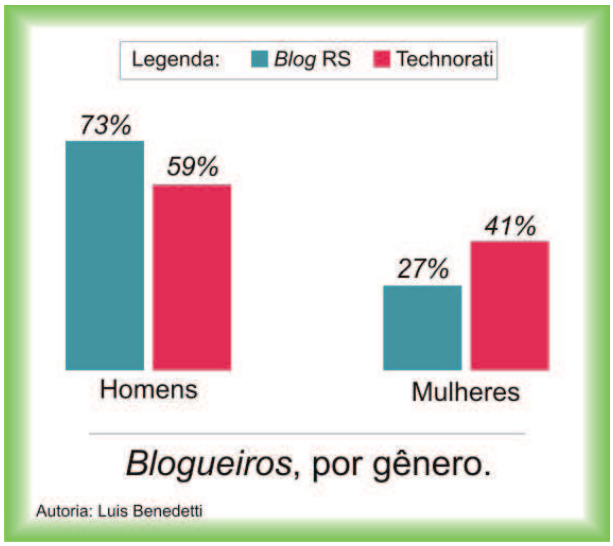


Gráfico 1 – Internautas, por gênero.

Em relação à idade tivemos uma discrepância notável entre os relatórios do *site* Technorati e do *blog* RS. No levantamento estadunidense há um equilíbrio maior da distribuição dos *blogueiro* entre as idades, inclusive com um expressivo percentual de *internautas* com mais de 50 anos (23,5%) possuidores de *blog*. Em ambos os relatórios temos a maior concentração de *blogueiros* na faixa etária que vai até os 35 anos, mas o relatório brasileiro aponta uma superconcentração, com quase 90% dos indivíduos presentes na *blogosfera brasileira* menores de 35 anos.

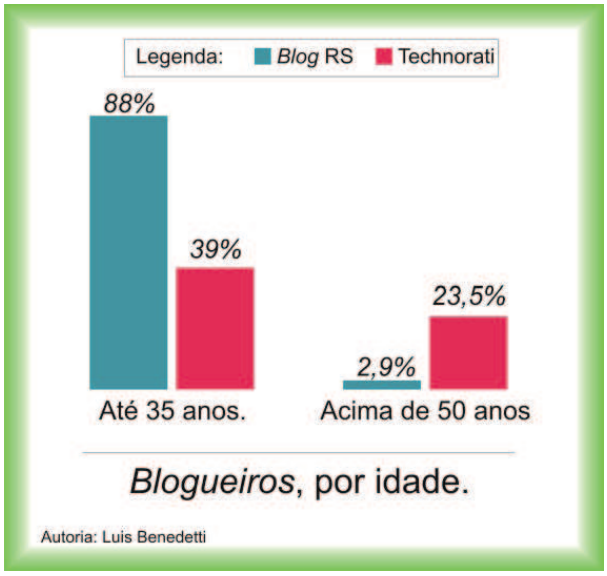


Gráfico 2 – Internautas, por idade.

Em relação ao local de origem dos *blogueiros*, apesar de se tratarem de dois panoramas distintos, uma amostragem de dados em nível mundial e outra em nível nacional, há uma similaridade: a concentração dos *blogueiros* nos chamados "grandes

centros". Os EUA e a América do Norte (56%) são responsáveis por mais da metade dos *blogs* identificados na *Blogosfera*, da mesma maneira que a região sudeste do Brasil responde por 57% da *blogosfera brasileira*.

A soma dos *blogueiros* da América Latina, da Ásia e da África (11%) não chega à metade dos *blogueiros* europeus (25%), apesar de estes continentes serem responsáveis por grande parte da população mundial. A Ásia, não obstante o Japão, a China, Sudeste Asiático e o Oriente Médio, responde por apenas 6% dos *blogs*, a América Latina por 4% e a África apenas 1%.

No Brasil, de maneira idêntica, temos a concentração dos *internautas* em algumas regiões: o sudeste e sul, tomados juntos, respondem por mais de 75% da *blogosfera brasileira*, ao passo que as regiões norte e nordeste, não obstante a grande concentração populacional, principalmente no nordeste, não passam de 14% dos *blogs*, conforme os dados do *blog* RS.

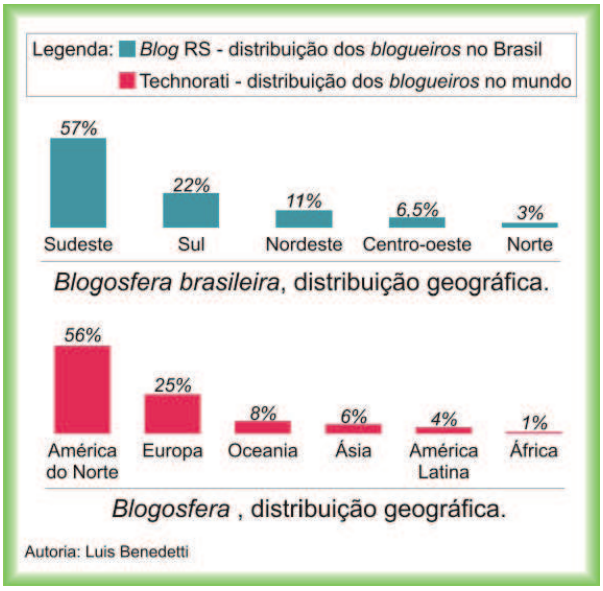


Gráfico 3 – Internautas, distribuição geográfica.

Em relação à natureza do *blog*, temos um panorama parecido tanto mundialmente quanto nacionalmente: a maioria dos *blogueiros* mantém páginas de uso pessoal, compreendendo como tal as publicações que não possuam objetivos comerciais, político-eleitorais ou empreendedores, destinando-se à expressão da individualidade, das opiniões e temáticas de interesse pessoal dos *blogueiros*. No Brasil os *blogs* são notadamente utilizados para a expressão de opiniões, com 77% deles como de natureza pessoal, ao passo que o site Technorati aponta 61% o índice de *blogs* pessoas, com maior parcela de *blogs* destinados a fins comerciais.

Para aumentar o foco na questão dos *blogs* não-profissionais e facilitar a visualização dos dados, a natureza dos *blogs* foi dividida entre "pessoal" e "outros", que compreendem as publicações de cunho profissional, empreendedor, político-eleitoral ou político-partidário, além dos *blogs* mantidos por empresas e organizações da sociedade civil, como demonstra o gráfico 4:

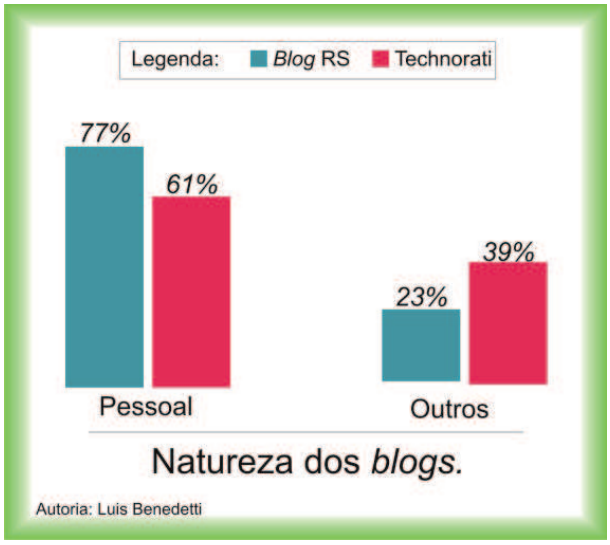


Gráfico 4 – Blogs, por natureza.

Dentro das publicações pessoais, foram identificados diversos assuntos ou temáticas centrais, em torno das quais se ramificam os *blogs*. Inegavelmente os assuntos mais repercutidos relacionam-se ao entretenimento, com o humor em primeiro lugar, respondendo por 67% dos *blogs* voltados à esse assunto, segundo o levantamento do site Boo-Box. A segunda grande temática, em volume de *blogs*, é a tecnologia, seguida dos esportes e notícias, alcançando cerca de 20% do total, tanto no relatório do *site* Boo-Box quanto no relatório do *blog* RS.

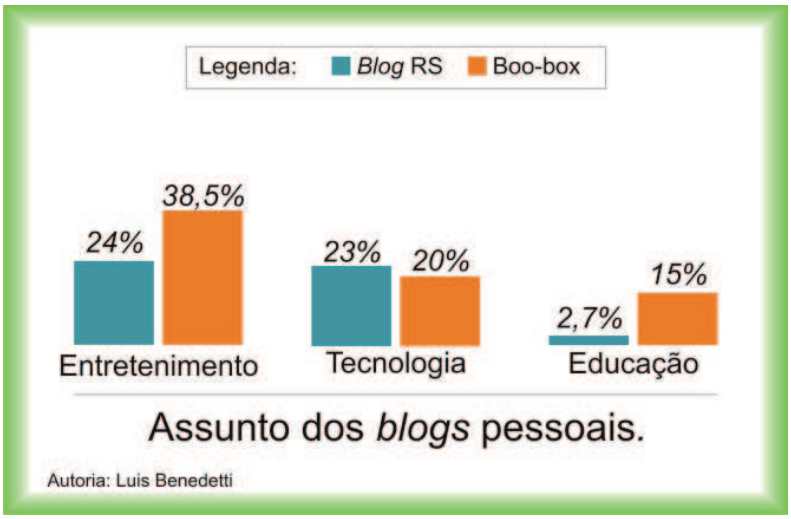


Gráfico 5 – Blogs, por temática.

Os *blogs* relacionados às grandes temáticas sociais são poucos. Os dados expostos pelo site Boo-Box apontam apenas 2% das publicações voltadas à ecologia, ao passo que no relatório do *blog* RC essa temática nem é citada. O tema educação tem um destaque à parte no cenário mundial delineado pelo *site* Boo-Box, com 15% de participação no número de *blogs*, mas no panorama nacional que o *blog* RC procurou traçar, não responde a 3% dos blogs.

Apesar das enormes possibilidades de comunicação e mobilização que a *Blogosfera* permite, pudemos perceber que essas possibilidads ainda são sub-utilizadas, pois mesmo as publicações afins tinham poucos vínculos entre sí, dando-se mais ao papel de um ilha isolada no oceano informacional que a tornarem-se cada um desses *blogs* parte de um coletivo.

Retomando a ressalva feita quanto à cientificidade dos dados exibidos nos *sites* e *blogs* consultados, além da falta de uma metodologia que dê conta de organizar as pesquisas consultadas de forma possibilitar sua comparação e validação, procuramos traçar um breve comparativo entre o panorama mundial, a *Blogosfera*, e o panorama brasileiro, a *blogosfera brasileira*. Assim, observamos ser a *blogosfera* brasileira mais individual e pessoal que a *Blogosfera* em geral, com um nível de profissionalização menor. Os *blogueiros* brasileiros dão-se mais a expressão individual que ao uso comercial da rede, e as grandes temáticas nacionais ainda encontram-se incipientes, ou seja, com pouca penetração nas redes de *blogs* do Brasil.

Porém, mais perguntas que respostas foram criadas por esta primeira exploração, desejamos que estudos futuros auxiliem traçar um panorama mais preciso, tanto sobre a *Blogosfera* quanto sobre a *blogosfera brasileira*.

3.2.2 – A presença indígena na *Blogosfera*: constatações e análise linear

A presença indígena na *blogosfera brasileira* é bastante espaça, limitando-se a poucos endereços, *blog* e *sites*, que abordam temas de interesse direto dos índios ou são constituídos e mantidos por indígenas. Para este estudo, foram selecionados 110 *blogs* dentro dos parâmetros desejados, descritos na metodologia deste projeto, a saber:

a) 81 *sites* e *blogs* considerados como indígenas pelo *site* Povos Indígenas do Brasil (pib.socioambiental.org, acessado em 15/04/2012).

SITES INDÍGENAS - fonte: Povos do Brasil (pib.socioambiental.org) -parte 1	
Nome do Site	**Endereço**
Abiayala – Trabalhos Xamânicos e Arte Indígena	http://abiayala.vilabol.uol.com.br/index.html
Aikax Kuikuro	http://associacaoindigenakuikuro.blogspot.com/
Aikewára: Entre histórias, castanhas e estrelas	http://aikewara.blogspot.com/
Ailton Krenak - Blog	http://ailtonkrenak.blogspot.com/
Aldeia Kakané Porã	http://aldeiaurbana.blogspot.com/
Aldeia Piançanguera	http://aldeiaindigenapiacaguera.blogspot.com/
Aldeia Nhamandu Mirim	http://aldeianhamandumirim.blogspot.com/
Aldeia Renascer Ywyty Guaçu	http://aldeiarenascer.blogspot.com/
Aldeia Tekoa Pyau - Jaraguá	http://tekoapyau.blogspot.com/
Amazonir Fulni-ô	http://amazonirfulnio.blogspot.com/
Amigos dos Kamayura	http://www.kamayura.org.br/
Anaí - Associação Nacional de Ação Indigenista	http://www.anai.org.br/index.asp
APIO - Povos Indígenas do Oiapoque	http://www.povosindigenasdooiapoque.com.br/
Apiwtxa Associação do Povo Ashaninka do Rio Amônia	http://apiwtxa.blogspot.com/
Apoinme	http://www.apoinme.org.br/
Apoinme (blog)	http://apoinme.blogspot.com/
ARPINSUL - Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul	http://www.arpinsul.org.br/
Arte Baniwa	http://www.artebaniwa.org.br/
Associação Artístico Cultural Nhandeva - Nossa Gente	http://www.nhandeva.org/indexpor.htm
Associação de Mulheres Indígenas do Centro-Oeste Paulista	http://amicop.blogspot.com.br
Associação Warã	http://wara.nativeweb.org/associacao.html
Ação dos Jovens Indígenas de Dourados	http://jovensindigenas.org.br/
A.J.I - Ação de Jovens Indígenas	http://ajindo.blogspot.com/
Baniwa Online	http://baniwaonline.wordpress.com/
Blogueiro Indígena	http://www.blogueiroindigena.wordpress.com/
Blog Maxakali	http://maxakali.blogspot.com/
Blog do Netuno	http://blog-do-netuno.blogspot.com/
Conselho Indígena do Vale do Javari	http://www.feis.unesp.br/grupos-associacoes/civaja/index.html
Daniel Munduruku	http://www.danielmunduruku.com.br/
Daniel Munduruku - Projetos Especiais	http://www.danielmunduruku.blogspot.com/
Denilson Baniwa	http://denilsonbaniwa.blogspot.com/
Descendencia Indígena	http://descendenciaindigena.blogspot.com/
Escola Pamaali - Baniwa	http://pamaali.wordpress.com/
Gasodá Surui	http://www.hunikuiinubake.blogspot.com/
Huni Kui Inu Bake	http://www.hunikuiinubake.blogspot.com/
Hutukara - Associação Yanomami	http://hutukara.org/
Índia Tikuna We'e'ena Miguel	http://indiatikunaweeenamiguel.blogspot.com/
Indígenas Digitais	http://www.indiosonline.org.br/novo/
Índios On-Line	http://www.indiosonline.org.br/novo/
Instituto das Tradições Indígenas	http://www.ideti.org.br/
Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual	http://www.inbrapi.org.br/
Kamayurá	http://www.kamayura.org/modules/news/
Kaxixó	http://www.letras.ufmg.br/bay/sites/kaxixo/kaxixo.htm
Krenak	http://www.letras.ufmg.br/bay/sites/krenak/krenakinicial.htm
Literatura Indígena - Um Pensamento Brasileiro	http://www.elianepotiguara.org.br/home.html
Literatura Indígena - Olívio Jekupé	http://www.oliviojekupe.blogspot.com/
Marcos Terena	http://www.marcosterena.blogspot.com/
Maxacali	http://www.letras.ufmg.br/bay/sites/maxacali/maxacali.htm
Nação Indígena Pindorama Brasil	http://www.nipbr.org/
Nodanakaroda - Povos Indígenas do Alto Rio Negro	http://rbaniwa.wordpress.com/
Organização Geral dos Professores Ticunas Bilingües	http://www.ogptb.org.br/
Paiter - O site do Povo Indígena Suruí	http://www.paiter.org/
Pajé Filmes	http://paje-filmes.blogspot.com/
Palavra de Maxakali	http://palavrademaxakali.blogspot.com/
Portal Kaingang	http://www.portalkaingang.org/
Povo Apurinã	http://www.amazonlink.org/apurina/port/index.htm
Povo Parakana	http://www.parakana.org.br/
Povos Indígenas no Sul	http://povosindigenasrs.wordpress.com/
Programa de Índio	http://www.programadeindio.org/
Projeto Pindorama	http://www.projetopindorama.com.br/
Projeto vídeo nas aldeias	http://www.videonasaldeias.org.br/2009/
Questão indígena em destaque	http://caciqueubirataperuibe.blogspot.com/
Rede Culturas Indígenas	http://www.culturasindigenas.org/
Rede Grumin de Mulheres Indígenas	http://www.grumin.org.br/
Reserva Pataxó Aldeia Velha	http://aldeiavelha.descentro.org/
Retomada Tupinambá	http://retomadatupinamba.blogspot.com/
Ronildo Terena	http://ronildoterena.blogspot.com/
Santuário dos Pajés	http://www.santuariodospajes.blogspot.com/
Séculos Indígenas no Brasil	http://www.seculosindigenasnobrasil.com/
Tapeba - Centro de Produção Cultural	http://www.tapeba.com.br/
Tekoa Mboy-Ty	http://www.tekoamboytyitarypu.site90.com/
Tribo Brasil	http://programatribobrasil.blogspot.com/
Tv Intertribal	http://www.tvintertribal.com.br/
Txaná Uri - A Viagem do pajé Ixã	http://txanauri.blogspot.com/
Voz Terena	http://vozterena.blogspot.com/
Yuxinawa	http://awavena.blog.uol.com.br/
Waimiri Atroari	http://www.waimiriatroari.org.br/
Web Rádio Brasil Indígena	http://webradiobrasilindigena.wordpress.com/
Web Brasil Indígena	http://www.webbrasilindigena.org/
Xacriabá	http://www.letras.ufmg.br/bay/sites/xacriaba/xacriabainicial.htm
Xucuru Kariri	http://www.letras.ufmg.br/bay/sites/xucuru/xucuru.htm
Xukuru	http://www.xukuru.de/

Quadro 3: Sites indígenas brasileiros, segundo o site Povos Indígenas do Brasil. Autoria: Luis Benedetti.

b) A listagem oferecida pelo *blog* criado a partir dos indígenas da Raposa Serra do Sol (http://www.djweb.com.br/historia, acessado em 15/04/2012).

SITES DIDICADOS À TEMÁTICA INDÍGENA - LISTA BLOG INDÍGENAS DA RAPOSA SERRA DO SOL	
Nome do Site	**Endereço**
Conselho Indigenista Missionário	http://www.cimi.org.br
Museu do Índio	http://www.museudoindio.org.br
Operação Amazônia Nativa	www.opan.org.Br
Instituto Sócio-Ambiental	www.isa.org.br
Conselho das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica	http://www.gta.org.br
Guarani Ñanduti Rogue	http://www.uni-mainz.de/~lustig/hisp/guarani.html
Site das comunidades Guarani de Krucutu e Jaraguá	http://www.culturaguarani.hpg.ig.com.br

Quadro 4: Sites indígenas brasileiros, segundo o blog Serra Raposa do Sol. Autoria: Luis Benedetti.

c) Complementando o quadro, foram utilizadas as respostas mais relevantes retornadas pelo motor de busca do *site* Google.

OUTROS SITES DIDICADOS À TEMÁTICA INDÍGENA	
Nome do Site	**Endereço**
Escola Indígena Uruity	http://guaraniuruity.wordpress.com/
Escola Indígena Uruity	http://guaraniuruity.wordpress.com/
Escola Indígena Borari	http://escolaindigenaborari.co.cc
Aldeia Wede'rã	http://wedera.blogspot.com.br/
Telecentro indígena do Povo Pitaguari	http://emiebpovopitaguari.blogspot.com.br/
Tekohá Virtual	http://www.tekoavirtualguarani.net/
http://www.redepovosdafloresta.org.br/	http://www.redepovosdafloresta.org.br/
Blog Paulo Humberto Porto Borges	http://pibsocioambiental.org
Indígenas da Raposa Serra do Sol	http://www.djweb.com.br/historia/
Avañe'e Guarani: petei ñe'e porã	http://guaraniportugues.blogspot.com.br/
Música Indígena	http://www.maria-brazil.org/ihu.htm
Índios Baniwa	http://www.viverde.com.br/baniwa.html
Vídeo nas aldeias	http://www.videonasaldeias.org.br/
Povos Indígenas	http://www.indio.org.br/
Grupo de Trabalho de Línguas Indígenas	http://www.gtli.locaweb.com.br/
Línguas Indígenas do Brasil (site da SIL)	http://www.sil.org/americas/brasil/PortLang.htm
Línguas Indígenas Brasileiras	http://www.indios.info/
Pinkaiti – Caiapós e Amazônia	http://www.geocities.com/pinkaiti/
Programa Waimiri Atroari	http://www.waimiriatroari.org.br/
cultura guarani Nhandewa	http://awajupoty.blogspot.com.br/
Núcleo Cultural Guarani Paraguay Teete	http://paraguaiteete.wordpress.com/
CTI-Centro de Trabalho Indigenista	http://www.trabalhoindigenista.org.br
NEPPI-Núcleo de Est. e Pesq. sobre Pop. Indígenas	http://www.neppi.org
tekoaparanapua	http://tekoaparanapua.wordpress.com/
Filhos da Terra	http://anispfilhosdaterra.blogspot.com.br/
Casa da Cultura do Urubuí	http://urubui.blogspot.com.br/
Inst. Florestal Yabner Gabgir	http://www.institutoyabner.blogspot.com.br/
Coord. das Orgs Indígenas da Amazônia Brasileira - COIAB	www.coiab.com.br
Aldeia Indígena do Bananal	http://aldeiadobananal.wordpress.com/
Pankararu Nação Cultural	http://pankararunacaocultural.blogspot.com.br/
Rede Social Aldeia Brasil Indígena	http://webbrasilindigena.ning.com/

Quadro 5: Sites indígenas brasileiros - retorno do Google (www.google.com). Autoria: Luis Benedetti.

Sobre as 110 veiculações digitais de interesse indígena selecionadas foi aplicado um levantamento quantitativo de dados, a respeito de quatorze diferentes tópicos:

Formato; domínio; língua l1; etnia; temática; tipo; prod. em língua indígena; foto; áudio; vídeo; download de textos; download de textos em língua guarani.

O tópico "formato", que designou os tipos de publicações, se *sites* ou *blogs*, retornou um panorama equilibrado, com uma leve vantagem para o número de *sites* (51%)

sobre o número de *blogs* (49%). Esse resultado demonstra a pouca penetração dos indígenas na *Blogosfera*, enquanto indivíduos, uma vez que normalmente as publicações de caráter pessoal se constituem em *blogs*, ao passo que os *sites*, maiores e mais complexos de atualizar, geralmente são pertencentes a instituições e organismos, tais como ONGs, Igrejas, Coletivos de Aldeia e instâncias governamentais, etc.

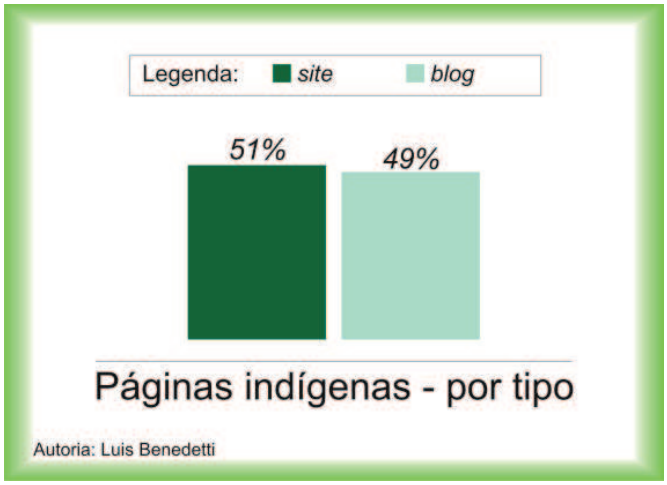


Gráfico 6 – Páginas indígenas, por tipo. Fonte: os autores

Outra questão, que demonstra a pouca participatividade dos indígenas enquanto indivíduos na constituição da *blogosfera brasileira*, foi dada pelos dados sobre a forma de administração das publicações selecionadas: apenas 22% delas são mantidas por pessoas, ou seja, são páginas pessoais. A maior parte (36%) é administrada coletivamente. Se somarmos a essas páginas coletivas às publicações administradas por universidades e ONGs, teremos quase 60% do total.

Gráfico 7 – Blogs indígenas, forma de administração.
Fonte: os autores

Em relação à hospedagem dos *blogs,* foram utilizadas apenas duas empresas de provimento do serviço, o *site* da Wordpress (www.wordpress.com) e *dois* sites do Blogger, o *site* mundial (www.blogspot.com) e o *site* brasileiro (www.blogspot.com.br). Juntos, os dois *sites* do Blogspot somam 77% dos blogs selecionados, restando os outros 23% para o Wordpress, motivo pelo qual o *site* brasileiro d Blogspot foi escolhido como provedor do serviço de blogs a ser utilizado neste projeto.

Gráfico 8 – Blogs, preferência por provedor.
Fonte: os autores

Um dado interessante, que demonstra a valorização da temática indígena no cenário internacional é o local de hospedagem do o *blog* Xukuru, dedicado aos índios Xukurú, mantido a partir de um provedor na Alemanha. O *blog* conta a com a participação de professores e pesquisadores da Universidade Estadual de Pernambuco e não foi possível de estabelecer se é apenas um blog que conta com a participação pontual dos indígenas ou se esta participação é contínua.

Também não foram encontrados *sites* ou *blogs* que disponibilizem textos em guarani, apenas 2 publicações entre as 110 selecionadas possuíam alguma postagem em língua guarani e outras 3 publicações traziam alguma citações neste idioma. Duas das páginas traziam pequenos dicionários guarani-português.

A falta de material em idioma guarani na *blogosfera brasileira* é bem retratada pelo aporte do *site* dos indígenas da Raposa Serra do Sol, que relaciona o *site* paraguaio *Guarani Ñanduti Rogue*, a única página estrangeira selecionada para esta pesquisa, apontada pelos indígenas como uma boa fonte de textos em guarani. No entanto, os textos disponíveis estão na vertente do guarani paraguaio oficial, sem contar com versões nas vertentes brasileiras do guarani.

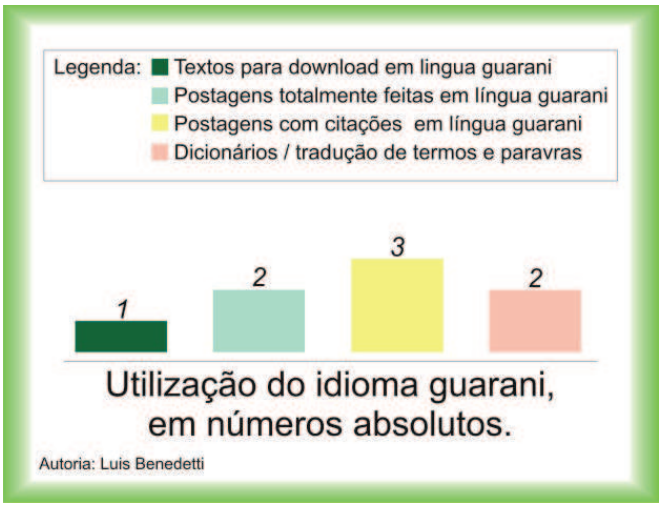


Gráfico 9 – Utilização do guarani.
Fonte: os autores

Sobre a participação dos índios guarani nas publicações selecionadas, obtivemos que 35% dos *sites* e *blogs* possuem participação guarani, sendo que desta participação metade se dá através de *sites* e *blogs* criados e mantidos exclusivamente por índios guarani e outra metade dessa participação feita em conjunto com outras etnias. Apesar da fraca presença indígena na *internet*, os guarani demonstram estar percebendo a importância do ambiente virtual para a defesa de seus direitos, a vivificação de seu idioma e promoção da sua cultura, sendo uma das etnias mais presentes na rede.

Gráfico 10 – Blogs, participação guarani.
Fonte: os autores

A análise da temática dos *blogs* e *sites* relacionados mostra que a maioria das publicações se destina à defesa dos direitos dos indígenas, seguida pelas publicações dedicadas à educação e as publicações dedicadas à divulgação da arte e da cultura indígena. Dada à situação geral das populações guarani, envolvidas na luta pela preservação ou recuperação de seus territórios tradicionais, bem como a existência de

diversos conflitos armados de transtornam o dia a dia das aldeias, a concentração de *sites* e *blogs* no tema da defesa de direitos nada mais é que um espelho da realidade, a expressão do empenho deste povo na obtenção do poder de decidir o próprio futuro.

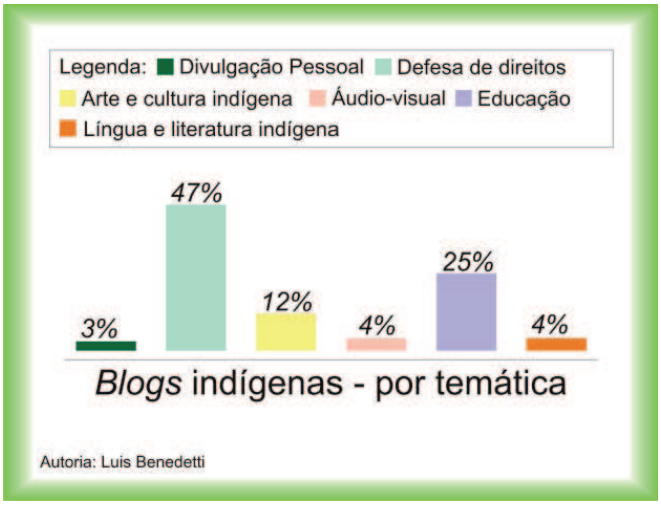


Gráfico 11 – Blogs indígenas, por temática.
Fonte: os autores

Como último estudo exploratório anterior à realização do primeiro encontro do curso Webkandiré, que descreveremos a seguir, realizamos uma análise estrutural de dois *blogs*, escolhidos entre as 110 publicações listadas para uma análise mais por-funda por se tratarem de *blogs* criados e mantidos a partir de escolas indígenas.

A seguir apresentamos uma tabela da análise desses dois *blogs*, das escolas indígenas E.E.I. Pamaáli e E.E.I. Uruity, na qual buscamos traçar um comparativo de sua estrutura, recursos, caráter e interatividade.

1.1 - SITE	Escola Indigena Pamaali	Escola Indígena Uruity
1.2 - ENDEREÇO	http://pamaali.wordpress.com/	http://guaraniuruity.wordpress.com/
1.3 - ETNIA	Bamiwa (predom.) / Caricó	Guarani Mbya
1.4 - FUNÇÃO	Blog da Escola Estadual Indígena Pamáali, localizada no Médio Rio Içana-Alto Rio Negro.	Blog da Escola Estadual Indígena Uru Yti, localizada na cidade de Miracatu, estado de São Paulo
2.1 - INÍCIO	junho de 2008	outubro de 2009
2.2 - OBJETIVOS	Levar aos parceiros, colaboradores e interessados em conhecer o povo Baniwa e a Escola Pamáali.	Levar aos parceiros, colaboradores e interessados em conhecer o povo Guarani Mbya e a Escola Uru Ity
2.3 - BLOGUEIRO(S)	Raimundo Benjamim - Comunicação Pamáali	João Lira Guarani aldeia Itapuã
2.4 - BIOGRAFIA DO BLOGUEIRO	Professor indígena Baniwa	Professor indígena Guarani
2.5 - CONTATO	Contato: benjamimray.cabc@gmail.com/	Não encontrado
3.1 - LAYOUT	Barra de toto não interativa com foto / botoneira horizontal, abaixo da barra de topo / corpo dividido em duas colunas: coluna da direita - feed de notícias; coluna da esquerda, links, comentários, informações	Sem imagens / botoneira horizontal no topo do blog / corpo dividido em duas colunas: coluna da direita - feed de notícias; coluna da esquerda, links, comentários, informações

3.2 - FOTOS	POSTAGENS / BARRA DE TOPO / ÁREA 'ALUNOS'	Em algumas poucas postagens
3.3 - GRAFISMOS E ARTE INDÍGENA	Não encontrado	Não encontrado
3.4 - VÍDEO	Não encontrado	Não encontrado
3.5 - ÁUDIO	Não encontrado	Não encontrado
4.1 - HIPERLINKS NO TEXTO	Não encontrado	Não encontrado
4.2 - PARTICIPAÇÃO	LIVRE PARA ACESSO E COMENTÁRIO	LIVRE PARA ACESSO E COMENTÁRIO
4.3 - VERIFICAÇÃO DE LINKS	Link para a página da escola no Facebook / Link para a página do Facebook das pessoas que "curtiram" a	Links para blogs parceiros
4.5 - OUTROS SERVIÇOS	Disponibilização do informativo da aldeia, em versão jpeg	
5.1 - TEMÁTICA	Notícias da escola e da região do Alto Rio Negro sobre Educação Escolar e outros assuntos.	História e cultura Indígena / Notícias da escola
5.2 - CONTEÚDO DAS MENSAGENS	OPNATIVO / POSICIONAMENTO	OPNATIVO / POSICIONAMENTO

Quadro 6: Comparação de dados – blogs escolhidos.
Fonte: os autores

A pequena quantidade de *sites* em guarani nos revela que a utilização da *internet* como meio de expressão e promoção da cultura ainda não se tornou parte do cotidiano para estes povos. Grande parte dos indígenas não possui a dimensão das possibilidades que esse canal informacional e relacional traz em si e mesmo os professores indígenas envolvidos no projeto inicialmente tiveram dificuldades em discernir a importância da utilização dos *blogs* como forma de dar veiculação e visibilidade à sua língua de berço.

3.3 - Pontos levantados durante o curso para professores indígenas bilíngues "*A formação do professor de cenário plurilíngue e pluricultural*"

Para tentar sanar a falta de *sites* e *blogs* em língua indígena na *Blogosfera*, o processo de continuidade de nossa pesquisa incluiu atividades de imersão tecnológica com professores indígenas bilíngues, que culminaram na criação do projeto Webkandiré, o qual foi inserido no projeto de investigações em linguística aplicada "*Linguagens em Contextos Socioculturais Diversos e Transculturalidade*" (LIET/CNPQ) e realizado em parceria com a Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, e cujo foco é promover a valorização dos idiomas guarani e terena através da capacitação dos professores das escolas indígenas da cidade de Dourados para a utilização dos *blogs* como ferramenta pedagógica.

O termo 'webkandiré' foi formado pela junção da palavra inglesa '*web*', ou 'rede', utilizada para designar a *internet*, com o termo guarani '*kandiré*', o "*paraíso terreal*" (NOBRE, 1987, p. 6), ou seja, a condição ideal para a realização do modo de vida guarani; como forma de demonstrar o objetivo principal desta pesquisa: auxiliar

professores e falantes dos idiomas indígenas presentes nas aldeias de Dourados a criarem espaços de sentido em língua própria, através dos quais os educadores envolvidos no ensino-aprendizagem de línguas em contextos multilíngues possam utilizar a sua própria cultura no letramento do idioma de berço.

Cumprindo o cronograma previamente estabelecido, o primeiro encontro a partir do qual formamos o grupo de pesquisadores, professores e indivíduos bilíngues envolvidos no desenvolvimento de uma *blogosfera indígena* voltada à educação, deu-se nos dias 05, 06 e 07 de maio de 2012, durante o curso "*A formação do professor de cenário plurilíngue e pluricultural*", ministrado pela professora Doutora Beatriz Helena Dal Molin, na sede do Ensino a Distância da UFGD.

Inicialmente contamos com a participação de 15 pessoas, entre professores da rede pública que ministram aulas para indígenas e professores indígenas das etnias guarani, kaiwoá e terena. A partir do segundo dia, pela percepção dos professores indígenas da etnia terena de não haver entre eles nenhum falante de seu idioma de berço, tivemos a participação de 4 moradores da aldeia, falantes da língua terena, que esses professores, por iniciativa própria, cooptaram e trouxeram para participar das dinâmicas.

Após os esclarecimentos sobre os conteúdos a serem trabalhados e os objetivos a serem atingidos a partir da série de cursos que ministrados aos professores bilíngues, procedemos ao cadastramento dos mesmos na plataforma *Moodle*[12], na qual os cursistas passaram a conhecer os conteúdos e responder aos fóruns e tarefas, uma vez que os cursos estão sendo realizados na modalidade presencial e a distância.

Discutimos sobre a importância do emprego da tecnologia digital para as escolas indígenas, bem como a importância da criação de blogs para divulgação das línguas dos guarani e dos terena.

As reflexões também se pautaram em torno dos seguintes questionamentos: Qual a importância de usar um *blog* na escola indígena? Transparência das atividades? Divulgação dos costumes e da cultura Guarani e Terena? Memória de um povo? Perpetuação da língua? Memória iconográfica? Uso do *blog* para dar voz ao que se faz? O que e como postar o que se faz na escola indígena? Usar o *blog* para a contramão da massificação, como forma de história cotidiana? Qual a natureza, o sentido dos *blogs*? É importante dar-

---

[12]*A plataforma MOODLE, ou "Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment", que pode ser traduzido como "ambiente modular de aprendizado dinâmico orientado ao objeto", é um software livre dedicado à construção de cursos on-line, quer permite a construção e manutenção de grupos de estudo e aprendizado virtuais.*

-se a conhecer? Quais as vantagens de permanecer sem "voz" em um mundo que caminha a passos largos para o emprego cada vez maior de ferramentas tecnológicas?

A despeito de tudo o que se possa dizer sobre construir um *blog* para as salas de aula indígenas, importa que o espírito da criação do *blog* tenha sentido para os indígenas e mantenha este sentido ao longo de sua existência. Que ele se mantenha fiel ao seu objetivo de ser voz, resgate cultural e de língua, registro, acervo, história e memória escrita e visual de um povo, isso é de fundamental importância. O curso nos revelou surpreendente participação e aceitação imediata dos professores bilíngues e lideres das comunidades indígenas em relação a usar o site para resgate, valorização e divulgação de suas línguas de berço.

Um ponto de extrema importância que voltamos a destacar, foi o fato de os professores Terena, mesmo à beira de perderem seu idioma, foram buscar junto a sua aldeia membros da comunidade, que falantes do terena, para que viessem aprender a dominar a ferramenta *blog*, para usá-la como resgate da língua, organizando-se a seu modo na aldeia, para esta finalidade. Essa ação deu-se por iniciativa dos próprios índios terena participantes, sem que estes tenham recebido qualquer estímulo para tanto.

Outro ponto fundamental, além da criação dos *blogs*, foi a tomada de consciência por parte dos professores bilíngues sobre a importância do domínio de variadas ferramentas para produzir material impresso e digital, feito por professores indígenas de escolas indígenas, como forma de ultrapassar as barreiras que a falta de material em língua de berço impõe.

Houve de nossa parte uma agradável surpresa no sentido de percebermos o elevado interesse dos cursistas em dominar ferramentas tecnológicas para estimular a vivificação e a divulgação das línguas e culturas indígenas, de modo que, mesmo finalizada a dissertação, o trabalho de instrumentação tecnológica para professores das escolas indígenas de Dourados continuará, pela continuidade do atrelamento do projeto 'Webkandiré' ao LIET/CNPq e a realização de outros encontros e cursos de capacitação.

O interesse demonstrado pelos professores e pela comunidade indígena nos mostrou que a tecnologia digital pode ser um veículo de estímulo e divulgação das línguas e cultura indígena, pois os *blogs* também abrigam vídeos e fotografias das atividades realizadas nas escolas das aldeias.

A listagem apresentada a seguir aponta os *blogs* criados no dia do curso pelos professores indígenas, cuja natureza predominante será o cultivo da língua

indígena com interferências bilíngues, imagens de atividades realizadas por eles e a interação através dos comentários, assinatura e formação de redes das escolas e comunidades indígenas.

Anexo a esta dissertação apresentamos a visualização das páginas da plataforma na qual está postado o curso, bem como os *blogs* criados pelos professores cursistas, os quais continuam em desenvolvimento.

Blogs criados pelo curso	
Nome do Blog	**Endereço**
FÓRUM DO WEBKANDIRÉ	http://200.129.209.77/mod/forum/discuss.php?d=453
HUMURUKUKU / LEKUXA	http://hurumukukulekuxa.blogspot.com.br/
KUÑA ÑE'EGATU	http://kunanegatu.blogspot.com.br
KUNHA POTY RENDY	http://kunhapotyrendy.blogspot.com.br
KUNHAPOTY	http://kunhapotyi.blogspot.com.br
ÑANDE REKO	http://nande-reko.blogspot.com
KRORUY	http://kruruy.blogspot.com.br/
XUMÉ TERENA RUBENS RP	http://pinheirindio.blogspot.com.br
CUNHA POTY	http://cunhapoty.blogspot.com
AVANHEE2012	http://avanhee2012.blogspot.com.br
TEKORENDA	http://tekorenda.blogspot.com.br
KALIVAYAHO	http://kalivayaho.blogspot.com.br
AVAGUARANI	http://avaguarani.blogspot.com.br
CHUKAPYRA01	http://chukapyra01.blogspot.com.br
KUNHAROVARORY	http://kunharovarory.blogspot.com
KALYSÎNI TERENA	http://nelsinhofrancisco.blogspot.com.br/
LIDYITUNAEVOTI	http://lidimarapedagogia.blogspot.com.br/
TEMBIAPOETE	http://tembiapoete.blogspot.com.br/
INDA INDIO GERSON FV	http://indaindiogesrsonfv.blogspot.com.br/
ARANDU MBOHASAHA	http://escolapaichiquito.blogspot.com.br/

Quadro 7: Blogs criados durante o curso. Fonte: os autores.

4 – Considerações finais.

Faz parte da crença que une o grupo de pesquisadores envolvidos na realização deste projeto que a ciência faz-se tanto de ação quanto de paixão e que as realizações de uma pesquisa localizada na linguística aplicada, preferencialmente, devem se constituir em processos contínuos de aprimoramento do agir-fazer pedagógico e didático, buscando antes tornar-se parte de um todo, de forma trabalhar em rede com outros projetos, pesquisas e iniciativas afins, coletivamente e colaborativamente, ao invés de buscar uma pretensa exclusividade ao tornar-se um foco isolado de ação, motivação a qual levou à agregação desta pesquisa ao grupo de estudos LIET/CNPq abrigado pela FACALE-UFGD.

Outro dos princípios que nortearam o desenvolvimento deste trabalho trata da responsabilidade do pesquisador em relação às comunidades sobre as quais atua, de forma que procuramos, de um lado, agir com ética e em acordo com todos os atores envolvidos, criando um espaço de livre troca e livre expressão para a valorização igualitária das contribuições de todas as pessoas que colaboraram com projeto. Por outro lado, também consideramos de grande importância a devolutiva, o retorno dado pelo pesquisador à sociedade e, dentro deste trabalho, além da participação no curso "*A formação do professor de cenário plurilíngue e pluricultural*", ministramos o minicurso "*Sala Mágica: interfaces lúdicas para ultrapassar as barreiras culturais*", a convite da Secretaria de Educação - SEMED/Dourados, em 27 de julho de 2011.

O breve levantamento realizado na *internet* e, mais especificamente, na *Blogosfera*, nos trouxe grandes questionamentos e a instigação para a realização de novas pesquisas, de maior amplitude e profundidade, que possam nos retornar dados suficientes para traçarmos um panorama mais preciso sobre a penetração dos indígenas brasileiros nos canais digitais de comunicação. A situação aqui exposta tratou-se apenas de uma exploração, uma primeira tentativa de análise da situação. Novas iniciativas far-se-ão necessárias para que possamos afirmar termos construído um painel minimamente aceitável, em termos de abrangência e precisão, a respeito das redes sociais virtuais formadas entre *blogs*.

O maior produto gerado, a criação do 'Projeto Webkandiré', cujo desenvolvimento se deu a partir dos trabalhos realizados nesta dissertação, excedeu as expectativas iniciais, resultando em 19 *blogs* criados a partir do primeiro encontro realizado,

que continuarão a ser desenvolvidos e incrementados. É interessante notar que dos *blogs* publicados, aproximadamente a metade já possui postagens em uma das línguas indígenas: kaiowá, guarani ou terena, situação essa que evoluirá dia a dia, a partir dos próximos encontros entre os participantes do projeto.

Desta maneira podemos dizer, não sem certo orgulho, que o panorama da *Blogosfera* aferido anteriormente, no qual apenas 5 *blogs* possuíam algum conteúdo em guarani, kaiowa e ou terena, está e continuará a ser ultrapassado, os *blogs* criados pelos pesquisadores, docentes indígenas e indivíduos bilíngues envolvidos no "Webkandiré" transformando profundamente a situação inicialmente encontrada: assentamos a pedra fundamental da construção de uma *blogosfera indígena* brasileira, que as futuras ações do "Webkandiré" irão expandir e desenvolver.

Em nenhum momento a presente pesquisa teve a pretensão prover respostas definitivas para os grandes questionamentos que cercam o ensino de línguas em contextos multilíngues complexos, mas sim contribuir, através das pesquisas, reflexões e produtos gerados, para a formação de um coletivo de indivíduos e ideias cujo foco dá-se a transformar a situação atual, em prol de um sistema de ensino que possibilite às populações indígenas brasileiras, em especial na cidade de Dourados, o adquirir um amplo domínio do português, fundamental para impulsionar seu desenvolvimento pessoal e profissional, sem que, no entanto, esse processo acarrete no solapamento e extinção de seus idiomas e culturas de berço.

A partir dos apontamentos dados pelos autores e autoras consultados neste trabalho, sabemos que em diversos lugares do mundo diferentes culturas linguísticas convivem em harmonia, dentro de um ciclo virtuoso de respeito e mútuo conhecimento, não obstante a regra geral preveja o conflito, a desvalorização e pré-conceituação de uma língua, quando do encontro com outra língua, principalmente se esta possuir maior força econômica e política. Sabemos que apesar de ser uma situação incomum, a convivência pacífica a proveitosa entre diferentes sistemas de língua é uma situação possível.

Nosso foco não está na regra geral, mas sim em um novo olhar sobre as situações de interlocução entre diferentes sistemas culturais e linguísticos que as regiões de fronteira propiciam. Acreditamos que, muito antes de ser em si um problema, a interconvivência entre culturas não apenas pode ser benéfica, mas também transformadora e socialmente vantajosa, desde que sejam propiciados a todos os atores e organizações

envolvidos no processo social seus devidos espaços de significação, as pontes de ligação entre esses espaços e, mais que uma pretensa liberdade de expressão, a potência para aproveitar essa liberdade.

O 'Projeto Webkandiré' não se esgota ao termino desta dissertação, pois o coletivo em torno dele formado passará a reunir-se periodicamente e continuamente estimulado a funcionar cada vez mais como um organismo independente, cujas ações e desígnios partam direta e preferencialmente dos indivíduos pertencentes às culturas indígenas da fronteira sul-mato-grossense, sobretudo suas professoras e seus professores, a quem este trabalho é dedicado[13]. O empenho deles em criar os *blogs* em língua de berço, bem exemplificado pelos professores terena que buscaram na comunidade pessoas falantes do idioma que eles próprios não mais possuem, foi fundamental para o sucesso do projeto.

A missão do professor em regiões onde o ensino bilíngue torna-se uma necessidade reveste-se de uma particularidade que a torna uma dupla-tarefa: educar tanto para o futuro quanto para o passado, ou seja, prover os alunos do ferramental necessário para enfrentar o futuro sem, porém, incorrer no esquecimento de sua tradição, cultura e idioma de berço. No meio ambiente social deste início de milênio, constituído tal como uma arena das mídias, prover essas pessoas da consciência sobre a importância das tecnologias digitais como ferramentas não apenas do ensino, mas também da vivificação e promoção de suas culturas, é fundamental.

No início, a religiosidade guarani pregava a migração física, em busca de um local de vivência fora das mazelas deste mundo, denominado *Yvy Maraey*, sua terra sem males. O conhecimento da geopolítica mundial trouxe aos guaranis a consciência da impossibilidade de realização de seu objetivo místico, fazendo-os refletir essa crença em uma busca factível: o *kandiré*, o paraíso na terra, a conjugação dos fatores ideais para o desenvolvimento da cultura e da forma de viver guarani. Esperamos que o acréscimo das competências que pretendemos desenvolver propicie uma nova evolução, pela construção deste espaço ideal em redes sociais constituídas na *Blogosfera*.

---

[13] *Ver: dedicatória.*

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. (1998). O método nas ciências naturais e sociais. São Paulo: Thompson Learning.

ALTHUSSER, L. (1980). Ideologia e aparelhos ideológicos do estado. São Paulo: Martins Fontes.

SILVA, A. L. (2004). A temática indígena na escola. São Paulo: Global.

RODRIGUES, A. S. (2005). Novos estudos sobre línguas indígenas. Brasília: UNB.

BAKHTIN, M. (2009). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec.

BAUMAN, Z. (2007). Tempos Líquidos. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

PREZIA, B. E. H. (1989). Esta terra tinha dono. São Paulo: FTD.

BENITES, A. F. (2010). Retomada de terras e cosmologia Guarani/Kaiowá: uma abordagem a partir de uma história de vida. Acesso em 21 de Abril de 2011, disponível em NEPPI - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre as Populações Indígenas: http://www.neppi.org/anais/identidade%20e%20organiza%E7%E3o%20social%20indigena/Retomada%20de%20Terras%20e%20Cosmologia%20Guarani.pdf

BENITES, T. (2009). A escola na ótica dos ava kaiowá: impactos e interpretações indígenas. Tese de Mestrado, Ppg Antropologia Social - UFRJ . Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil: UFRJ.

BERGAMASCHI, M. A. (outubro de 2004). Por que querem e por que não querem escola os Guarani? Tellus, pp. 107-120.

BOURDIEU, P. (2009). A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva.

CASTELLS, M. d. (1999). A era da informação: economia, sociedade e cultura (Vol. 1). São Paulo, São Paulo: Paz e Terra.

_____ (1999). A era da informação: economia, sociedade e cultura (Vol. 2). São Paulo, São Paulo: Paz e Terra.

CIMI - Conselho Indigenista Missionário. (2008). Guarani Retã 2008. Brasília: SDS.

_____ (2008). Violência contra os povos indígenas do Brasil. Brasília: SDS.

Cláudio Luis de Camargo PENTEADO, M. B. (outubro de 2009). Metodologia de pesquisa de blogs de política: análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento "Cansei". Revista de Sociologia Política, pp. 159-181.

Derna PESCUMA, A. P. (2001). Referências Bibliográficas. São Paulo: Olho.

PARRA FILHO, D. (1998). Metodologia Científica. São Paulo: Futura.

DOOLEY, R. A. (2008). Apontamentos preliminares sobre o Ñandéva Guaraní contemporâneo. Acesso em 12 de abril de 2011, disponível em SIL - Sociedade Internacional de Linguística: http://www.sil.org/Américas/Brasil/publcns/ling/ GNApont.pdf

ECO, U. (1977). Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva.

FONSECA, A. A. (2006). O uso do diário virtual (blog) como portifólio digital: uma proposta de avaliação. XI Simpósio de Ciências da Comunicação na Região Sudoeste. Ribeirão Preto: INTERCOM.

DELEUZE, F. G. (2009). Mil Platôs (Vol. 3). São Paulo: Ed.34.

_____ (2009). Mil Platôs(Vol. 2). São Paulo: Ed.34.

_____ (2009). Mil Platôs(Vol. 1). São Paulo: Ed.34.

_____ (2009). Mil Platôs(Vol. 4). São Paulo: Ed.34.

_____ (2009). Mil Platôs. São Paulo: Ed.34.

GROSJEAN, F. (1984). Life with two Languages. Cambridge: Harvard University Press.

GRUPIONI, L. D. (2000). Índios no Brasil. São Paulo: Global.

HALL, S. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A.

HIGGINS, S. (2011). The State of the Blogosphere. Acesso em 20 de abril de 2011, disponível em Technorati: http://technorati.com/social-media/article/state-of-the-blogosphere-2011-introduction/

INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL. (2001). Guarani Kaiowa. Acesso em 23 de Fevereiro de 2011, disponível em Povos Indígenas do Brasil: http://pib.socioambiental.org

INSTITUTO SÓCIO AMBIENTAL. (2001). Guarani Ñhandeva. Acesso em 23 de Fevereiro de 2011, disponível em Povos Indígenas do Brasil:http://pib.socioambiental. org

CUMMINS, J. (1986). Bilingualism in Education. New York: Longman Group.

OLIVEIRA, J. P. (2006). A presença indígena na formação do Brasil. Brasília: SECAD/MEC.

KOMESU, F. (Julho/Dezembro de 2010). Espaços e fronteiras da “Liberdade de expressão” em blogs na internet. Trabalhos em Linguística Aplicada, pp. 343-358.

LÈVY, P. (2001). A conexão planetária. São Paulo: Editora 34.

_____ (2000). As tecnologias da inteligência. São Paulo: Editora 34.

LIMBERTI, R. d. (2009). Discurso indígena: aculturação e polifonia. Dourados: UFGD.

Luciano Santa BRÍGIDA, M. B. (2009). Os Blogs e o Jornalismo cidadão: um estudo de caso de blogs paraenses e ciranda na cobertura do Fórum Social Mundial. XXXXII

Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba: INTERCOM.

Maria Ceres PEREIRA, R. V. (2011). Política Linguística: o caso dos cenários bi(multi) língues. In: T. d.-H. Clarice Nadir von Borstel, Linguagem, Cultura e Ensino (pp. 49-65). Cascavel: Edunioeste.

MATTAR, J. (2005). Metodologia científica na era da informática. São Paulo: Saraiva.

MEGALO, A. H. (5 de agosto de 2005). Bilinguismo e educação bilíngue - discutindo conceitos. Revista Virtual de Estudos da Linguagem , pp. 1-13.

MARQUES, H. R. (2006). Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico. Campo Grande: UCDB Editora.

MELLO, F. C. (abril de 2007). Mbyá e Chiripa: identidades étnicas, etnômios e auto-denominações entre os Guarani do Sul do Brasil. Tellus , pp. 49-65.

MELLO, H. A. (1999). O falar bilíngue. Goiânia: UFG.

NOBRE, D. (2005). História do povo Guarani no Brasil. Tese de Doutorado em Educação, Ppg-UUF . Niterói: UFF/RJ.

OLIVEIRA, V. L. (outubro de 2004). Aecha ra'u: vi em sonho. História e memória Guarani Mbyá. Tellus, pp. 59-72.

ORLANDI, E. P. (2002). Língua e Conhecimento Linguístico. São Paulo: Cortez.

Oswaldo DUCROT, T. T. (2012). Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem. São Paulo: Perspectiva.

RIBEIRO, B. (1983). O índio na história do Brasil. São Paulo: Global.

RICARDO, C. A. (2000). Povos indígenas no Brasil 500: Porto Inseguro : 1996/2000. São Paulo: Instituto Socioambiental.

RODRIGUES, A. D. (2002). Línguas Brasileiras. São Paulo: Loyola.

SCHIAVETTO, S. N. (2003). A arqueologia guarani: construção e desconstrução da identidade indígena. São Paulo: Fapesp.

SECAD/MEC. (2007). Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola. Brasília: SECAD/MEC.

SEVERINO, A. J. (2000). Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez.

SILVEIRA, S. A. (2001). Exclusão Digital. São Paulo: Perseu Abramo.

UENO, C. (junho de 2011). Bilinguismo Infantil - Além dos signos. Revista Saber Acadêmico, pp. 82-92.

VEIGA, S. (2008). Como Escrever uma tese. São Paulo: Thompson Learning.

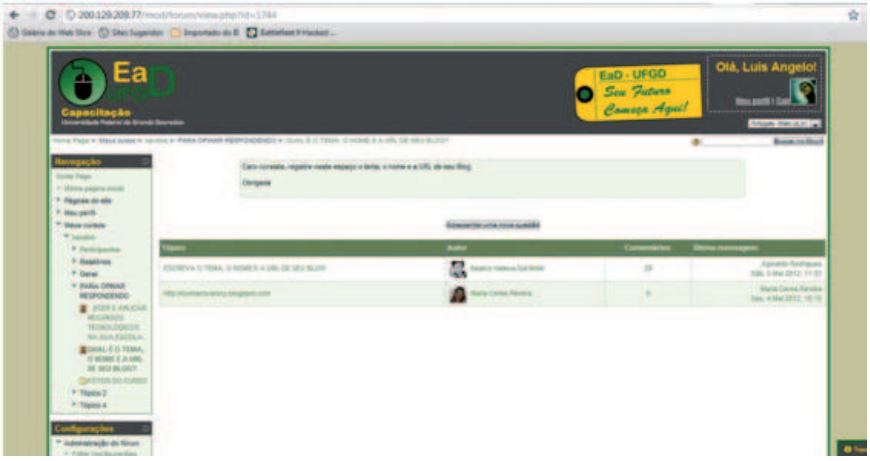
ANEXOS

Anexo 1 – Página principal do Webkandiré na plataforma *Moodle*.

Anexo 2 – Página do Webkandiré dentro da plataforma *Moodle* com os participantes do curso inscritos na plataforma.

Anexo 3 – Fórum doWebkandiré, dentro da plataforma *Moodle*.

Anexo 4 – Fórum do Webkandiré, em detalhamento: tópicos.



Anexo 5 – Fórum do Webkandiré, em detalhamento: respostas ao fórum.

Anexo 6 – Blog E.E.I. Pamaali.

Anexo 7 – Blog E.E.I. Uruity.

Anexo 8 – Blog Xumé Terena Rubens RP.

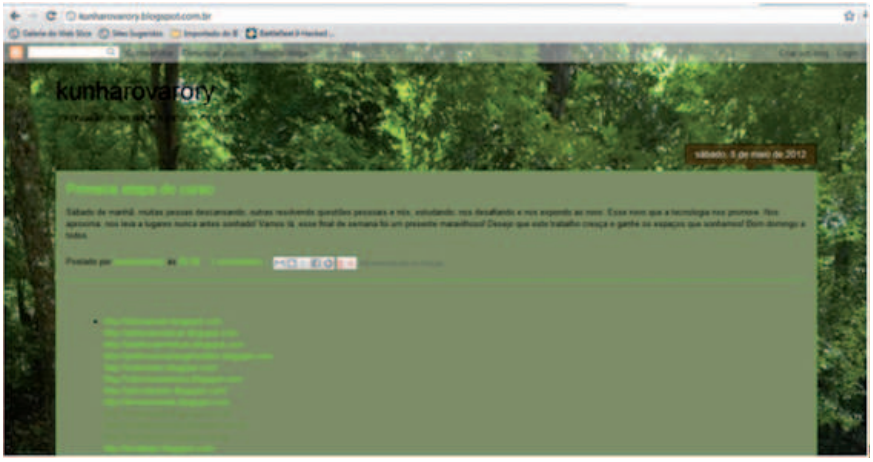
Anexo 9 – Blog Tembiapoete.

Anexo 10 – Blog Tekorenda.

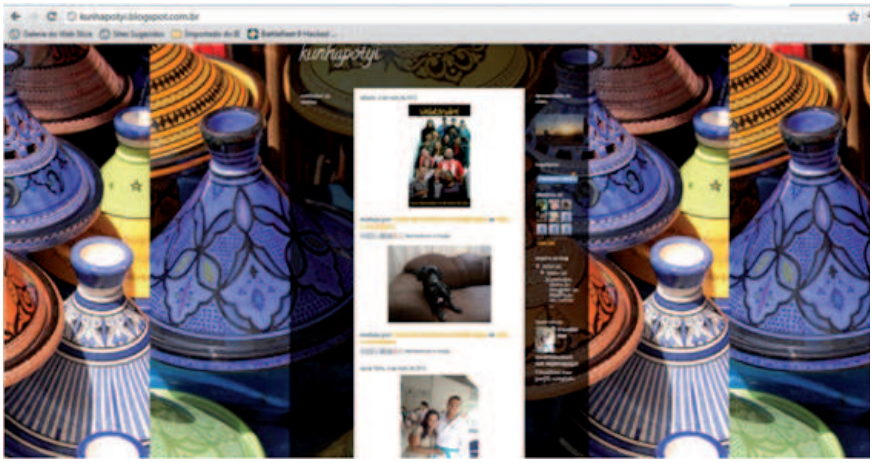
Anexo 11 – Blog ÑandeReko.

Anexo 12 – Blog Lidyitunaevoti.

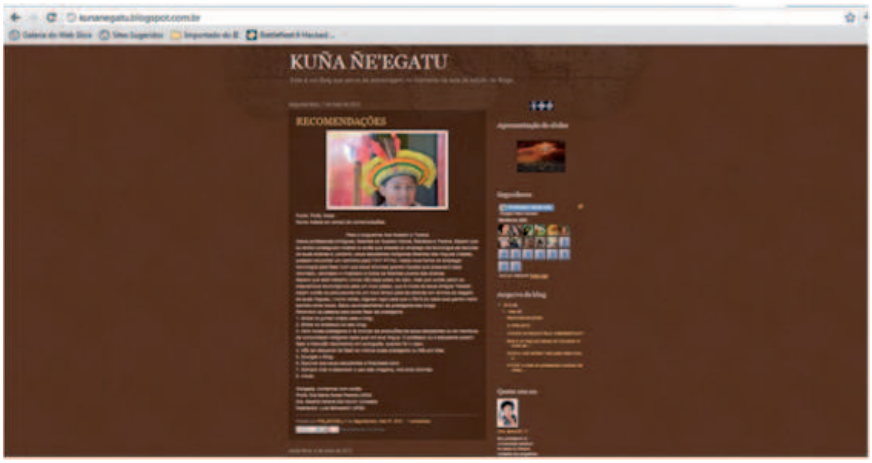
Anexo 13 – Blog Kunharovarory.



Anexo 14 – Blog Kunhapoty.



Anexo 15 – Blog KuñaÑe´egatu.

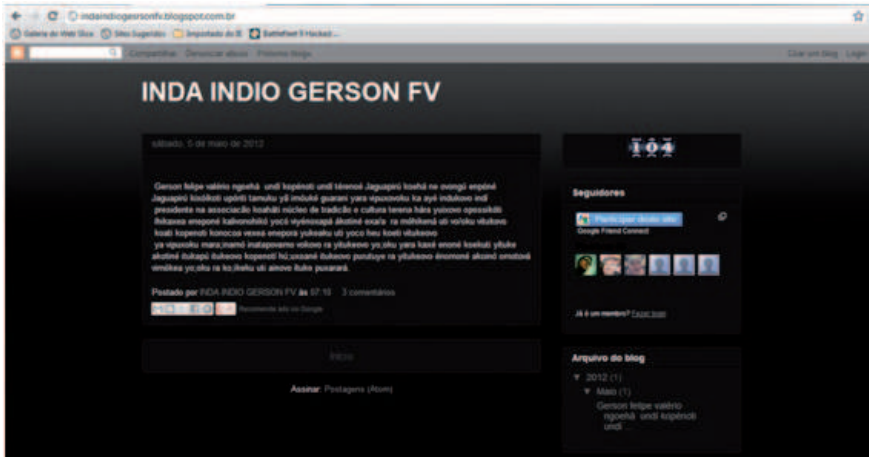


Anexo 16 – Blog Kroruy.

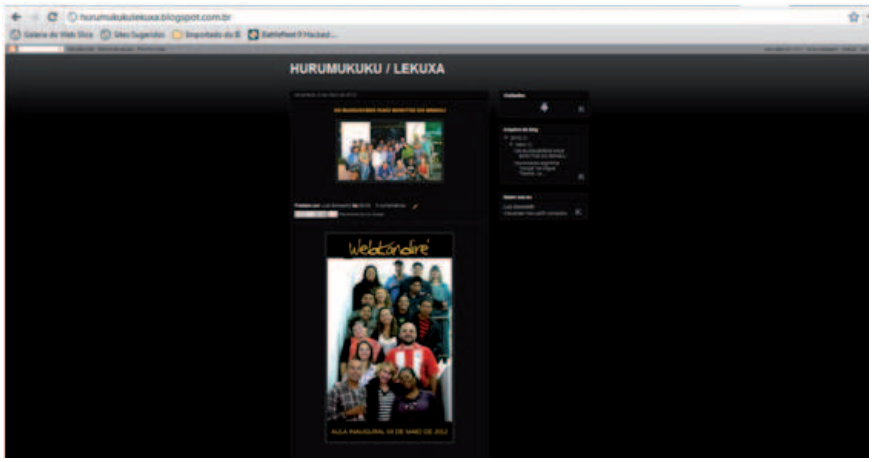
Anexo 17 – Blog Kalysîni Terena.

Anexo 18 – Blog Kalysîni Terena.

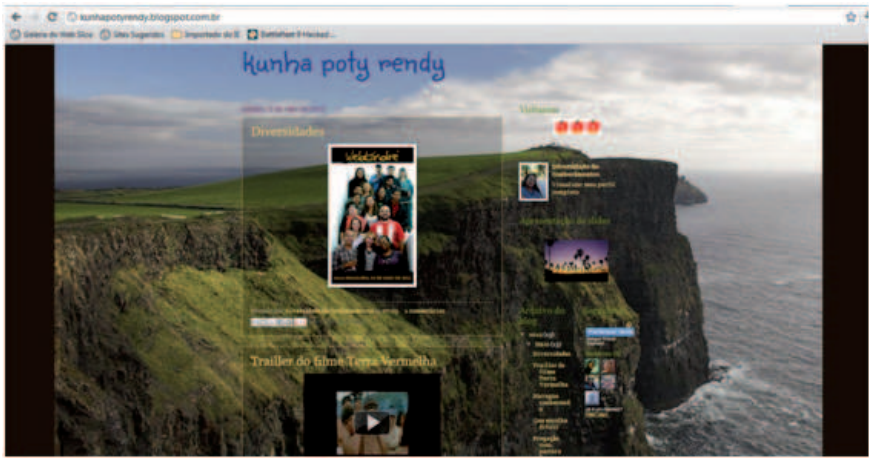
Anexo 19 – Blog Inda Índio Gerson FV.



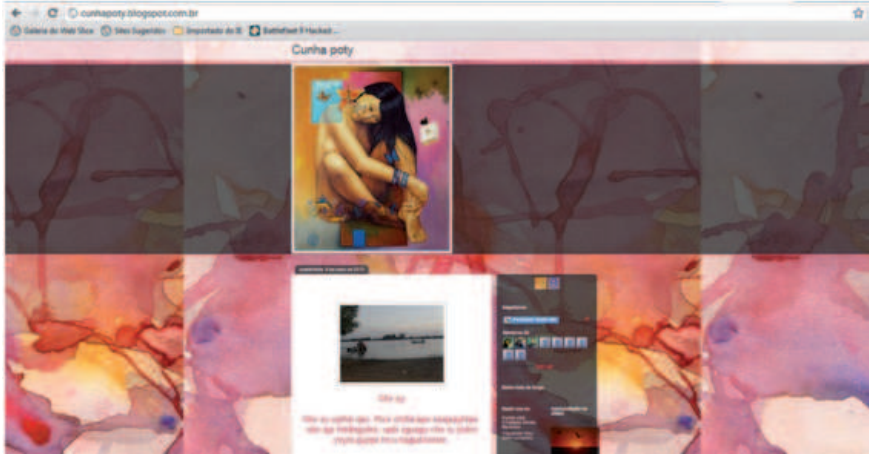
Anexo 20 – Blog Hurumukuku / Lekuxa.



Anexo 21 – Blog Kunha Poty Rendy.



Anexo 22 – Blog Cunha Poty



Anexo 23 – Blog Cukapyra01

Anexo 24 – Blog Avanhee2012

Anexo 25 – Blog Ava Guarani

Anexo 26 – Blog Avanhee2012